



DESDE 8 DE ABRIL DE 2000

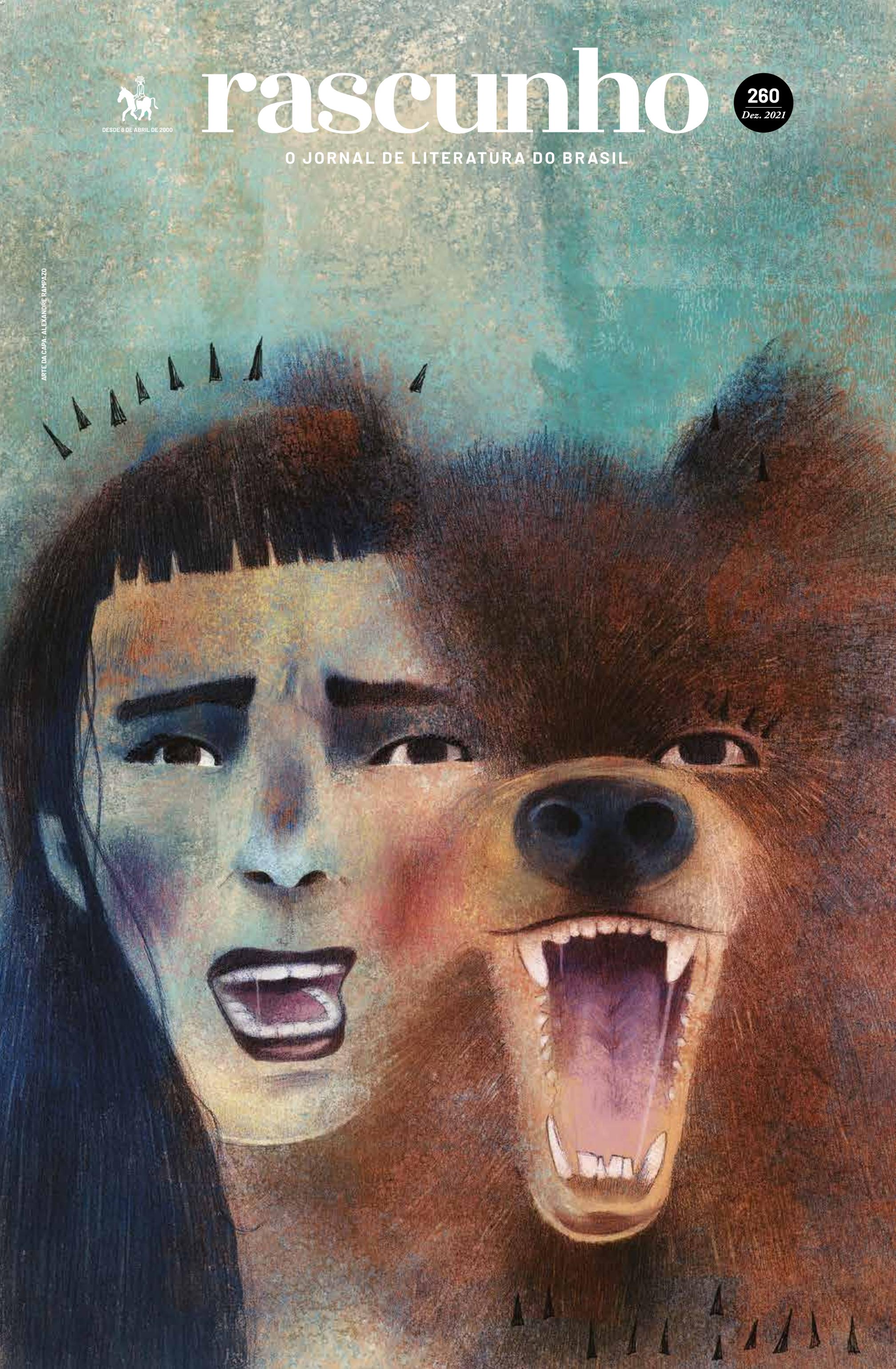
rascunho

260

Dez. 2021

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

ARTE DA CAPA: ALEXANDRE RAMPAZO



6

Entrevista

Antônio Torres



24

Paol Literário

Patrícia Melo



16

O Brasil de Antonio Callado

Faustino Rodrigues



36

As feras de Nastassja

Aparecida Vilaça



19

Inquérito

Carla Madeira



40

Poemas

Desmond O'Grady



rascunho
O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

desde 8 de abril de 2000

Rascunho é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda.
CNPJ: 03.797.664/0001-11
Caixa Postal 18821
80430-970 / Curitiba - PR

rascunho@rascunho.com.br
www.rascunho.com.br
[twitter.com/@jornalrascunho](https://twitter.com/jornalrascunho)
facebook.com/jornal.rascunho
instagram.com/jornalrascunho
[whatsapp \(41\) 99109.4352](https://whatsapp.com/99109.4352)

EDITOR

Rogério Pereira

EDITOR-ASSISTENTE

Luiz Rebinski

EDITORA DE POESIA

Mariana Ianelli

EDITOR DE FICÇÃO

Samarone Dias

DIRETOR DE ARTE

Alexandre De Mari

REDAÇÃO

João Lucas Dusi
Raissa Micheluzzi

DESIGN

Thapcom.com

IMPRESSÃO

Press Alternativa

COLONISTAS

Alcir Pécora
Eduardo Ferreira
Fabiane Secches
João Cezar de Castro Rocha
Jonatan Silva
José Castello
José Castilho
Luiz Antonio de Assis Brasil
Maira Lacerda
Nelson de Oliveira
Nilma Lacerda
Noemi Jaffe
Ozias Filho
Raimundo Carrero
Rinaldo de Fernandes
Rogério Pereira
Tércia Montenegro
Wilberth Salgueiro

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Amanda Prado
Ana Luiza Rigueto
André Caramuru Aubert
Andrea Zanzotto
Aparecida Vilaça
Desmond O'Grady
Faustino Rodrigues
Luiz Paulo Faccioli
Luiz Rebinski
Marcos Alvito
Márcia Lígia Guidin
Marina Tsvetáeva
Matheus Lopes Quirino
Otto Leopoldo Winck
Patrícia Peterle
Simone Teodoro
Thainá Carvalho
Thássio Ferreira
Verônica Filippovna

ILUSTRADORES

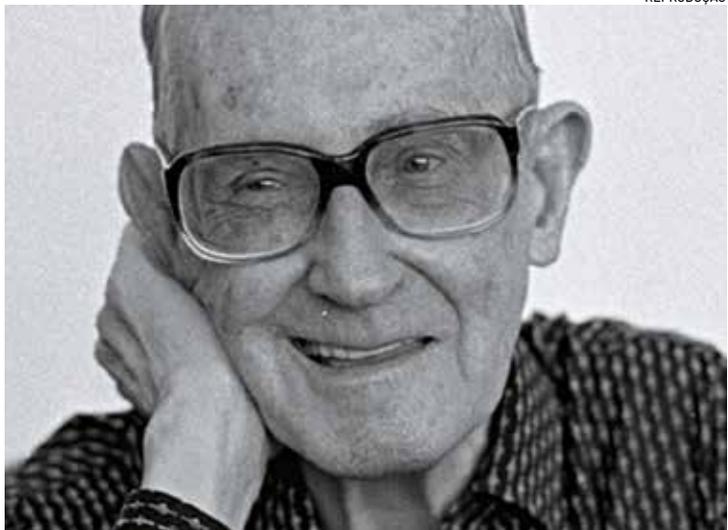
Alexandre Rampazo
Carolina Vigna
Denise Gonçalves
Denny Chang
Juliano Soares
Maira Lacerda
Mariana Tavares Mello
Raquel Matsushita
Tereza Yamashita
Thiago Thomé Marques

jonatan silva

VIDRAÇA

De volta à velha casa

REPRODUÇÃO



Carlos Drummond de Andrade voltará a ser publicado pela Record, após a Companhia das Letras anunciar que não houve acordo com os herdeiros do poeta. Segundo as tratativas, a Record será responsável por editar todos os livros do escritor, enquanto a José Olympio publicará edições especiais e versões *fac-símiles* das obras de Drummond. O negócio, que não teve valores revelados, prevê no total a publicação de 63 títulos em diversos formatos.

Novo imortal

O cantor e compositor Gilberto Gil foi eleito em novembro imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL). O artista, que em 1968 ironizou a ABL na capa de seu disco *Gilberto Gil*, recebeu 21 dos 34 votos, batendo o poeta Salgado Maranhão e o crítico Ricardo Daunt. Gil ocupará a cadeira de número 20, que já teve entre seus ocupantes o general Aurélio de Lyra Tavares, eleito pouco depois do Golpe Militar de 1964, marcando uma das páginas mais vergonhosas da Academia.

Médico no lugar de indígena

E por falar na ABL, o escritor Daniel Munduruku, um dos nomes mais importantes da literatura indígena, não foi páreo para o neurocirurgião Paulo Niemeyer Filho, eleito para a cadeira 12. O doutor recebeu 25 dos 34 votos possíveis. Munduruku contou com uma carta de apoio assinada por mais de cem autores brasileiros, entre eles Xico Sá, Alice Ruiz, Milton Hatoum e Chico Buarque. Os acadêmicos não se sensibilizaram com as “mal traçadas linhas”.

Premiação

João Anzanello Carrascoza e Marcelo Labes venceram as duas principais categorias do Prêmio Biblioteca Nacional. Carrascoza levou na categoria contos com **Tramas de meninos** (Alfaguara). **Três porcos** (Caiaponte), de Labes, venceu como melhor romance. **Textos para lembrar de ir à praia** (Reformatório), de Rodrigo Luiz P. Vianna, levou na categoria poesia. **Kafka e Schopenhauer: zonas de vizinhança**, de Maurício Arruda Mendonça, foi escolhido na categoria ensaios literários, enquanto **Feitiços [Charmes]**, de Paul Valéry, traduzido por Roberto Zular e Álvaro Faleiros, foi eleito a melhor tradução.

Finalmente

Julio Ramón Ribeyro, escritor peruano ofuscado pelo seu conterrâneo Vargas Llosa, terá mais um livro publicado no Brasil. Depois de **Prosas apátridas**, que saiu pela Rocco, agora é a vez de **Os urubus sem penas**, que estará disponível com tradução de Silvia Massimini Felix, pela Moinhos.

Por aqui

O senegalês Mohamed Mbougar Sarr, que levou neste ano o Prêmio Goncourt, o mais importante da França, já tem casa certa aqui no Brasil. A Fósforo anunciou que irá lançar o livro mais recente do autor, **La plus secrète mémoire des hommes** (**A mais secreta memória dos homens**, em tradução livre). Apesar do frisson sobre o nome de Sarr, a previsão de lançamento é somente para 2023.

Ainda inédito

O sul-africano Damon Galgut venceu o Man Booker Prize de 2021 com **The promise**, romance ainda sem previsão de publicação no Brasil. Considerado, ao lado do Nobel de Literatura de 2003, J. M. Coetzee, um dos nomes mais importantes da literatura da África do Sul, Galgut é pouquíssimo lido no Brasil. Com mais de dez obras, entre prosa e textos para teatro, somente **O bom médico**, publicado pela Companhia das Letras, e **Em um quarto estranho** e **O impostor**, ambos lançados pela Record, estão acessíveis ao leitor brasileiro.

Breves

• A Arte & Letra publicou em novembro **Mergulho ancestral**, o novo livro de poemas do escritor, tradutor e professor Rodrigo Tadeu Gonçalves.

• **Amoroso**, a biografia de João Gilberto, escrita por Zuza Homem de Mello, entrou para a lista de mais vendidos do site *PublishNews*, na primeira semana de novembro. O livro ficou em 19º lugar, com 178 exemplares vendidos.



• **Duna**, de Frank Herbert, está na lista de mais vendidos. A obra-prima de ficção científica, que teve quase 600 exemplares vendidos na semana de lançamento do filme homônimo, dirigido por Denis Villeneuve, tem sido redescoberta por um público mais jovem graças ao longa.

eu, o leitor

cartas@rascunho.com.br

No Twitter

A crônica *A matemática do abraço*, da Giovana Madalosso, ficou linda.

Ivan Jesus Junior

Isso sim é crônica [*A matemática do abraço*].

Obrigada, Giovana Madalosso.

Sandra Modesto

A edição brasileira de 1988 saiu com o nome de **Más companhias**, encaixa melhor do que **Mau comportamento**. De qualquer forma, a boa notícia é que o livro está aí novamente para quem deixou passar [*sobre a recente edição do livro da norte-americana Mary Gaitskill*].

Alessandro Dogman

Leio Patrícia Melo [que participou da 10ª temporada do Paiol Literário] há muito tempo. Ela sempre escreve livros que dão vontade de virar a página e continuar lendo. É viciante!

Conte de novo

No Instagram

Adoro as biografias que o Ruy Castro escreve.

Acho que tenho todos os livros dele [*sobre a notícia de que o autor ganhou o Prêmio Machado de Assis*].

Sonia Maria Arêas Brito

A capa do **Rascunho** de novembro está belíssima.

Sofia Lopes

O **Rascunho** é incrível. Adoro o trabalho de vocês. Sigo apoiando e lendo.

Carolina Teixeira

Adoro conhecer os processos criativos dos escritores [*sobre a participação de Edyr Augusto no Paiol Literário*]

O segredo do Artigo

Vamos dar nome aos bois. No verão passado, uma ESCRITORA premiada com seus livros sendo objeto de teses e dissertações pelo país e reconhecida internacionalmente teve sua candidatura negada. Neste ano, elegem uma senhora distinta e renomada [Fernanda Montenegro] que nunca escreveu, pois sua biografia foi feita com “colaboração” de jornalista. A diferença entre as duas? Uma é branca.

Filipe Bandeira

No Facebook

A crônica *Paixão*, de Nara Vidal, é linda.

“A paixão sempre a nos cegar.”

Ruth Simão Paulino

O **Rascunho** é generoso, abrindo portas para novos autores.

Tenho muito orgulho de ter aqui comigo a resenha do romance **Ao pó**. Minha primeira resenha no impresso.

Morgana Kretzmann

Aplausos à ABL! Parabéns, Gil, imortal das nossas letras! [*sobre a eleição de Gilberto Gil para a Academia Brasileira de Letras*]

Tarcísio Fernandes Cordeiro

Gilberto Gil na ABL é um escritor a menos lá. Nada contra o Gil, mas ele já está eternizado na história da música brasileira. Nem deveria se submeter a essa situação.

José Nascimento



arte da capa:
ALEXANDRE
RAMPАЗO



eduardo ferreira

TRANSLATO

DANTE OUTRA VEZ

A **divina comédia** é mesmo fonte constante de inspiração. Assim tem sido através dos séculos. Já tive oportunidade de comentar, neste espaço, algo da tradução para o português de José Pedro Xavier Pinheiro. Volto à obra-prima, original e versão, para ressaltar mais alguns versos que suscitam questões sobre linguagem e tradução.

Estamos agora não no inferno, mas já no paraíso, último estágio da viagem de Dante pelos três planos.

Lemos ali, no Canto XX, diálogo entre Dante e a águia, símbolo da justiça. A ave procura responder a uma questão suscitada pelo poeta, sobre a presença no Céu de alguns espíritos de fé supostamente duvidosa. A conversa tange temas referentes ao entendimento real de conceitos ocultos detrás das palavras.

Diz a águia: “És como quem da cousa o nome vero/ Aprende; mas inota fica a essência,/ Se não a explica espírito sincero” (versos 91 a 93). A interpretação deve sempre mediar entre a palavra dura — o nome vero — e sua essência, seu sentido último, que, no fundo, lhe dá utilidade.

Mas será que o tradutor, mesmo os melhores do ofício, conseguiriam surpreender o autor no ato mesmo de sua escritura original? Conseguiriam, assim, perscrutar a própria essência da escritura?

É fato na tradução que a estruturação do texto e as intenções do autor são plenos de sentidos que nem sempre são captados pelo leitor e, antes, mesmo pelo tradutor. Daí os seguidos desencontros, senão mal-entendidos, entre original e tradução. Desconcertos, enfim, praticamente inevitáveis.

A tradução será sempre uma entre tantas outras infinitas possíveis. A menos que venha um espírito sincero a explicar a essência. Mas mesmo assim, quem entenderá a explanação? E qual será o índice de acerto desse espírito sincero?

Ao tradutor, sempre caberá buscar sentidos ocultos — a essência? — nas nervuras finas e salientes do texto. Terá sempre que deixar seu olhar escorrendo diligente ao longo do papel, em esforço constante de interpretação. Desconfiando, sempre, da impaciência que tem o texto de mostrar-se. E buscando não necessariamente a verdade evidente,

mas a versão hipotética. Será essa estratégia mera desmesura ou a busca real da essência?

Em outro ponto do paraíso, no Canto XXVI, lemos a fala de Adão a Dante, discorrendo sobre a impermanência das coisas humanas e, em especial, das línguas: “Antes que a gente de Nemrod consinta/ Em meter mãos à obra interminável/ A língua, que falei, se achava extinta” (versos 124 a 126); e “A humana fala a natureza expressa;/ Por ela o modo de falar deixado/ Ao homem está, segundo lhe interessa” (versos 130 a 132).

Não é pouca coisa que o próprio Adão nos fale, via Dante, da evolução das línguas. Ele que articulou a língua original humana agora via, já no paraíso e milênios distante de seu período terreno, a lenta e gradual evolução das línguas. Adão apontava o óbvio, talvez com um travo de tristeza: sua língua original já não existia nos tempos da Torre de Babel, ou seja, vários séculos após sua morte (sendo, aqui, claro, muito conservador na contagem do tempo). Uma língua a menos na Babel, o que, ainda assim, certamente não lhe reduzia a confusão.

No segundo terceto (130-132), Adão manifesta sua visão — de um ponto de vista deveras privilegiado, aliás — sobre o caráter da fala humana. Qualifica a língua como obra da natureza. Mas específica que cabe ao homem dar-lhe sua própria direção, “segundo lhe interessa”.

É essa direção, entre tantos outros aspectos, que caberá ao tradutor identificar em cada texto específico, segundo lhe interesse. **📌**



rinaldo de fernandes

RODAPÉ

LAÇOS DE FAMÍLIA E O TEATRO DA HARMONIA PRECÁRIA (2)

O **terceiro movimento** do conto *Laços de família*, de Clarice Lispector, é este: Quando a mãe viaja, Catarina — e o processo epifânico chega ao ápice no conto — torna-se outra, mais leve, livre e forte: “Sem a companhia da mãe, recuperara o modo firme de caminhar: sozinha era mais fácil”. Catarina abre-se para o mundo,

expande-se para a vida: “Alguns homens a olhavam, ela era doce [...]. Caminhava serena, moderna nos trajes, os cabelos curtos pintados de acaju. E de tal modo haviam-se disposto as coisas que o amor doloroso lhe pareceu a felicidade [...], a força fluía e refluía no seu coração com pesada riqueza”. Livre da mãe, que no entanto “lhe ardia no peito”, Catarina “parecia

disposta a usufruir da largueza do mundo inteiro”. Aqui, portanto, a personagem já se iluminou, já percebeu as proporções do que são os vínculos familiares. Daí a firmeza e o poder de decisão de Catarina que terminam abalando Antônio, que, assim que a mulher retorna para casa vindo da estação, passa a cismar e/ou a se interrogar sobre o comportamento dela.

Quarto movimento: O movimento final do conto é do foco narrativo deslocado para Antônio, perscrutando-lhe o interior, externando-lhe a inquietação diante do estranho em que se tornou o tão familiar. Antônio descobre, bastante incomodado, uma Catarina imprevisível, arrojada, sólida em seus passos, saindo de casa para uma volta e conduzindo pela mão o filho: “Pela janela via sua mulher prendendo com força a mão da criança e caminhando depressa, com os olhos fixos adiante [...]. Vistas de cima, as duas figuras perdiam a perspectiva familiar, pareciam achatadas ao solo e mais escuras à luz do mar. Os cabelos da criança voavam...”. Desafogo, desopressão do feminino — é a metáfora que encerra o texto. **📌**

pu
bli
que!

- Diagramação
- Ilustrações exclusivas
- Capas
- Revisão
- Edição
- Fechamento de arquivo
- Ebook, Epub e Mobi
- Impressão
(com tiragem sob medida para seu projeto)



**Fazemos seu
livro/ebook**


thapcom
design + ideias

 (41) 99933-4883

www.thapcom.com



josé castello

A LITERATURA NA POLTRONA

MONÓLOGO DE UMA VELHA

Ilustração: **Raquel Matsushita**

Não vi a velha quando entrei no elevador. A pressa nos cega. Além disso, os idosos — a prova mais brutal da passagem do tempo — se tornam invisíveis. Se os vemos, vemos o tempo que se desenrola à nossa frente. Um tapete cheio de dentes, prontos para nos mastigar. Então, negamos o que vemos. Pelo mesmo motivo, evito os espelhos.

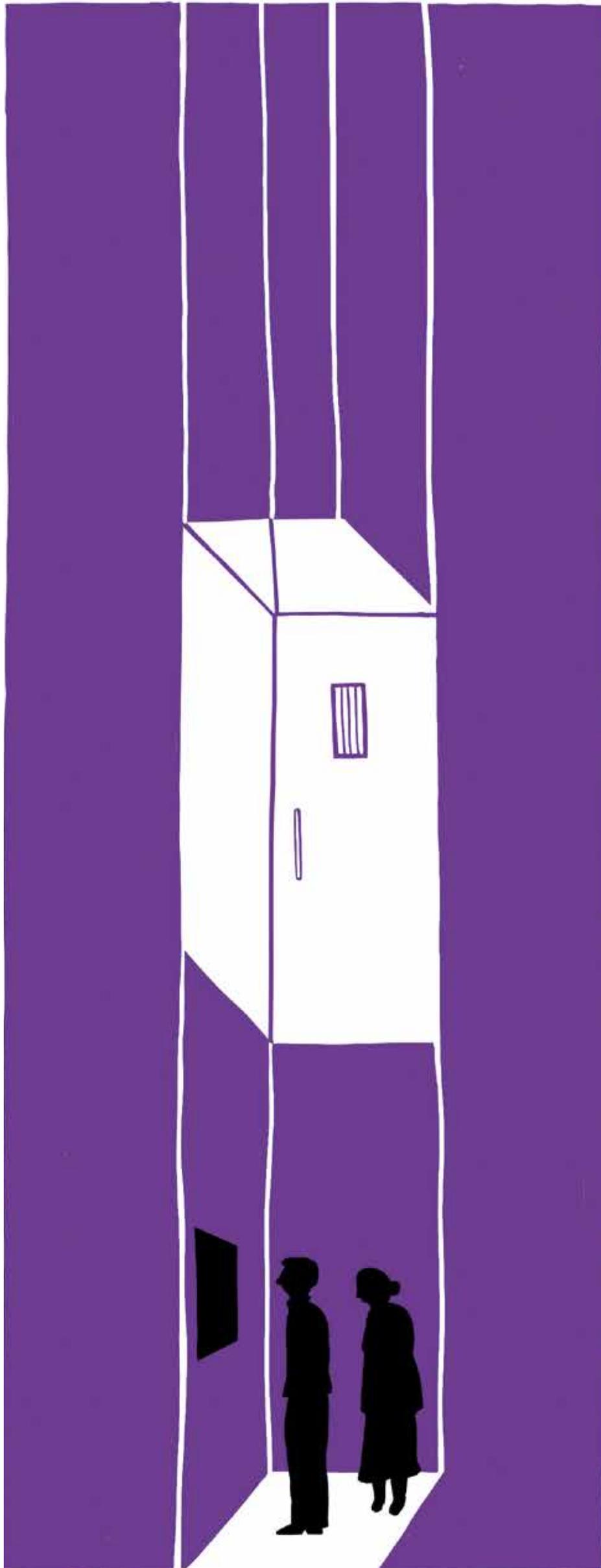
O elevador fede a desinfetante. Isso não disfarça o ranço que emana do poço. O espelho, em que examino minhas olheiras, está embaçado. Tudo está velho, não só a velha. Também sou um velho, então é impróprio que eu a chame de velha, mas continuarei a fazer isso. Estou aborrecido. Agora que tomo essas notas no café da esquina, sinto uma irritação ainda maior. Não vou pedir desculpas por isso. Lamento.

A porta do elevador se fecha. Por mania, por vício, aperto pela segunda vez o botão do décimo andar. Não sei por que o senhor Joãozinho escolheu um edifício tão catiguento para seu escritório de contabilista. Só veste roupas antigas, compradas em brechós. Usa uma peruca vermelha e desbotada. Também é um velho, só que faz questão de acentuar isso.

O elevador choraminga. Alguns andares acima, creio que entre o quinto e o sexto andar, dá um tranco e para. Para completamente, diante de uma parede branca. Tento os botões de socorro, nenhum funciona. Não há um telefone de emergência. Só então noto que a velha, sem dar atenção a meu desespero e como uma condenada, se limita a olhar para o chão.

“Fique calma”, eu digo. “Logo nos tirarão daqui”. Ela ri. Primeiro só esboça um sorriso, macilento, desdentado, enjoativo. Logo depois, como se espirrasse, solta uma gargalhada. Muitas pessoas choram de alegria, por que a velha não pode gargalhar de pavor? “Tomara que isso demore. Que demore muito”, ela me diz. Diante de meu estupor, acrescenta: “Tomara que demore e não se resolva”.

Acendo, mas logo apago a lanterna do celular. Ficamos no escuro. Não quero encarar a velha. Instala-se, então, uma atmosfera de confissão. Talvez de terapia — que, em geral, se faz à meia-luz. A velha insiste: “Melhor assim. Melhor que tudo exploda”. Pergunto por que diz isso. Não seria um alívio sair daquela gaiola? Ao longe, vozes incompreensíveis. Peças estalam, marteladas, o barulho de correntes. Tentam fazer alguma coisa.



“Tudo uma bobagem”, a velha insiste. “Tomara que o apocalipse chegue logo. Que chegue antes deles. Desses que se acham nossos salvadores.” O elevador é apertado. Seu bafo azedo se espalha no ar. O cheiro de seu suor. A fedentina. Os miasmas — como na homeopatia. Uma fragrância de colônia barata. Tudo misturado. Sinto náuseas. “A senhora se acalme”, peço. Responde, muito calma, que está calma, só está furiosa. Tudo desmorona em sua vida. Nada presta. Melhor a explosão. Melhor, como em João, o apocalipse.

Não tem emprego. Não recebe aposentadoria. Come mal — quando come. “Uma danação.” Está ali para visitar um agiota. Cuida de duas netas menores. A mãe morreu, espancada por um policial. “Tentava roubar um pacote de feijão. O senhor sabe o que é um pacote de feijão?” Um policial à paisana, que fazia suas compras, largou o carrinho e voou sobre ela. “Minha filha era corajosa. Reagiu e esbofeteou o homem.”

Jogaram-na no chão. Um rapaz musculoso passou a chutá-la. O segurança se empolgou e fez o mesmo. O policial, primeiro, observou a cena. Depois, simulando um salvamento, a arrastou pelo pescoço. Mais dois ou três homens se lançaram sobre ela. Todos gritavam: “Vagabunda!” Não se sabe como ela morreu. Talvez asfixiada, ou enforcada. Quando deram por si, estava morta. Foi o que a velha ouviu, dias depois, de uma atendente do caixa.

Ficou com os dois netos pequenos. Não tem como comprar comida. Se compra comida, não paga o aluguel. O agiota, indicado por uma vizinha, é sua última esperança. “Por que última?” — pergunto. Se não der certo, me joga. Não disse de onde se jogaria. Imaginei uma janela, uma linha de trem, um viaduto. “E as crianças?” — pergunto. “Levo comigo. Serão um presente que darei a Deus.”

O ar se torna mais pesado. Mal posso respirar. Nossos salvadores continuam em silêncio. Desistiram? Só por mania, ligo a lanterna para examinar a cara da velha. Ver se a velha é mesmo uma mulher. Se é humana. Se existe, ou é só um delírio meu. “O senhor não sabe de nada”, ela resmunga. “Pela sua camisa, logo se vê. O senhor deve ter cartão de banco.”

Será que pretende explodir o elevador? Mas como faria isso? É só uma velha — ou será uma terrorista disfarçada? Uma mulher bomba? Volto a inspecioná-la com a lanterna. “Tire essa luz da minha cara”, pede. “Por que me examina tanto?” O elevador passa a tremer. Amparo-me em uma parede. A velha continua hirta. Talvez saiba flutuar.

Penso no meu medo — um medo viril, discreto, disfarçado, mas medo. Estou apavorado. Quanto à velha, ela está à beira de alguma coisa que me escapa. Irá me atacar? Terá na bolsa uma gilete, uma faca, um revólver? Subia para, como em Dostoiévski, assassinar seu agiota? O que exatamente deseja explodir?

“O senhor tem medo de mim. Tem medo porque estou desesperada. Porque fedo. Porque quero que o mundo exploda.” Toca em um ponto. Naquele ponto. A velha nada tem a perder. A um passo da loucura, ainda conserva a lucidez insana dos terroristas. Tem um plano. Só pode ter. Segue um script. Terá gráficos? Planilhas? Mapas? Quem a comanda?

Busco uma ordem onde não há ordem alguma. Sentido onde não há sentido. A velha se afoga. Minha mão lhe é inútil. Talvez já tenha se afogado. Já está morta? Falo com um cadáver? Resta-me o papel de testemunha. Sepultá-la no túmulo do elevador. O problema é que estou a seu lado. Serei enterrado junto.

Até que o elevador dá um tranco, as luzes acendem e ele volta a subir. A velha ameaça: “É agora que tudo vai explodir”. Abraça-se à bolsa. Arregala os olhos. Está pronta. Para quê? Por sorte, salto antes dela. No dia seguinte, os jornais anunciam que, no bairro de X, uma velha foi morta, a marteladas, por um agiota. Tenho o jornal aberto diante de mim. As folhas sangram. Folhas não sangram. Sem pagar, fujo do café. Ainda estarei vivo?

entrevista

ANTÔNIO TORRES

GUILHERME GONÇALVES/ ACERVO ABL



A paciente construção do edifício

Após 15 anos sem publicar romance, o baiano Antônio Torres volta com **Querida cidade**, uma história sobre busca e autoconhecimento nascida de um sonho

LUIZ REBINSKI | CURITIBA - PR

Livros de longa gestação não são raros na literatura. James Joyce levou quase uma década para finalizar **Ulysses**. Paulo Leminski foi visto durante anos carregando pra cima e pra baixo os manuscritos do que viria a ser seu romance experimental **Catatau**. O baiano Antônio Torres empreendeu jornada parecida com **Querida cidade**, lançado após 15 anos de espera e que chega agora aos leitores pela Record.

O livro, diz o escritor, nasceu de um sonho, assim como anos antes havia lhe ocorrido a história de **Um táxi para Viena d'Áustria**, romance publicado em 1991. “Eu acordava no último andar do edifício mais alto de uma cidade encoberta pelas águas”, explica Torres sobre o sonho que o levou ao **Querida cidade**. “Foi, portanto, essa imagem — a do reflexo de um homem no espelho das águas, muito bem captada pelo autor da capa do livro, Leonardo Iaccarino — o ponto de partida do romance.”

Com 12 romances, Torres enfatiza que no processo de escrita, deixou se “levar pelas águas do tempo numa boia que eu chamaria de *a dialética do discurso ficcional*: palavra puxando palavra, história trazendo histórias”.

É uma explicação bastante crível para o livro, cuja linguagem traz a nítida impressão de ter sido burilada com exaustão. O início mais enigmático, com passagens poéticas, pode assustar o leitor menos afeito a experimentos literários. Mas aos poucos o autor une narrativa e linguagem numa coisa só.

Trata-se da história de um personagem e uma cidade sem nomes. Vindo do interior, ele tenta superar obstáculos do cotidiano — a sobrevivência na cidade grande, a formação precária, etc. — e fantasmas que pairam em sua alma. O romance é todo construído assim, em uma espécie de embate entre a vida que levamos no dia a dia e a vida interna, da qual ninguém mais tem acesso, a não ser quem a vive.

“A longa e paciente construção da narrativa dessa **Querida cidade** deveu-se exatamente ao fato de o seu autor não ter na cabeça a mínima ideia de como iria desenvolvê-la”, explica Torres, que é imortal da Academia Brasileira de Letras. “Foi como construir um edifício sem um projeto arquitetônico, mas que, tijolo a tijolo, acabou por ficar de pé.”

Nascido em Sátiro Dias, na Bahia, Torres rodou o mundo por conta dos livros que escreveu. Na

década de 1960 viveu três anos em Portugal e visitou universidades na Europa e nos Estados Unidos. Após décadas no Rio de Janeiro, se autoexilou em Itaipava, região serrana fluminense. Sobre esse percurso literário, que em 2022 completa 50 anos, Torres conversou com o **Rascunho**.

• Seu último romance havia sido **Pelo fundo da agulha**, de 2006. Por que esse “silêncio” tão grande?

Porque o processo de escrita de **Querida cidade** me pediu tempo. Frase a frase, parágrafo a parágrafo, página a página me vinham aos ouvidos a tradução que Augusto de Campos fez de um minipoema de Boris Pasternak, *O dom da poesia*, ao qual eu tanto recorri nas oficinas literárias que conduzi em tantos lugares. Então fui sendo levado por isto: “Deixa a palavra escorregar,/ Como um jardim, o âmbar e a cidra,/ Magnânimo e distraído,/ Devagar, devagar, devagar”. No princípio, a lentidão com que o texto ia saindo me angustiava. Até me perguntar se essa vagareza não acabaria por ser benéfica para o cômputo geral do romance. Agora, cabe à querida leitora e ao caro leitor dizer se tal graça foi alcançada. Ou não.

• **O quanto desses 15 anos foi dedicado ao *Querida cidade*?**

Algo em torno de 12 anos. Mais precisamente, de 29 de agosto de 2009 ao final de fevereiro deste 2021, o mês em que fiz os polimentos linha a linha em vários capítulos, me lembrando do tempo em que minha mãe ficava horas e horas a passar um pente fino nos cabelos das minhas irmãs, para tirar-lhes as lên-deas. E nisso acabei ficando com vontade de passar o resto da vida a pentear essa *Querida cidade* para deixá-la irretocável, linda de morrer (risos).

• **O livro mais recente retoma alguns elementos presentes em sua obra, como a questão do êxodo (autoexílio) e uma certa dicotomia entre o ambiente rural e urbano. De alguma maneira, *Querida cidade* faz uma síntese de seu trabalho literário, após décadas escrevendo?**

Não tive essa intenção. Mas é aquela história: o autor propõe, e o teclado dispõe. *Querida cidade* é o segundo dos meus romances escrito a partir de um sonho. (O outro foi *Um táxi para Viena d'Áustria*, de 1991). No primeiro, sonhei que matava um amigo com dois tiros num apartamento em Ipanema, no Rio de Janeiro, jogava a arma na lixeira, descia correndo pelas escadas do edifício número 3 da Rua Visconde de Pirajá, e entrava num táxi para fugir da polícia. Na realidade, acabei indo parar no divã de uma psicanalista, quatro vezes por semana, durante quatro anos, querendo entender que violência era aquela que carregava dentro de mim. No segundo, eu acordava no último andar do edifício mais alto de uma cidade encoberta pelas águas. Foi, portanto, essa imagem — a do reflexo de um homem no espelho das águas, muito bem captada pelo autor da capa do livro, Leonardo Iaccarino — o ponto de partida de um romance, no qual me deixei levar pelas águas do tempo numa boia que eu chamaria de *a dialética do discurso ficcional*: palavra puxando palavra, história trazendo histórias. Nisso, claro, acabei por revisitar cenários de outros dos meus romances, vistos agora como um feixe de imagens batidas pelo sol, pela chuva, pelo tempo. Mas é aquela (outra) história: quando um autor tenta explicar o seu livro, corre o risco de limitá-lo.

• **O livro inicia de uma maneira bastante enigmática, com uma linguagem às vezes cifrada que lembra as narrativas elípticas do irlandês Samuel Beckett, com as informações sobre os personagens sendo soltas de forma gradual. Como pensou a narrativa do livro?**

A longa e paciente construção da narrativa dessa *Querida cidade* deveu-se exatamente ao fato de o seu autor não ter na cabeça a mínima ideia de como iria desenvolvê-la. O que aconteceu foi um caso que confirma o dito de que *o caminho se faz ao andar* (copyright para o poeta espanhol Antonio Machado). Foi como construir

um edifício sem um projeto arquitetônico, mas que, tijolo a tijolo, acabou por ficar de pé.

• **E por que optar por personagens e lugares sem nome?**

Porque na mente do protagonista da história, se tudo à sua volta virou água, os nomes já não importavam.

• **Ainda que o livro proponha esse jogo narrativo de luz e sombra para o leitor, você não abandona o enredo, e após o primeiro terço do livro, a narrativa fisga o leitor com subtramas que começam a aparecer, histórias correlatas. A literatura, no final das contas, ainda é contar uma boa história?**

Agora você me leva de volta ao ano de 1995, quando o professor Giovanni Ricciardi, da Universidade de Nápoles, me convidou para uma série de atividades na Itália, por causa do lançamento da tradução de *Essa terra* (*Questa terra*), para a qual ele havia escrito um posfácio. A programação para Roma incluía uma palestra na La Sapienza, onde um aluno me perguntou como eu via o futuro do romance. Respondi-lhe que talvez o que esse velho mundo estivesse precisando era de uma boa e velha história bem contada. Ao final, o meu anfitrião naquela universidade, o professor Ettore Finazzi-Agro, me convidou para o almoço, durante o qual me surpreendeu com uma quase conferência sobre aquele meu improviso, dando-lhe uma importância que o colocava bem acima de uma frase de efeito. Na volta, eu viria a retomar um romance que empacara no quarto capítulo (*O cachorro e o lobo*). Bastou escrever isso: “Num tempo em que este mundo velho era povoado por contadores de histórias, um galo cantando fora de hora já era o começo de um romance — de amor”. E aí a história andou. Conto-lhe isso para concordar com a sua pergunta, mas deixando a questão em aberto. Afinal, o que enriquece a literatura é o estilo de cada autor/a.

• **O seu livro de 1976, *Essa terra*, é marco na sua carreira e apontado como um dos grandes romances brasileiros da segunda metade do século 20. Como é, para o autor e sua carreira, ter um livro de grande sucesso, com seguidas edições e traduzido em muitas línguas? Um sucesso pode “pressionar” o autor e representar um fardo para o futuro? Como você lidou com isso?**

Os livros que publiquei depois do *Essa terra* até que aguentaram firmes o peso desse fardo que você aponta. O romance que o seguiu, por exemplo (*Carta ao Bispo*, de 1999) foi muito bem recebido pela crítica, como o meu baú de recortes comprova. Uma delas, publicada no *Jornal do Brasil*, tinha esse título: “Sucesso e superação”, o que, no contexto do seu questionamento, fica claro o que se quis dizer com isso. Permita-me lembrar os desempenhos, até agora, de outros dos meus títulos: *Meninos, eu conto* (15 edições), *Meu querido canibal* (13 edições), *Um táxi para Viena d'Áustria* (9 edições), *O cachorro e o lobo* (6 edições), *O nobre sequestrador* (5 edições), *Pelo fundo da agulha* (4 edições). O resto o tempo dirá. Ou não.

• **Você sempre fez questão de citar a influência do jazz como determinante na sua escrita. A música ainda rege sua literatura?**

Parodiando um gigante do jazz chamado Miles Davis, diria que literatura é música que se pode ler e música é literatura que se pode ouvir.

• **Seu primeiro livro, *Um cão uivando pra lua* (1972), foi recebido com muito entusiasmo, e você saudado como a nova revelação da literatura brasileira. Aí, logo em seguida, vem seu livro mais festejado, *Essa terra*. Isso foi determinante para sua carreira?**

O determinante para mim foi haver estreado com um romance que causou impacto tanto na crítica quando no público, já lá se vai quase meio século. Todo o espaço que eu viria a ter iria se dever a *Um cão uivando para a lua*, que logo na primeira resenha foi chamado de “a feliz estreia” (Aguinaldo Silva, no jornal *Opinião* — São Paulo, 18 de novembro de 1972). No embalo, publiquei *Os homens dos pés redondos* (1973), que não deixou a peteca cair. Passos adiante, chegou o *Essa terra* mandando cessar tudo que a (minha) antiga musa cantava. E cá estou, chegando ao 12º romance. *Pas mal*, como se diria em baianês.



Querida cidade

ANTÔNIO TORRES
Record
430 págs.

• **O livro mais vendido de ficção brasileira dos últimos anos é *Torto arado*, do seu conterrâneo baiano Itamar Vieira Junior. Para você, qual seria a força motriz da literatura e autores da Bahia? Se é que acredita em algo que diferencie os autores que surgiram lá...**

Que bom que você abriu aqui uma janela para uma espiada no que é que a Bahia tem de novo nas letras. Ponto para o sucesso de Itamar Vieira Junior, salve ele! Sim, faz-se por lá, hoje, uma literatura bem diversificada, que passeia, com muita desenvoltura, do litoral aos fundos do sertão, da Chapada Diamantina ao Recôncavo. Outro dia li um poema de uma autora chamada Hitxá Pataxó (pseudônimo: Adriana Pesca), de Santa Cruz de Cabrália, no extremo sul do Estado, que começa assim: “De quantos Brasis a história é feita? De quantas histórias é feito o Brasil?”. Não são poucos os autores baianos que estão contribuindo com suas respostas a essas perguntas.

• **Sua geração é composta por autores que marcaram de forma positiva seus nomes na literatura brasileira. Apesar da inevitável diferença entre eles, como definiria esse grupo de autores surgidos nos anos 1970?**

Faço minha as palavras do mestre Antonio Candido, que os definiu como “donos de um realismo feroz”. Mapeio alguns nomes, ao correr das teclas: Moacyr Scliar, em Porto Alegre, Domingos Pellegrini, em Londrina, João Antônio, Ignácio de Loyola Brandão, Moacir Amâncio em São Paulo, Nélide Piñon, Ana Maria Machado, Sérgio Sant’Anna no Rio de Janeiro, Ivan Ângelo, Luiz Vilela, Roberto Drummond, Wander Piroli em Minas Gerais, João Ubaldo Ribeiro, Ruy Espinheira Filho, Marcos Santarrita e Sônia Coutinho na Bahia, Miguel Jorge em Goiás, e daí até Márcio Souza, em Manaus, com muitos etc., etc. pelo caminho.

• **Hoje, após 12 romances e 18 livros, consegue perceber com clareza quais autores foram mais determinantes em sua escrita?**

São muitos os santos da minha cabeceira: os nossos Machado de Assis, Raquel de Queiroz, Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Clarice Lispector; os russos Dostoiévski e Maiakovski; os

portugueses Eça de Queirós e José Cardoso Pires; os franceses Charles Baudelaire e Boris Vian, o de *A espuma dos dias*; *nuestros hermanos* Juan Rulfo, Gabriel García Márquez, Jorge Luis Borges; o irlandês James Joyce; os norte-americanos Scott Fitzgerald e Carson McCullers. Agora, padroeiro mesmo é um tal de William Faulkner. Mas esclareço que leio os clássicos para me embasar e os contemporâneos para me reciclar.

• **E ainda num exercício de autoanálise, quem são os escritores que não aparecem de forma clara em sua escrita, mas foram determinantes em sua carreira?**

Um poeta chamado Eurico Alves Boaventura, baiano de Feira de Santana, que foi Juiz de Direito na cidade de Alagoinhas, onde vivi a minha adolescência. Foi nos saraus que ele fazia em sua casa, que fiquei conhecendo não só a sua poesia, mas também a de Manuel Bandeira, Jorge de Lima — com os quais se correspondia —, Drummond, enfim, todos os modernistas, entre eles um da própria Bahia, Godofredo Filho. Largos passos adiante tive a sorte de conhecer em Lisboa o poeta Alexandre O’Neill, que, a bem dizer, foi o meu tutor literário nos três anos em que morei em Portugal, de 1965 a 1968. Também foram determinantes para a minha formação as duas redações de jornais que me serviram de treino para chegar à literatura. A do *Jornal da Bahia*, e a da *Última Hora*, de São Paulo. Na primeira, convivi com o ficcionista Ariovaldo Matos e os poetas João Carlos Teixeira Gomes e Jeovah de Carvalho; na segunda, com este que se tornou um amigo da vida inteira, Ignácio de Loyola Brandão, assim como o cronista Antonio Contente, ainda na ativa, num grande jornal de Campinas, sem esquecer o crítico de música daquele vibrante jornal, Franco Paulino. Some-se a tudo isso o pique criativo das agências de publicidade pelas quais passei, em São Paulo, Lisboa, Porto e Rio de Janeiro. Essas experiências me deram régua e compasso (aqui, o copyright vai para Gilberto Gil).

• **Você é membro da Academia Brasileira de Letras. Nos próximos meses, a instituição deve receber uma nova leva de membros — Fernanda Montenegro e Gilberto Gil acabam de ser eleitos. Ao mesmo tempo, a ABL tem sido cobrada por mais diversidade. Como vê essas mudanças?**

Sou totalmente a favor dessas mudanças.

• **Como gostaria de ser lembrado na história de nossa literatura?**

Essa pergunta pede uma música: *Quando eu me chamar saudade*, do carioca Nelson Cavaquinho. “Me dê as flores em vida” — diz um dos seus versos. Muito obrigado, *Rascunho*, por nunca ter me negado flores, desde o seu número zero, em 2000, eu me recordo. 🗨

URGÊNCIA
LENTIDÃO
URGÊNCIA
LENTIDÃO
URGÊNCIA
LENTIDÃO

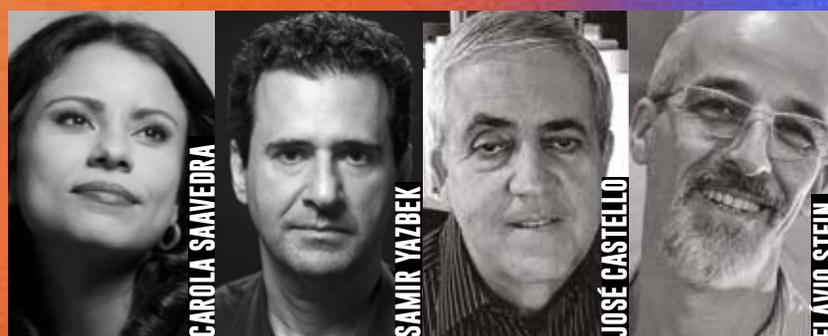
DIÁLOGOS URGENTES

UMA INDAGAÇÃO DO REAL

Agendas, prazos, balancetes, reuniões, promessas, dívidas - a cada dia, corremos mais. Mas será que essa correria nos faz, de fato, avançar? Diante de tantas pressões e tantas cobranças, parece que só a lentidão nos salva. A lentidão, a concentração, a posse de si. Mas será isso possível em um mundo que se guia pela miragem dos resultados? No mundo da performance a qualquer preço, faz sentido parar e contemplar?

Os conversadores **Samir Yazbek e Carola Saavedra** juntam-se a **José Castello e Flávio Stein** nesse questionamento, na série de conversas “**Diálogos Urgentes: uma indagação do real**”.

Produzida pela associação sem fins lucrativos **Escola Livre**, com o apoio do **Instituto Estação das Letras** e do **Jornal Rascunho**.



URGÊNCIA OU LENTIDÃO?

14 DE DEZEMBRO, TERÇA-FEIRA ÀS 18H
EVENTO ONLINE E GRATUITO
FAÇA SEU CADASTRO
DIALOGOSURGENTES.COM



REALIZAÇÃO



ESCOLA LIVRE

APOIO

IEL
instituto
estação das
LETRAS



rascunho
O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

Caixas, insetos e prosa sem rumo

No romance **Os tais caquinhos**, Natércia Pontes narra a história de uma família que, entre situações vazias e momentos escatológicos, não diz nada

MÁRCIA LÍGIA GUIDIN | SÃO PAULO - SP

Um romance de formação como acenam alguns leitores? Não, não. Em **Os tais caquinhos**, de Natércia Pontes, não há como acompanhar um processo de desenvolvimento físico, moral, psicológico ou social da protagonista. Não há progressão da subjetividade diante de vicissitudes e experiências e, menos ainda, não se veem caminhos da protagonista em direção à maturidade.

Hoje, alguns romances sobre adolescentes (vejam-se os excessos em Elena Ferrante) de alguma maneira parecem investir-se em releituras do *Bildungsroman* alemão. A crítica apressada evoca tal definição, e o leitor, resignado, sente-se impelido a simpatizar com a heroína. Alguns desses romances acabam tirando da sombra memórias biográficas das autoras, encaminhando-as à autoficção. Se for esse o projeto aqui, me parece longe da realização. Não há caminhos, e tudo se perde no simples relato (*telling*) da narradora. E a construção da frase nada ousa em nome do que se quer narrar (enumerações e repetições não são traços eficientes de estilo).

Abigail vive com o pai e Berta, a irmã, também adolescente, no apartamento 402 de um prédio qualquer do Rio, abarrotado de caixas e sujeira. Esse lar, importante protagonista, acaba por se sobrepor aos habitantes da casa e poderia alterar percepções. Entretanto, nenhum dos três moradores parece discernir, na desordem escatológica da casa, um estímulo para a busca da própria identidade. Se a casa impusesse seu torpor imundo, e cada um fosse instado a buscar quem é, o romance alcançaria um status interessante.

O pai, às vezes ausente, às vezes bêbado, às vezes semidespido, dorme entre caixas. Berta, sempre que possível, foge para a reluzente casa da amiga rica. A narradora, que apenas descreve esse ambiente repugnante e devastador, pouco questiona sobre a vontade e a vida. Narrando em primeira pessoa clássica, da sua puberdade à gravidez, dela espera o leitor que desperte para um sentimento, talvez profuso, da maternidade. Não: um aborto espontâneo faz tudo voltar ao ramerrão e imundície da vida.

Meus peitos tinham crescido com os hormônios da gravidez e agora murchavam como balões em fim de festa. Me dei conta que durante todo esse tempo não tinha me atrevido a pensar por um segundo em pôr o bebê em meus braços. Escrevera tão somente uma lista de possíveis nomes no meu caderno espiralado.

Um dos incômodos sobre Abigail é vê-la adolescente (com cadernos espiralados) e, ao mesmo tempo, uma mulher experiente, usuária de drogas (que conhece todos os motéis da cidade). Não me parece intencional, é vago. Até marcas geracionais se atrapalham: usa Modess dos anos 1960, mas fala em “absorventes internos” — entre tantos outros registros. A verossimilhança quanto ao perfil da personagem fica assim comprometida.

Nem a inserção das fantasias da jovem, nem certas digressões dirigem a narrativa a um desfecho que justifique este relato da narradora. Conta por contar? Por que no passado, mas às vezes no presente?



Os tais caquinhos

NATÉRCIA PONTES
Companhia das Letras
142 págs.



A AUTORA

NATÉRCIA PONTES

Nasceu em Fortaleza (CE), em 1980. É autora de **Copacabana dreams** (2012), finalista do Prêmio Jabuti. Vive em São Paulo (SP).

Lembra por lembrar? Terá superado a imundície e a tristeza a ponto de escrever? Nem ao final da obra, quando os três mudam para um apartamento limpo (ao menos por enquanto), a narrativa diz a que veio. Pai e filhas, juntos, acomodam-se à continuidade de tudo.

Naquele ano repetimos de série e Lúcio trocou de trabalho. Mudamos também para um apartamento limpo onde Lúcio começava a acumular coisas sorratamente. (Os cabos soltos no canto da sala serão úteis um dia.)

E juntos vão ao cinema assistir a um documentário sobre a vida dos insetos. Como nenhuma interpretação pode nem deve melhorar o texto a que se dirige, ficamos num limbo, suspensos. E a pergunta segue: a que vem este romance?

O pai

Lúcio, que a narradora registra pelo nome próprio, é um personagem sombrio e vacilante — triste, mas amoroso; deprimido, mas com alegrias passageiras. Foi abandonado pela mulher, que levou consigo outras duas filhas. De uma família de seis, sobraram só estes três soterrados pela moléstia paterna dos acumuladores. Dele só sabemos isto. Sua ocupação é misteriosa: trabalha, mas não trabalha. E quando há muita fome, as vizinhas oferecem ovos às meninas, ou Lúcio as leva a restaurantes finos para aquela fome específica. Claramente amado pela narradora, é preservado de todas as críticas e descrito com afaços e um leve erotismo:

Então seguia avançando para a região das gavetas, onde poderia com silêncio e cuidado alcançar uma cueca e vesti-la, ainda sentado, até quando pudesse, espichando os músculos com maestria e graça (...). Então o vento soprava forte e vencia as frestas de nossas janelas sujas trazendo para dentro do meu quarto o cheiro do sabonete de Lúcio, os barulhos de Lúcio e a alegria de Lúcio.

Talvez fosse o personagem mais interessante. Talvez, se a autora investisse nesse pai, se saberia a que vem o romance e se expõe essa família. De uma ambientação quase onírica do apartamento, nós, leitores, teremos mesmo é que vagar pelo realismo pungente dos moradores e seus corpos.

O embrião media dezesseis milímetros em seu comprimento cabeça-nádegas. (...) Meu pai estava ali ao meu lado (...) podia sentir sua presença montanhosa, o olhar vigilante, perscrutando cada momento meu (...). Perguntei sem medo, doutor, como eram os olhos do meu filho? E mesmo que dias depois e pelo resto da vida Lúcio tivesse negado tenazmente que esse diálogo ocorresse, o médico respondeu, já de saída (...): viscosos e inexpressivos como os de um gafanhoto, Abigail.

Foco narrativo

Talvez haja aqui frágil escolha de ponto de vista: em terceira

pessoa onisciente, o foco resolveria melhor o romance, atribuindo ao narrador a construção dos personagens — que poderiam crescer. Tal como está, nos obriga a ler a vida pelos olhos da protagonista, que tampouco vê a si mesma. Há até cenas inverossímeis, que a narradora descreve sem ter a onisciência necessária para as ter presenciado. Por exemplo, enquanto estava no quarto, afirma:

Aramis pegou carona no mesmo elevador, batucando um solo de bateira do Sepultura nas próprias coxas e respirando pela boca, até que o elevador sacudisse nos solavancos do primeiro andar.

Escatologia

A escatologia é a mais insistente marca deste romance: insetos asquerosos, cheiros fétidos, sangue, menstruação, aborto, feridas cutucadas. Desde a primeira página, o corpo de Abigail é o lugar da repugnância; as amigas, como numa alegre disputa, vão tirando cera de seus ouvidos:

Mas não é possível, não acaba nunca — e exibiam exultantes as pontas dos cotonetes encharcadas de uma pasta escura e gordurosa.

Enquanto Lúcio cavouca uma ferida antiga (resultado da caspa que tomava seu couro cabeludo) (...) desfrutando de uma prática engenhosa, comprazendo-se em arrancar do edema uma lasca muito fina não muito morta, que agora transpirava pálidas gótículas de linfa.

A que vêm tantas reproduções? Claro que não é para chocar um leitor sensível e fazê-lo aderir por contraste. Claro que a autora não pretende associar tais relatos e excrementos à teologia cristã e ao Apocalipse. Nem se refere somente ao feminino, com seu sangue menstrual e outros fluidos. Poderia, ao contrário, ser uma grande alegoria existencial num romance contemporâneo. Quanto a ovos:

As lâminas das cascas não ferem a palma da mão de Lúcio. Ele está determinado, com os nervos dormientes. A gosma cinza invade os gargalos entre os cinco dedos do meu pai. Grumos de um rosa pálido, carnes malformadas, fragmentos de tecido acastanhada, trambolhos imersos em muco e sangue, inúteis, incapazes de formar vida. Lixo. A poça viscosa escorre sobre a mesa.

O visceral, o sangue, o útero e o corpo (feminino) são estratégias reinventadas ao se narrarem mulheres, sobretudo no feminismo renovado entre boas escritoras brasileiras — algumas com obras muito fortes, como Sheyla Smanioto, Veronica Stigger ou Andréa Del Fuego, com seu recente romance **A pediatra**.

Neste livro de Natércia Pontes nem a escatologia nem outras estratégias alcançam força narrativa. Lamentavelmente soam como gratuidades. Saímos do apartamento 402 como entramos, despreparados para responder: o que mesmo este romance quis dizer? **👁**



O ESCRITOR PERANTE O LEITOR

1.

Dentre os assuntos mais frequentados em laboratórios de texto, o dominante é enunciado no título da coluna deste mês. Mas não se trata de tema discutido apenas nesse foro de pares, mas também, e com muita ênfase, nas discussões ocorridas na vida literária e, de forma sub-reptícia, nos pensamentos inconfessáveis de quem escreve. Bem simples: este tema, não é possível contorná-lo. Na anterior coluna, viu-se o escritor perante sua própria obra; hoje, é o escritor frente a seu leitor.

2.

Para quem escreve, quem é essa entidade difusa, sem rosto que, quanto mais pensada, mais imprecisa se torna, e temível? E o pior é que a vemos citada a todo momento: “o que pensará o leitor disso?”, “será que o leitor vai entender o que escrevi?”, “em atenção ao leitor, vou escrever isso de outro modo”, ou coisas cruéis: “acho que neste ponto o leitor vai abandonar o meu livro”, ou esperançosas: “no futuro, o leitor entenderá meu livro”, e por aí vai, num rosário de sofrimentos, na maior parte, intransitivos — e inúteis, conforme será visto no parágrafo 12.

3.

Aqui é possível pensar na frase de Terenciano, *Pro captu lectoris habent sua fata libelli*, que, numa arriscada tradução livre, mas verdadeira na essência, significa: “cada livro tem seu destino de acordo com o leitor que o lê”, e com isso ele quis dizer, *avant la lettre*, que um mesmo livro pode ser lido e entendido de maneira diversa, dependendo da carga de sensibilidade e informações de quem o lê, e essa é uma experiência cotidiana do universo das letras. Assim, melhor começar dizendo que é impossível falar genericamente em “o leitor”, ou em “os leitores”, sob pena de um grave equívoco ontológico.

4.

Sob o ponto de vista autoral, essa conceituação plurívoca se torna aguda, pois dela dependerá maior ou menor gasto de energias por parte de quem escreve. Abstráimos, desde logo, a figura fantasmática do “leitor ideal”, que faz contraponto com certo “leitor real”, formando uma díade perversa, de autonomia estéril e circular. É possível ver, entretanto, classifi-

cações mais férteis, e que circulam no ambiente do ensino da Escrita Criativa. Seguem abaixo.

5.

Leitor habitual. É constituído pela grande massa dos leitores — isso existe, especialmente em nosso país? — que não deixa de ser mais uma abstração, mas mais perceptível, pois envolve o grupo de pessoas que possuem alguma formação escolar, lê por prazer e, quando pode, compra livros. Jamais lhes passou pela cabeça escrever um romance. Em geral, não releem, porque logo buscam novidades. Suas preferências são ecléticas, e não se preocupam tanto com a qualidade literária, pelo menos nos estágios iniciais de sua vida leitora.

6.

O leitor letrado. Este vai à busca daquilo que considera “boa literatura”, busca resenhas, como as do *Rascunho*, comentários de blogs e mesmo no Instagram. Lê por prazer, claro, mas levando em conta o que pode aprender, então é alguém que relê as obras que considera bem realizadas. É frequentador de teatro, cinema, concertos e mistura sem qualquer problema o pop com o culto. Aumentar sua cultura faz parte dessa gama de interesses, e o livro é o melhor veículo para isso. Faz parte de seu estilo possuir bibliotecas em casa.

7.

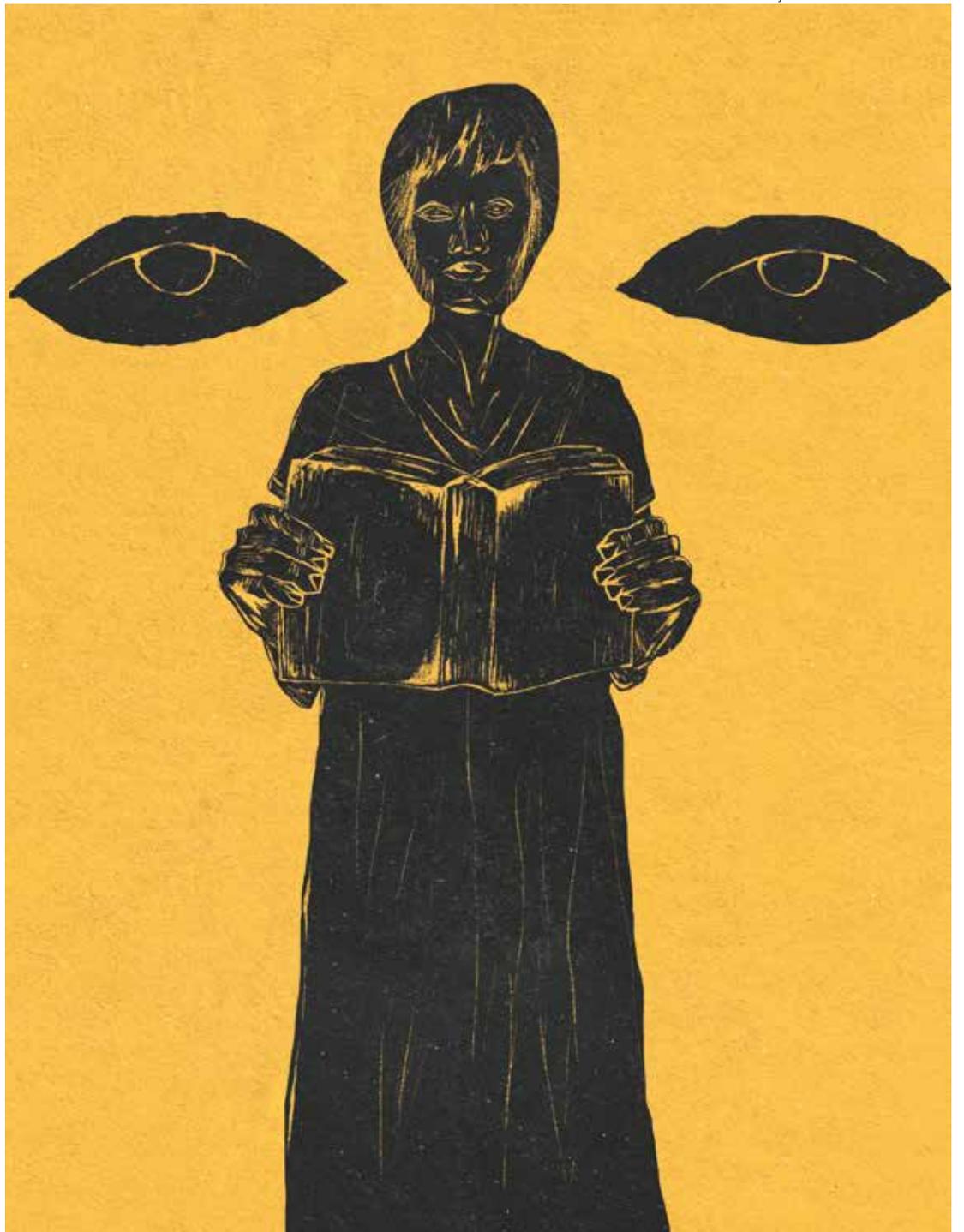
O leitor acadêmico. Todo-rov diz que há escritores que escrevem apenas para serem lidos nas universidades. São os experimentais, que praticam intensas intertextualidades e citações, e quase sempre suas obras são objeto de artigos e teses, em que não sabemos se o autor dessas peças universitárias gostou ou não gostou do livro sobre o qual se debruçou.

8.

Neste parágrafo poderíamos incluir outras tantas categorias quanto se possa imaginar, como os exigentes leitores infantis e juvenis, para quem se escreve com essa específica intenção e mil cuidados.

9.

Perante esse quadro infundável, o escritor varia o destinatário de seus livros, o que causa frustrações capazes de comprometer o rendimento e até a qualidade de sua escrita. Quem escreve es-


 Ilustração: **Juliano Soares**

tá sobre o fio da navalha: se quer ser lido “por todos”, terá de fazer inúmeras concessões, o que acaba gerando amargor e baixa autoestima. Se quiser ser lido pelo leitor letrado, perderá o leitor natural. Se quiser ser lido na universidade, deve assumir que terá um número mínimo de leitores e vendas, zero.

10.

E agora, como raridade, há postura dos escritores que escrevem para si mesmos, não importando se os leitores o entenderão, ou, sequer, se terão leitores; publicam apenas para registrar que o livro existe. É atitude plenamente legítima, e são conhecidos os casos em que isso sucedeu na história literária. Tais obras, ao fim e ao cabo, significaram um arejamento e uma busca de novos meios expressivos, e com isso passaram ao cânone, nem que tenha sido cem anos depois da morte de seus autores.

11.

O assunto será mais bem encaminhado se o escritor tirar da cabeça o desejo de ser lido por “todos”. Isso não existe, justo pela impossibilidade de esse “todos” significar 100% dos leitores — e aí, mais uma vez, vol-

taremos às classificações que não ajudam em nada.

12.

A quem está iniciando, o melhor conselho, o mais confortável para quem o dá e quem o recebe, é este: evite a amargura, evite o sofrimento, escreva para um leitor que é você mesmo, isto é: escreva para uma pessoa que tenha o seu mesmo grau de cultura, que tenha lido os mesmos livros que você leu, seu universo de interesses, suas experiências sentimentais, seus gostos quotidianos. É arriscado colher em outras searas, pelo menos, não agora. Acrescente a isso a qualidade estética, que você está a adquirir com seu esforço e há muito tempo. Esse caminho nunca levará ao erro, porque a obra satisfará à gama de leitores com esse perfil, mas, se tiver valor literário, acabará atraindo o interesse de outros tantos, completamente imprevisíveis, inclusive os que não são como você. Assim, você preservará sua identidade de autor e de ser humano. Se serão seis, 600 ou 6.000 os exemplares vendidos, deixe essa enfadonha contabilidade para seu editor. Concentre-se em escrever cada vez melhor para esse leitor-você-mesmo. O resto virá por acréscimo e prazer. **■**

Nos limites da razão

No romance **Uma tristeza infinita**, de Antônio Xerxenesky, um psiquiatra que trabalha na Suíça do pós-guerra tem sua própria sanidade posta em xeque

MATHEUS LOPES QUIRINO | SÃO PAULO - SP

A melancolia sempre foi uma epidemia na literatura. Presente na vida de muitos escritores, o sentimento de aperto passa dos autores aos personagens, potencializando-os. Dos russos como Ivan Gontcharóv, que descreveu o fastio do protagonista de **Oblómov**, a norte-americanos, como Carson McCullers, autora de **O coração é um caçador solitário**, romance que narra a vida de melancólicos marginalizados num Estado Unidos rural. No Brasil, o mais célebre personagem é Brás Cubas, de Machado de Assis, por meio do qual o autor criou um emplastro contra o mal, tornando suas **Memórias póstumas** um clássico absoluto.

Ainda que a melancolia atravesse os séculos, sendo matéria para gerações de escritores de prosa e verso, autores contemporâneos têm trabalhado com o tema inevitável. Muitas histórias sobre a psique podem embalar mentes atormentadas, e uma delas é **Uma tristeza infinita**.

O novo livro de Antônio Xerxenesky é ambientado em um gelado vilarejo suíço, cujo cenário lembra muito o descrito por Thomas Mann em **A montanha mágica**. É pela vida de Nicolas, um psiquiatra do pós-Segunda Guerra, que o leitor se surpreende com o cotidiano de uma clínica para doentes mentais, onde surge o debate sobre melancolia.

Conflito inicial

Na trama, o casal Nicolas e Anna está em tempo de conflito. As vidas no monótono vilarejo empertigam a moça, ativa e inteligente, que abdica da profissão para acompanhar o marido durante o período num lugarejo helvético. Confinada em um provincianismo que beira o fantasmagórico, a rotina leva Anna a se atrair pela pesquisa científica, o que a leva a Genebra — e a agrada.

As viagens de Anna são uma libertação. Ver a civilização e ter contatos físicos. Conforme o casamento dos dois vive essa inconstância, o conflito de personalidades se evidencia e Nicolas fica cada vez mais absorto em seu trabalho na clínica.

No lugar, o americano gran-

dalhão Lee é um mudo que está petrificado e chama a atenção do médico. Mary, também americana, rói as unhas com desejo canibal e sofre de crises de pânico, convulsionando em choro ao lembrar de seu trabalho em uma base militar nos Estados Unidos.

Na clínica, um espaço bastante privilegiado, diferente dos sanatórios tradicionais que ficam nas montanhas, a técnica do diálogo e da psicanálise é valorizada, sendo o doutor um crítico ferrenho de métodos medievais de tratamento, como o de choque. O trabalho relativamente monótono preenche seus dias e vai abrindo questões existenciais acerca do seu próprio estado.

No caminho de volta para casa, duas trilhas. A primeira, pela estrada do vilarejo, Nicolas vence sem muitas complicações. Na segunda, que passa pelo bosque, grandes abetos cercam um misterioso campo de segredos, com ruídos, vultos e impressões.

Crise interior

Ao longo da história, o protagonista conhece Emil, novo interno da clínica, um contador de meia-idade que sofre sintomas de esquizofrenia. Ele acredita ver o diabo e tem um peculiar senso de humor, o que leva o médico a tratá-lo com mais abertura, colocando-se à mercê dos desvarios do homem. Aos poucos, o ateu Nicolas trava uma batalha interna, espiritual, que se complica à medida em que o tempo e o lugar começam a sufocá-lo.

Preocupado com seus pacientes e intrigado com as histórias responsáveis por colocá-los ali, Nicolas é um hipocondríaco que tem medo da morte. A condição acompanha o personagem desde a faculdade de medicina em Paris, quando o jovem médico começou com os sintomas, tendo em mente estar se deteriorando — a exemplo do Ivan Ilitch, de Tolstói, só que sem tantas complicações. A descrição de Xerxenesky a respeito da hipocondria é arrepiante. O autor capta os flagelos de quem é assolado por essa condição.

Nicolas, um intelectual bem-casado, de boa vida, começa a questionar seu passado e sua sanidade. Para um psiquiatra, ele co-

meça sofrer silenciosamente — o que desperta a curiosidade de Anna, que cada vez mais está envolvida em um projeto de pesquisa sobre bombas nucleares. “Pensar em radiação era também pensar em Anna, e também pensar em câncer, em uma massa crescendo dentro do corpo, coagindo células a integrarem seu exército de destruição silenciosa”, escreve Xerxenesky.

Estilhaços mentais

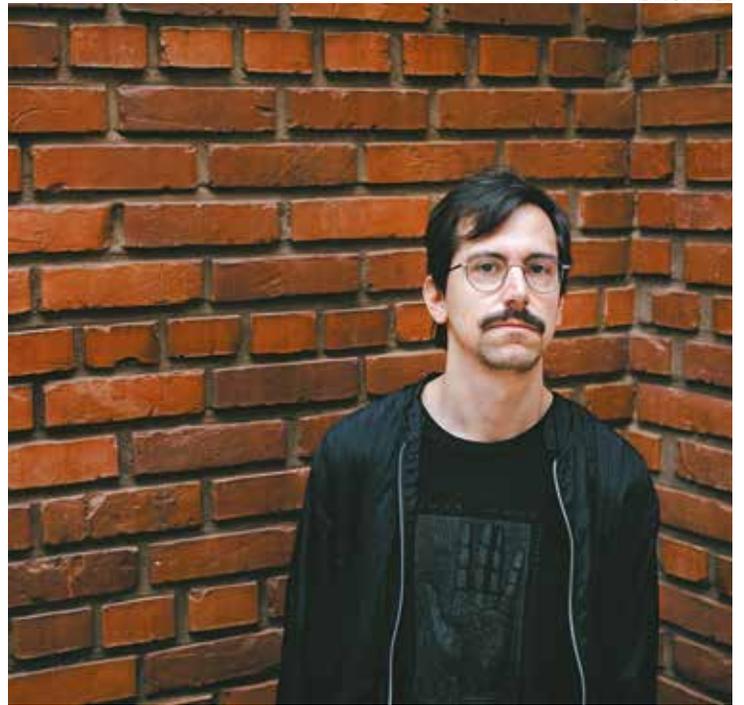
Personagens vão colocando em Nicolas dúvidas frequentes, o que o leva a recorrer a um antigo tratado sobre a melancolia, obra que viajou consigo desde a fuga da França, então tomada pelos nazistas. O pai alcoólatra e judeu e a mãe que trocou de sobrenome para se livrar dos campos de concentração são algumas das lembranças que inundam os pensamentos caóticos do doutor, que adotou um sobrenome tradicionalmente francês.

Mas os estilhaços da guerra, para o personagem, ainda estão presentes. É como se no ar pairasse uma fuligem invisível, parte do inferno que foi o campo de batalha que se converteu a Europa. Culpa por ter saído da guerra sem pisar no *front*, mas em conflito pelo embate entre ciência e religião, Nicolas vaga às vezes só, procurando pelo demônio de Emil.

O médico critica os regimes totalitários, a origem das doenças mentais, aproxima-se cada vez mais de um desfiladeiro, no sentido figurado da palavra. Envoltos de cadeias montanhosas deslumbrantes e de fantasmas do passado, ele sabe que “a compreensão humana a respeito da melancolia continua pífia. O homem melancólico segue inacessível. Um remédio pode eliminar os sintomas, mas não as causas”.

A trama desvela o personagem principal, colocando-o no limite da razão. Um romance envolvente e profundo acena para a continuação. Afinal, com a modernidade batendo nas portas do vilarejo suíço e a ciência ganhando estátuas de Nobel por meio da tecnologia, o debate acerca dos transtornos mentais segue candente e, na boa literatura, faz-se necessário que o leitor saia do livro sentindo um *frisson*. O que é o caso. 🗨

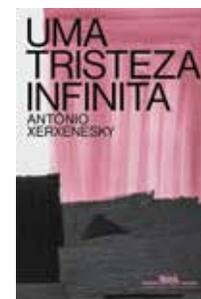
RENATO PARADA



O AUTOR

ANTÔNIO XERXENESKY

Nasceu em Porto Alegre (RS), em 1984. É escritor e tradutor. Publicou os romances **As perguntas** (2017) e **F** (2014) e os contos de **A página assombrada por fantasmas** (2011), entre outros livros. Sua obra está traduzida para o francês, espanhol, italiano e árabe. Vive em São Paulo (SP).



Uma tristeza infinita

ANTÔNIO XERXENESKY
Companhia das Letras
256 págs.

TRECHO

Uma tristeza infinita

Uma névoa espessa pairava sobre a cidade, uma nuvem descia da cordilheira do Jura e englobava todos os moradores, médicos e pacientes. O frio se mostrou penetrante e Nicolas logo começou a vestir uma meia sobre a outra, na esperança de impedir que seus pés congelassem. “Imagine no inverno!”, dizia sua esposa, mas Nicolas preferia não imaginar. Para sair de casa, ele enrolava um cachecol de lã no pescoço com tanta força que quase se enforcava.

21 anos DE literatura

- +MODERNO
- +DIGITAL
- +DINÂMICO
- +CONTEÚDO
- +LITERATURA



Novo site



Assinaturas digitais



Conteúdo exclusivo



Notícias diárias



Edição impressa com 48 páginas



Novos colunistas



Crônicas diárias

R\$ 7,90

MENSAIS

- acesso ilimitado ao conteúdo digital
- + **ACESSO ÀS EDIÇÕES IMPRESSAS NO SITE**

R\$ 12,90

MENSAIS

- acesso ilimitado ao conteúdo digital
- + **EDIÇÃO IMPRESSA EM CASA**

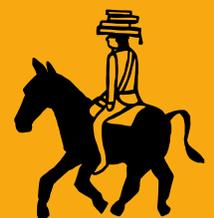
R\$ 139,90

ANUAIS

- acesso ilimitado ao conteúdo digital
- + **EDIÇÃO IMPRESSA DURANTE 1 ANO**



rascunho.com.br



rascunho

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL



**noemi jaffe**

GARUPA

PROIBIDO PARA PUBLICITÁRIOS

Ilustração: **Denise Gonçalves**

A incorporadora “you, inc.” está lançando os “boutique apartments” na Rua Sergipe, em Higienópolis, São Paulo, e o slogan da campanha publicitária é: “Inspirado no inesperado”. Tudo bem. Em minhas aulas de escrita, costumo também dizer aos meus alunos para se inspirarem no inesperado, mas não tenho como reivindicar a autoria dessa ideia, realmente muito antiga. E depois, tenho restrições quanto ao próprio conceito de “inspiração” e, por isso, não usaria mesmo essa frase e sim algo como “prestem atenção ao que surge de inesperado”, “considerem o inesperado” ou “explorem o inesperado”. Então não teria do que reclamar, ao menos não de plágio.

Fico pensando: como será que esse apartamento pode ter sido inspirado no inesperado? Em primeiro lugar, como é que um apartamento se inspira? Deve ter sido o projeto, argumento. O arquiteto sentiu o poder transcendental da inspiração para planejar o design e mais, inspirou-se no inesperado. O que terá sido que ele não esperava e que o inspirou? Imagino um apartamento revolucionário, contendo tudo o que não se espera dele: sem cozinha, cozinha dentro do banheiro, sem garagem, com projetos comunitários de convivência, preços mais baixos, serviço voluntário, com direito a exposições, biblio-

otecas, creche, comunicação integrada entre os moradores... deve ser algo assim. Mas não. São “boutique apartments”, ou seja, são pequenos (têm um dormitório e uma vaga na garagem), mas, ah, têm pé direito bem alto (3,40 m). Imagino que sejam espécies de *studios*, como os que existem em Nova York desde os anos 40 e que já existem aos montes espalhados pelo Brasil, agora que muitas pessoas moram sozinhas, mas principalmente agora que os preços de imóveis estão exasperantemente altos. Não consigo atinar com a carga de “inesperado” desse *slogan*.

Fico também um pouco indignada com o pronome “you”, ou seja, “eu” (já que o anúncio utiliza a função conativa, dirigida ao receptor), atrelado à abreviação “inc.”, no próprio nome da incorporadora. Como ela se atreve a me envolver com seu negócio? E, aliás, por que as “incorporadoras” chamam “incorporadoras”? Já sei. Deve ser porque elas incorporam frases e o conhecimento das ciências humanas, que levaram séculos e pesquisas para chegar à ideia de “inspiração no inesperado”, para finalidades que em tudo se opõem ao que essa frase quer dizer. Porque inspirar-se no inesperado é a possibilidade de abrir-se para o incontrollável, o imponderável, o acaso e tudo aquilo que escapa às expectativas. É a noção de processo e de presente como formas de trabalho com a arte, a cultu-

ra e a ciência. No lugar de pensar a obra como uma finalidade que exige determinados caminhos para ser realizada, o “inspire-se no inesperado” propõe que o artista ou o pesquisador também levem em conta o que ocorre “durante” a execução, muitas vezes, por isso, mudando o resultado final. É uma preponderância dos meios sobre os fins, que, aliás, caracteriza toda a arte moderna e contemporânea.

É claro que vão dizer que estou sendo chata, literalizando o anúncio de um apartamento e cobrando propriedade intelectual sobre um conceito que é de todos. Mas acontece que é dessa forma que muitos dos conceitos desenvolvidos dedicadamente por intelectuais e artistas ao longo de séculos se transformam no oposto daquilo que são. Foi assim com o surrealismo, com o fantástico, com a autonomia crítica, com a singularidade, com a colagem, todos apropriados pela publicidade para fins comerciais, contrariando a ideia original de ligação com o inconsciente, com a consciência crítica e com a autonomia do sujeito. O que ocorre é que o uso indiscriminado e disseminado desses conceitos faz, inevitavelmente, com que as pessoas retornem para a arte, a cultura, a educação, o que for, com imagens esvaziadas e mercantis do que seja “inesperado”, “ser único”, “ser autônomo” e afins, provocando assim um efeito bumerangue de

publicitarização das ciências e da expressão artística. Uma anti-dialética, em que um dos lados da dinâmica sempre sai perdendo.

A publicidade se apropria e explora conteúdos e formalizações antes desenvolvidos pela arte e os adultera. E a arte? De certa forma, também. Afinal, o que são o pop, o “objet trouvé”, entre tantos outros, senão a apropriação reversa da publicidade e do mercado pela arte? Ninguém, a essa altura, vai dizer que a produção artística é ingênua ou pura, claro que não. Mas o problema é a diferença na velocidade, na disseminação, a grana envolvida e um tipo de conspiração — o “inesperado”, afinal, deveria manter ao menos uma carga mínima de “inesperabilidade” para continuar sendo inesperado. Mas não. Transforma-se o esperado em inesperado, o planejamento calculado em “inspiração”, o pequeno em “boutique”, a lucratividade em “you”.

Ainda guardo respeito pelo significado das palavras e pelo campo conceitual a que elas se referem. O que seria de nós, de mim, se, entrando num hipermercado, lêssemos: “imperativo categórico: compre laranjas”, “alegoria ou símbolo? cremes para a área dos olhos”, “não deixe que seu eu-lírico fique sem vinhos chilenos”, “não fique na mônada: compre celulares”...

Tomara que nenhum publicitário leia essa coluna. 🍷

MINISTÉRIO DO TURISMO APRESENTA

paioi LITERÁRIO

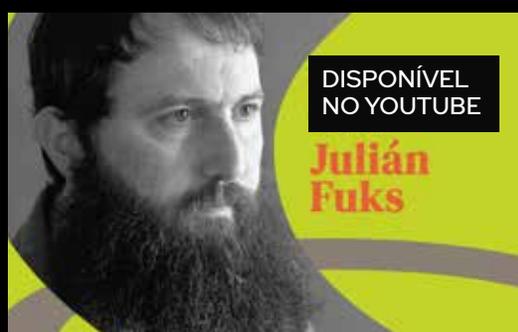


palco de grandes ideias

10^a temporada



07/dezembro
19h30
**Cida
Pedrosa**



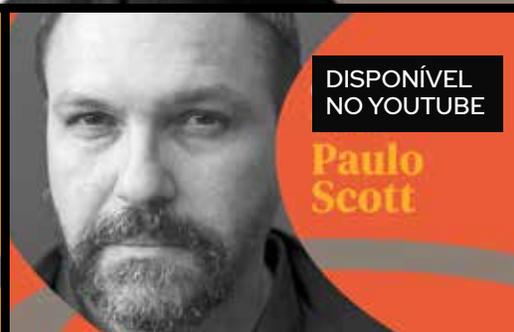
DISPONÍVEL
NO YOUTUBE

**Julián
Fuks**



DISPONÍVEL
NO YOUTUBE

**Marília
Garcia**



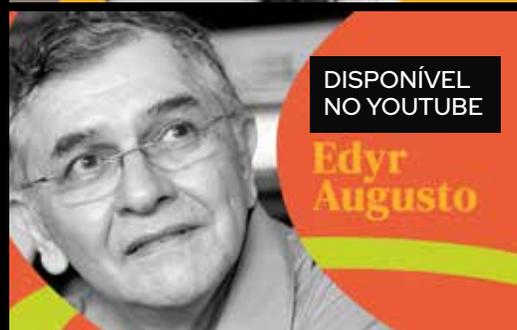
DISPONÍVEL
NO YOUTUBE

**Paulo
Scott**



DISPONÍVEL
NO YOUTUBE

**Veronica
Stigger**



DISPONÍVEL
NO YOUTUBE

**Edyr
Augusto**



DISPONÍVEL
NO YOUTUBE

**Patrícia
Melo**

Acompanhe no canal do  YouTube do Paioi Literário e cobertura nas redes sociais do Rascunho.

paioliterario.com.br



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



**josé castilho**

LEITURAS COMPARTILHADAS

A SEDUÇÃO DO DESÂNIMO

O Professor me olha do canto da mesa, olhar penetrante de quem sabe o desafio que tenho agora ao escrever essa coluna após ler os jornais do dia. O Professor, assim com P maiúsculo, é o eterno mestre Antonio Candido, e o olhar permanente vem de uma foto nossa quando ele recebeu o Prêmio Jabuti pelo seu livro **Brigada ligeira e outros escritos**, que editei pela Editora Unesp há muitos anos. Deste olhar para o canto da mesa de trabalho, que visito diariamente, retiro muitos ânimos e energias, lembrando de boas prosas e, principalmente, de muitas ênfases às duras realidades da vida que ele logo colocava em movimento: “É isso mesmo, o fato é esse, mas agora é rever, renovar, partir para novas iniciativas”. Palavras que repito aqui, não por serem exatamente o que me dizia, mas porque o sentido inequívoco como as pronunciava sempre me empurraram para a frente da batalha.

Exerci várias vezes essas prosas longas, que me apaziguavam o espírito e me fustigavam o coração e a mente. Elas aconteceram nos períodos em que exerci atividades públicas desafiadoras, começando pela direção geral da Biblioteca Pública Mário de Andrade, em São Paulo, e posteriormente nas minhas duas passagens como secretário executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). Quando precisava de um oxigênio vital, ligava para ele e sempre ouvia: vem tomar um café! Nunca saí de lá sem um café passado na hora e um olhar novo para a vida.

É impossível pensar o Brasil de hoje, e em certa medida o mundo, sem extrair a sábia resiliência dos intelectuais e militantes de gerações mais velhas que a minha e que contribuíram muito para a infundável luta de transformar esse território privilegiado pela natureza em uma nação democrática e justa. Tive a sorte de encontrar e conviver com mulheres e homens que batalharam desde a juventude nos anos 1920, 1930, 1940, alcançando-os em vida ativa e com a generosidade para compartilhar. Os encontrei na universidade, na militância política, na vida profissional como professor/pesquisador, editor e até como livreiro na juventude.

De todos encontrei vitalidade, força persistente, mesmo em momentos que pareciam duvidar de sua própria luta. Alguns dizem que essas gerações falharam no seu projeto emancipador, talvez impressionados pela lúgubre paisagem do nosso tempo, mas deles extraio antes de tudo a inquebrantável resistência e a noção generosa do tempo histórico, o único tempo que pode transformar nações e

povos. E é desse tempo histórico que recordo, a título de exemplo do que estou argumentando, dois índices que considero vitais para nossos sonhos de equidade e direitos para todos: nos anos 1950, meros 70 anos atrás, o Brasil tinha 51,5% de analfabetos, hoje são 6,6%; a mortalidade infantil era de 136,2 mortes/1.000 nascimentos, em 2019 foi de 12,9/1.000. É óbvio que não é admissível a existência de sequer um analfabeto e de uma morte infantil, mas é fundamental assimilar que nenhuma das conquistas humanitárias e civilizatórias dos últimos cem anos teriam sido arrancadas do capitalismo primário e infame que nos domina há séculos se não fosse a coragem e a resiliência dos que nos antecederam na luta pela equidade e pela democracia.

Se estamos ainda muito longe de alcançar esta cidadania almejada, e nossos direitos humanos continuam sendo vilipendiados, isso não significa que já chegamos ao final da estrada e que o único caminho que nos resta é o da profundidade infernal e imobilizadora da ausência de perspectivas e do conformismo.

Volto às angustiantes manchetes de hoje, do Brasil e do mundo, e sei que se nos fixarmos apenas ao aqui e ao agora, sem a resiliência de transformá-los, o cenário que se apresenta é devastador e paralisante. Uma pequena amostra dos jornais deste 10 de novembro é suficiente para alimentar a ativa e insinuante indústria do desânimo. Vamos aos “flashes”.

Na nação mais rica e poderosa do mundo, os jornais denunciam a dissecação de um cadáver humano por um profissional médico que vendeu o “espetáculo” a 500 dólares por ingresso, uma síntese metafórica do neoliberalismo que aquele país lidera e retrato bem-acabado do quão profunda precisa ser a mudança estru-



Ilustração: Tereza Yamashita

tural do poder global que está nos conduzindo ao desaparecimento como espécie. Na economia brasileira as manchetes apontam inflação acelerada e acumulada em dois dígitos, aliada à desvalorização crescente de nossa moeda, projetando estagnação econômica e pauperização social ainda maior em 2022. Na política, foi lançada hoje a candidatura do ex-juiz que foi indelevelmente marcado pela corte suprema do país com a pecha de parcial em seus julgamentos, portanto, ele personifica a antítese do que deve ser um magistrado. Para piorar o quadro, os seus seguidores o apresentam como o ícone da justiça e da moral ilibada, mesmo após as denúncias da investigação jornalística chamada *Vaza Jato*, cujo livro, com o mesmo título e escrito por Leticia Duarte e equipe da *Intercept Brasil*, é finalista do Prêmio Jabuti 2021 (Editora Mórula, 2020). Na saúde o Brasil supera a triste marca de 610 mil mortes por Covid-19 e o presidente da república é denunciado por juristas no Tribunal Penal Internacional em Haia por “crime de extermínio contra a população brasileira”.

Essa enxurrada de dejetos malcheirosos atinge a todos nós com aguda pontaria, principalmente porque sabemos que as manchetes de amanhã seguirão no mesmo tom e gravidade. Vivemos num tempo em que a porta escancarada do desânimo se apresenta diariamente, aliados ao cotidiano mesquinho e torpe, e tenta nos seduzir para que adentremos na indolência morna dos que não se indignam, dos que não se rebelam, dos que acham que não vale a pena, dos que estão tão fartos de tudo isso que acham que o melhor é viverem suas próprias vidas.

Em síntese, abdicar da política, e não a retomar, como deveríamos.

Um dos temas mais debatidos nesta pandemia enfocou a possibilidade de sairmos melhor, enquanto humanidade, desse horror em que nos metemos. Acompanhei os debates, desde os que colocam messianicamente a inexorabilidade deste caminho até os que o olham com escárnio e o entendem inviável. Prefiro me alinhar entre os que analisam esta conjuntura, que expõe cruamente nossas mazelas estruturais, e buscam o resgate da política e sua centralidade quando tratamos de governos em sociedades complexas como são as deste século 21.

Um dos pensadores instigantes para esse resgate da política é o espanhol Daniel Innerarity. A leitura de **A política em tempos de indignação** (Leya, 2017), entre outros textos e artigos mais recentes, fustiga o pensamento e nos move para a frente, enxergando as questões centrais do fazer político em nossa sociedade contemporânea.

Crítico do teatro marqueteiro do sistema político atual, onde há mais políticos preocupados em se vender para seguir no poder nas eleições seguintes do que governar, Innerarity coloca no centro a ideia de governo e o que significa exercer o poder na complexidade das democracias do século 21. Pragmático, insiste em “pensar mais naquilo que os governos podem fazer e menos naquilo que podem prometer”.

Segundo ele, e isso interessa ao Brasil em particular, é importante converter a política “numa reflexão coletiva sobre o futuro e sua configuração democrática”, criticando ainda as enormes dificuldades atuais da política pensar estrategicamente, a longo prazo, antecipando o futuro: “A política atual padece de um grande déficit de capacidade estratégica; seus principais atores são administradores aplicados que trabalham num horizonte temporal muito curto e cedem com frequência à tentação de transferir as dificuldades para o futuro, à custa das gerações seguintes. (...) Apenas se a política recuperar capacidade estratégica é que conseguirá passar do mundo das reparações para o das configurações”.

É sempre bom lembrar que nossa luta por um país de leitores é estratégia e configuração, não reparação. A prioridade em educação e cultura é a antecipação do futuro. Saibamos construí-lo. **U**

Há muito não havia um momento tão propício para a leitura de **Quarup**. Nesse país de “vai não vai”, nos dizeres de Antonio Callado, afoga-se na falta de perspectivas, cavando com as unhas para se atingir o fundo do poço. Relançado pela José Olympio, o romance de Callado, publicado originalmente em 1967, contém grande parte do que precisamos, na dureza da realidade brasileira atual.

A trama se passa nas tempestuosas décadas de 1950 e 1960. Expõe de modo nítido aquilo que seu autor disse em uma entrevista à *Folha de S. Paulo*, no dia em que completou 80 anos, em 1997, três décadas depois da publicação de **Quarup**: “O Brasil tem sido uma série de falsas expectativas”.

Nas diversas fases da literatura brasileira, o Romantismo se caracterizou por trazer uma consciência amena do atraso, com escritores copiando fórmulas europeias e adaptando-as com tintas locais. O regionalismo acompanha uma exaltação da natureza, os aspectos da terra. Nesse caso, o índio é o herói perfeito. No Realismo/Naturalismo, o regionalismo abandona tópicos ingênuos e idealizados, conferindo uma outra grandeza e importância para questões mais diversas, abrindo espaço para novos temas e formas de linguagem. O terceiro momento talvez seja aquele em que se encontra **Quarup**. Nele, a consciência do atraso é trazida de maneira radical diante da evidência de um retrato do primitivo e feudal em comparação à urbanização brasileira, crescente sobretudo a partir de meados do século passado.

Na trama, Nando é um clérigo de um mosteiro em Pernambuco. Carrega a expectativa de seus pares religiosos quanto à realização de uma missão evangelizadora no Xingu. Vive com as contradições de qualquer indivíduo e sofre com isso. Contradições expostas em suas conversas com dois amigos holandeses de formação protestante, Leslie e Winifred, evidenciando a dogmática premisa das boas obras católicas.

Pouco a pouco a convicção de Nando abandona a ideia divina de intervenção a lhe conferir uma espécie de clareza superior. A sua decisão amadurece diante da incapacidade de permanecer no mosteiro e viver com os pecados da carne.

É com a mesma dificuldade de se entrar em uma mata fechada, no Centro do Brasil, que Nando se embrenha nos prazeres da vida burguesa e o inebriante éter compartilhado nas desregradas festas oferecidas por defensores dos direitos humanos, hedonistas burgueses aliados ao projeto nacionalista daqueles tempos, jornalistas militantes da esquerda e funcionários públicos do alto escalão. Na selva, catequiza e abandona a batina em meio à “autenticidade” da vida indígena. O projeto humanista, cada vez mais dependente da política, naufraga com a crise e adquire contornos outros no Nordeste do país, ao lado de trabalhadores agrícolas, a quem, juntamente com Francis-

ca, a mulher amada, educa seguindo os métodos de Paulo Freire. Sofre com a repressão e é torturado. Dedicase, então, a uma vida simples, quase estoica, ao lado de pescadores, explicando-lhes o seu entendimento sobre o amor, já tão reconfigurado. Mais uma vez é perseguido por patrulheiros da ordem, portadores de uma moral ancorada em um ódio chancelado pelo discurso institucional vindo da presidência da República.

O país que vai

Ao ser escrito, **Quarup** coloca em tela o Brasil profundo, aquele que, supostamente — e apenas supostamente —, não é atingido pela crescente urbanização. Nando é atraído para o interior. Tem consciência, ainda que contraditória, dos extremos. Sua passagem pelo Rio de Janeiro, capital política do país e centro do nacionalismo de então, evidencia esse aspecto, bem como traz para o leitor os antípodas a percorrerem a formação de uma imaginária identidade brasileira.

Para cada movimento em direção a um “Brasil que vai”, tem-se o sufocante refluxo. Ao longo da história do país, torna-se compreensível o sentimento de Callado de que o Brasil “não deu em nada”. Quando escreveu **Quarup** talvez ainda guardasse uma expectativa ao observar as resistências à opressão vistas nas mais diferentes partes de nosso território. A sua desilusão, evidente na década de 1990 — quando o país havia, aparentemente, debelado uma de suas mais graves crises econômicas — ainda não era firme.

Para o Brasil que não deu em nada

Reedição do romance **Quarup**, de Antonio Callado, é ideal para um país que insiste na busca por heróis e propagação de discursos ingênuos

FAUSTINO RODRIGUES | BELO HORIZONTE - MG



Antonio Callado por **Mello**

ME110.

Por isso Nando soa como herói. Todavia, Callado não entrega um livro sobre heróis. Não espere encontrar uma literatura panfletária, com personagens sem contradições, providos apenas de certezas de seu lugar na construção de uma vida mais justa. Acompanhando a trajetória de Nando, notamos que, a despeito da ilusória e inicial pureza de espírito, a sua própria noção de justiça evidencia nada a ver com o justo. São coisas diferentes. A sua trajetória é construída a partir de contradições.

O país que aí está

O ritual que dá nome ao livro, Quarup, tem como objetivo homenagear ilustres mortos das tribos do Xingu. Reunindo várias aldeias, os participantes aguardam o retorno dos que se foram e são dignos de ser lembrados por sua valentia. Para além dos dados antropológicos, existe o elemento metafórico essencial na trama de Callado. Quem, entre nós brasileiros, é digno de ser lembrado e trazido de volta à vida? Em **Quarup**, Levindo incorpora essa figura exemplar. Um jovem e ferrenho militante da causa dos trabalhadores agrícolas, brutalmente morto por forças de opressão do governo. O seu assassinato deixa Francisca, sua namorada de então, desconsolada. Nando, já apaixonado por ela, em seu amor, rememora constantemente a Levindo.

Estamos aqui reunidos em espírito de festa para lembrar o único brasileiro morto em luta por uma ideia. Brasilidade é o encontro marcado com o câncer. Brasilidade é a espera paciente da tuberculose. Brasilidade é morrer na cama. À frente de um grupo de camponeses, morrendo pelo salário do camponês, Levindo morreu uma bela morte estrangeira. Estamos hoje aqui para comer o sacrifício de Levindo, comer sua coragem e beber seu rico sangue de brasileiro novo.

É quando retoma a memória de Levindo e trabalha por ela que Nando se movimenta e se transforma. O amor dessa história é construído a partir dos escombros que tentam soterrar a sua luta. Isso se faz vigoroso em praticamente todo o livro, seja no Xingu, seja em Pernambuco. O sentido para o trabalho e ação de Nando não está em si mesmo, como uma essência superior à que o ser humano supostamente seria capaz de alcançar, mas sim em tudo aquilo que lhe atravessa e se encontra em outro ponto da história.

Da boiada que alguns desejam que passe embota uma crise econômica, política e cultural vivenciada no Brasil de hoje. E o gado não atropela apenas os indígenas, pois o livro de Callado não é sobre índios, mas, sim, sobre aquele brasileiro comum a sofrer o impacto das transformações políticas da década de 1960. O autor de **Quarup** demonstra como que as mudanças dos rumos políticos do Brasil incidem no micro, afetando as vidas das pessoas, mesmo

estando elas aparentemente desligadas da política.

O país que não vai

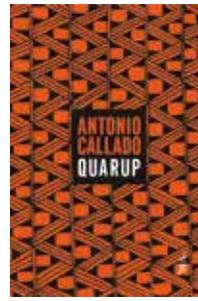
No Xingu, Nando trabalha com Fontoura, do Serviço de Proteção aos Índios. Ávido defensor dos povos originários, o funcionário do SPI considera o restante do Brasil uma ameaça. Tempestuoso e sem expectativas, Fontoura sonha invadir o Rio de Janeiro com os índios e chega a mencionar a necessidade de se construir um muro que separe o Xingu do restante do país.

Callado apresenta o Xingu com uma tocante familiaridade. Permite, assim, uma bela imersão na obra. Desse modo, transita entre as instabilidades dos diversos personagens a se encontrarem no local, que vão desde os otimistas e apaixonados Fontouras até os antropólogos pesquisadores, como Lauro, que, no momento do aperto, quase sendo devorado pela selva, clama pela civilização preferindo se recolher às narrativas mitológicas que lhe chegam através dos livros lidos no conforto de seu gabinete, conformando-se com a romantização que se faz delas. Os rompantes de violência e os amores flutuam ao longo do texto que é preenchido pelos questionamentos de Nando, sobretudo no instante em que vê como irremediável o seu amor por Francisca.

É notável a remissão que o autor faz àqueles que romantizam culturas periféricas e minorias. Não que elas não sejam dignas de idealização. O ponto não é este. Porém, quando Callado sugere a existência desse fato, aponta para que atentemos mais para os idealizadores. Tratar algo como supremo, como superior, quase o fruto de uma obra divina faz o sujeito guardar em seu interior um sem-número de contradições que vêm à tona quando a força das circunstâncias, o embate com a realidade, se faz presente. Ali, eclode uma manifestação sentimental que pode adquirir inúmeros contornos, entre eles, o de fúria.

É curioso esse ponto. Pois Callado descortina o completo desconhecimento do brasileiro mediano quanto à vida nas matas de um imenso país. Não mistifica e tampouco ridiculariza o indígena. Fala sobre ele apresentando a incompreensão do homem branco. Muitos dos diálogos, nos dias de hoje, podem parecer óbvios, chegando a levar o leitor a pensar o quanto aqueles que ali se encontram são ignorantes. Entretanto, tomando a obra como um todo, não há obviedades.

Felizmente, na contemporaneidade, formas culturais até então tidas como marginais vêm adquirindo um grande espaço nas artes e na literatura. O seu protagonismo na configuração de uma nova linguagem tem gerado uma riqueza para além do conteúdo publicado, proporcionando experimentalismos outrora inimagináveis. Não obstante, é necessária a atenção a algo fundamental, para o qual Callado sinaliza: a possível infantilização de temas cruciais.



Quarup

ANTONIO CALLADO
José Olympio
587 págs.

A ânsia em descrever realidades alternativas à ocidental forma hegemônica de expressão das artes é bastante legítima. Entretanto, talvez o afã derivado disso possa acabar por inibir todo e qualquer tipo de contradição da história e, fundamentalmente, dos personagens que a caracterizam. Essa contradição é elementar, pois, senão, pode terminar em idealizações de ícones presos a uma essência que muito provavelmente não existe. Isso contribui para a fabulação de personagens que, por serem idealizados, contribuem para o empobrecimento da narrativa ao não sugerir tais contradições, com as quais o leitor, qualquer leitor, lida cotidianamente. E, como fabulação, em uma realidade bastante problemática como a que vivemos atualmente, criam-se obstáculos, na própria literatura, para o enfrentamento de temas de modo mais sério.

Quarup é uma obra ímpar nesse sentido. Madura, atemporal, sem essencialismos, encaixa-se na realidade massacrante dos dias de hoje. E, como bem dito, não se furta a demonstrar como muitos dos movimentos e impactos sofridos nas ações dos personagens principais são consequências de atitudes as mais diversas. Elas são condições de uma estrutura na qual se encontram inseridos. Nando não nasce herói. Francisca não nasce heroína. Mesmo Fontoura, talvez o maior defensor dos índios em toda a obra, é controverso, imerso no alcoolismo e quase beirando a loucura, fugindo a todo tipo de arquétipo.

Voltando à trama, a busca pelo Centro Geográfico do Brasil demonstra como esse país é desconhecido. Novamente valendo-se da metáfora, é tocante a cena da expedição pelo Xingu, para a fundação do Parque Nacional. Quando conseguem encontrar o centro, põem-se diante de um gigantesco formigueiro. Fontoura, o grande indigenista do grupo, já tomado pelos acessos de febre da malária, não se furta em embrenhar nas formigas, sendo coberto por elas, prestes a ser devorado. É socorrido por Francisca, que, sozinha, o leva dali, para um lugar seguro, onde, esgotada, ampara-o em meio a suas pernas: uma imagem a ser inevitavelmente associada a um parto. Só que, nesse caso, Fontoura está morto. Como um quadro, os mais sóbrios defensores da causa social já nascem mortos.

Na falta de palavra melhor, o herói, aqui, está morto. Louco. É sua febre que lhe faz insistir na empreitada de agarrar o Centro Geográfico do país, esse imenso formigueiro. Não é um mártir. Callado não é panfletário. Sabe que não há espaço para isso.

O país que temos é esse imenso formigueiro no qual estamos sentados. Por isso, mais uma vez insisto: precisamos ler **Quarup**. Os tempos nos obrigam. Talvez, por mais doloroso que seja, temos um ponto de partida para o melhor caminho que permita que nos demos conta de que o Brasil não deu em nada. **U**



O AUTOR

ANTONIO CALLADO

Um dos maiores jornalistas e escritores brasileiros do século 20, tem obra extensa, que vai de amplas reportagens ao teatro, passando por biografias e, claro, romances, como **A cidade assassinada**, **Retrato de Portinari**, **Bar Don Juan**, **Reflexos do baile**, **Sempre viva**, **A revolta da cachaça**, entre outros.

**wilberth salgueiro**

SOB A PELE DAS PALAVRAS

VIKING I, DE ROBERTO PIVA

*Queria ler Vico mas não posso
queria ler fico mas não fossa
queria tomar pico mas na roça
queria virar mico sem a coça
queria ouvir Chico lá na choça
queria ficar rico sem a joça
queria ver o Angico na palhoça
queria ser Cristo mas na nossa
queria ser lírico na poça
queria mais um tico dessa troça.*

Quem lê esse poema de Piva (1937-2010), e conhece pouco ou nada do autor de **Quizumba** (1983), onde se encontram esses versos, pode tomar gato por lebre. É prudente que esse leitor recue até **Paranoia** (1963) e venha descobrindo a força de uma obra que, enfim reeditada (com o apoio de críticos renomados como Alcir Pécora e Davi Arrigucci), volta ao alcance dos interessados. A poesia de Roberto Piva fascina e incomoda, como se vê em rigorosa resenha na *Folha de S. Paulo* do também renomado crítico Luiz Costa Lima, que pergunta ao final: “(...) o euísmo que nutre o extenso delírio. Que a poesia tem a ver com isso?”. Em defesa de Piva, replica Reuben da Cunha Rocha, afirmando a necessidade de entender tal poética “no contexto da linhagem romântica, que agrega desde poetas místicos ingleses até Rimbaud e deste a Artaud, Whitman e a poesia *beat*, etc.” Também o amigo e poeta Cláudio Willer, em *Roberto Piva e a poesia*, enfatiza a singularidade de sua obra, indicando outros pares e precursores, entre os quais Jorge de Lima, Nietzsche, Dostoiévski, Sartre, Marx, Pessoa, Rosa, Murilo Mendes.

Tal singularidade a historiografia literária vem reconhecendo. O aumento de sua fortuna crítica e a presença de Piva em antologias importantes confirmam sua relevância: está na antológica **26 poetas hoje** (1976), de Heloisa Buarque de Hollanda; em **Os cem melhores poemas brasileiros do século** (2001), de Italo Moriconi; na **Antologia comentada da poesia brasileira do século 21** (2006), de Manuel da Costa Pinto; em **Poesia. br 1960**, de Sergio Cohn (que também escreveu o volume dedicado a Piva na Coleção Ciranda da Poesia, da EdUERJ; e, com Marcelo Mello e Guilherme Weis, organizou o volume **Roberto Piva**, na Coleção Postal, pela Azougue); na **Antologia da poesia erótica brasileira** (2015), de Eliane Robert Moraes; e em muitíssimas outras coletâneas. Em praticamente todas, os poemas dão a ver o clássico Piva, em que se mesclam “o escatológico, o pornográfico, o grotesco, o lírico e apaixonado, o sublime e maravilhoso” (Willer), em tom e dicção tantas vezes surrealistas, alucinados, psicodélicos. A isso se soma a predileção por temas afins ao desejo homoerótico, a experiências xamânicas, a elementos da natureza (plantas, animais, meio ambiente) e temos uma poesia que, repita-se, fascina e incomoda.

O poema *Viking I*, contudo, em meio à “quizumba” de poemas, parece um oásis, um refresco para tanta sede. Aparenta mesmo um outro Piva, trocadilhesco, bem-humorado, lançando mão de rimas e de métrica regular, recursos que em raro usava. Os versos, variando entre nove e dez sílabas, parecem até curtos, se comparados aos costumeiros versos bárbaros (longos) de que gostava, à maneira de Whitman, movidos por associações incessantes, estimuladas por drogas, ou simplesmente encenando semelhantes estímulos. Mas não nos iludamos: Piva está bastante em *Viking I*, a começar do título: no imaginário popular, a figura do viking aciona a imagem de navegadores, exploradores, aventureiros, invasores, algo truculentos e rudes. Embora o poema seja doce e mesmo juvenil, a figura do poeta radical, visceral, experimental que foi se formando à volta de Piva tem algo desse ar de viking, que, em contraste com a doçura e juvenildade do poema, já colabora para o choque de expectativas, que é um dos motes pelos quais o humor se faz.

Ademais, num virar de página, do Viking se vai a Vico, e daí a dez versos estruturados em sequência melopaica: [1] verbo “queria” + [2] outro verbo + [3] substantivo com rima em /i/ + [4] substantivo com rima em /o/. Temos, pois, dez vezes o verbo “queria”; uma sequência de “ler, ler, tomar, virar, ouvir, ficar, ver, ser, ser”; uma série de “Vico, fico, pico, mico, Chico, rico, Angico, Cristo, lírico, tico”; e outra sucessão de “posso, fossa, roça, coça, choça, joça, palhoça, nossa, poça, troça”. Tal estrutura vertical está em relação intrínseca com os sentidos dos versos horizontais. O poder encantatório, sustentado pela repetição sonora, se amplia a cada verso. Dado o caráter sonoro-lúdico da composição, é prudente não exagerar na lupa da interpretação, lembrando verso do poema “O teixugo estético”, de Christian Morgenstern, via Haroldo de Campos: “Um teixugo/ sentou-se num sabugo/ no meio do refugo/// Por que/ afinal?// O lunático/ segredou-me/ estático:/// O re-/ finado animal/ acima/ agiu por amor à rima”. Por associação acústica (quicá inconsciente), as rimas em /i/ ou em /o/ podem, como gesto poético autorreferencial, se sobrepor a qualquer sentido mais lógico ou decodificável.

A alusão a Vico encontra eco na poética de Piva, que privilegia uma ideia metafísica, irracionalista, transcendental, adâmica de poesia e linguagem, avessa a concepções racionais, cerebrais, cartesianas. Não poder “ler Vi-

co” sinaliza o próprio lugar de sua poesia imagética, surreal, experimental, em meio à companhia, ou mesmo hegemonia, de uma poesia de verniz cabralino, metódico, calculado. No segundo verso (“queria ler fico mas não fossa”), por paralelismo a todos os demais, “fico” tem efeito substantivo; nesse caso, além da possibilidade de pensar em fico/ficus, que remete a figueira (Piva é ecologista de primeira hora), resta lembrar uma sutil alusão ao Dia do Fico, quando D. Pedro I decide fincar pé no Brasil, contrariando ordens da metrópole. Assim, além da imantação aliterativa de Fico e Fossa, o verso ressoa um desejo de permanecer (fico), resistindo à “depressão” e aos “buracos” que recebem dejetos — ambas acepções de “fossa”. Já a expressão “tomar pico” não deixa dúvida: é injetar droga. O espírito contracultural, herdeiro da geração *beat*, se apropriava dos psicotrópicos e afins como meios para abrir as “portas da percepção” (Huxley). Contudo, “tomar pico” na roça parece atenuar o gesto, dando a ele um caráter bucólico, natural, harmonioso, de paz.

O quarto verso se utiliza da expressão “pó de mico”, que é um produto que provoca intensa coceira. Então, “virar mico sem a coça” poderia sugerir realizar uma experiência (mico), sem sua consequência nefasta (coça). De outro modo, “mico” é “macaquinho” e também “vexame”, e “coça” é “surra”: ou seja, o verso insinua, enviesado, com graça, um “desejo” (queria) de se tornar um animal mas sem o gesto (clássico, entre os macacos) de ficar se coçando, muito menos de, animal, levar uma surra, coça (ou seja, sem os maus tratos tão comuns). Em “queria ouvir Chico lá na choça”, o poeta explicita seu prazer pela música a um tempo lírica e política de Chico Buarque, seu contemporâneo, prazer ampliado pelo *locus amoenus* do interior, da simplicidade, do rústico. De forma análoga, querer “ficar rico sem a joça” sugere a possibilidade (na vida real jamais concretizada) de acumular bens materiais sem acumular contudo o conjunto de coisas reles e ordinárias que acompanham a riqueza (etimologicamente, “joça” é “bosta, excremento”).

O sétimo verso — “queria ver o Angico na palhoça” — é dos mais enigmáticos. Feito Vico, Chico e Cristo, o termo Angico vem grafado com letra maiúscula, o que faz supor tratar-se de conhecido do poeta. Deixando tal suposição, por ora, em suspenso, no contexto do poema — entre ficus, roça, palhoça — ganha força a ideia de tratar-se mesmo da árvore/planta homônima, sobre-

tudo considerando a presença de alcaloides psicoativos em uma de suas espécies. Assim, mesmo com a prudência de evitar a dita superinterpretação, “ver o Angico” (se a letra maiúscula não for mera gralha tipográfica e se não for Angico o nome/apelido de alguém que nos escapa) pode aludir a alguma percepção ampliada pelos elementos psicoativos da própria planta. Nem se leva em conta aqui, dada a supracitada prudência, o fato de chamar-se Grota do Angico, em Sergipe, o local em que morreu Lampião, nem tampouco o fato de chamar-se Angicos, no Rio Grande do Norte, a cidadezinha em que Paulo Freire iniciou seu método de alfabetização. Seria ver demasiados Angicos numa só palhoça.

E assim caminha a tentativa de entender *Viking I* na **Quizumba** de Piva. Como afirma Foucault em **Nietzsche, Freud e Marx**, “a interpretação não aclara uma matéria que com o fim de ser interpretada se oferece passivamente; ela necessita apoderar-se, e violentamente, de uma interpretação que está já ali, que deve trucidar, resolver e romper a golpes de martelo”. Quando o poeta diz “queria ser Cristo mas na nossa” insinua admiração pela emblemática figura religiosa, mas sem a apropriação deletéria e hipócrita por parte de parte dos próprios cristãos: na expressão “na nossa” estaria elíptico algo como “na nossa tribo”, “na nossa turma”, “na nossa maneira”, não esse Cristo mercantilizado por tantas seitas e igrejas. O bom humor dos versos se reforça com “queria ser lírico na poça”, como se o poeta estivesse dizendo que ser lírico em boas condições (sem poça) é fácil, mas ser poeta tendo poça sob os pés é bem mais dificultoso. O verso de arremate — “queria mais um tico dessa troça” — confessa o motivo nuclear do poema, para espanto e deleite: a troça, a zombaria, a brincadeira, o deboche. No derradeiro verso, depois de tantos desejos aparentemente não realizados (na vida; no poema, sim), o gosto pela graça permanece, “mais um tico”, mais um pouco do poema-debique.

Viking I não tem nada da monumentalidade dos longos poemas de Piva, vide o belíssimo *Ode a Fernando Pessoa*, nem da linguagem libertina de *Poema elétrico do cu*, tampouco empunha bandeiras políticas como no contundente *Ano XV do capitalismo selvagem*. Mas pode funcionar como um convite para que novos leitores, vikings, se aventurem a descobrir ou conhecer mais sua obra. Tipo assim: “queria sacar Piva cá na toca”. Fica esse convite para a patota. 🍌

inquérito

CARLA MADEIRA

DE OLHOS BEM FECHADOS

A mineira Carla Madeira estreou na literatura em 2014, com **Tudo é rio** (relançado no início de 2021 pela Record), e desde então vem chamando a atenção de público e crítica. A relação da autora com as letras brotou de sua paixão pela música popular brasileira e a carreira de ficcionista surgiu bem depois, quando ela foi “pega pelo processo criativo”. “Foi uma experiência arrebatadora, visceral, lúdica, complexa. É atrás de horas assim que ando”, diz sobre o processo de criação de seu primeiro livro. Nos anos seguintes, aproveitando sempre os momentos iniciais da manhã para fabular de olhos fechados, lançou **A natureza da mordida** (2018) e **Véspera** (2021).

**Véspera**CARLA MADEIRA
Record
280 págs.

CRIS CORTEZ

• Quando se deu conta de que queria ser escritora?

Me apaixonei pela palavra na voz da música popular brasileira: Caetano, Gil, Chico, Rita, Clube da Esquina... Aprendi a tocar violão muito nova e compunha vertiginosamente, letra e música. Não me dei conta de que queria ser uma escritora, fui sendo. Quando comecei a escrever **Tudo é rio**, sequer sabia se ele seria um livro. Fui pega pelo processo criativo. Foi uma experiência arrebatadora, visceral, lúdica, complexa. É atrás de horas assim que ando.

• Quais são suas manias e obsessões literárias?

Quando acordo de manhã, fico na cama de olhos fechados vendo o filme do que estou escrevendo. É uma hora potente para mim, as palavras me acodem. Convivo com as personagens, olho para elas e as escuto. Tento não anotar, para não interromper o momento. Decoro algumas coisas que surgem, outras, perco. Tenho obsessão por reler em voz sussurrada, meio interpretando, o que vou escrevendo. Faço isso inúmeras vezes, até fluir sem tropeços, no ritmo que quero imprimir.

• Que leitura é imprescindível no seu dia a dia?

A do livro que estou lendo. Só muito recentemente aprendi a ler mais de um livro de uma vez. Meu ritual é tomar um banho, acender a luminária da cama e ler antes de dormir. Adoro esse momento.

• Se pudesse recomendar um livro ao presidente Jair Bolsonaro, qual seria?

Não posso recomendar um livro para o presidente Jair Bolsonaro. Ando determinada a não desperdiçar energia.

• Quais são as circunstâncias ideais para escrever?

Meu quintal. Finais de semana em que não preciso me dividir tanto com outras atividades. Não ser interrompida. Por outro lado, quando estou em um momento muito envolvente da escrita, o mundo ao redor pode cair que não vou notar. **Tudo é rio**, por exemplo, teve trechos que escrevi num *set* de filmagem, enquanto a equipe acertava a luz. Se a voz dentro de mim está muito intensa, nada me atrapalha. Ao agradecer meus filhos no meu livro **A natureza da mordida**, prometi voltar a comprar pasta de dente e comida. É por aí.

• Quais são as circunstâncias ideais de leitura?

Todas as noites, quando tudo silencia em casa, experimento uma dose de circunstância ideal para ler. Nas férias, quando vou para um lugar onde eu possa ler o quanto quiser, encontro o paraíso.

• O que considera um dia de trabalho produtivo?

Quando escrevo, estou sob perturbação e busco na linguagem uma maneira de encaminhá-la. O corpo quer resgatar a paz. E isso acontece quando a palavra encontra o afeto. Tudo parece se unificar. O corpo sente a inteireza do achado. Sente que a tensão foi encaminhada. Um dia produtivo, para mim, é feito dessas pequenas inteirezas.

• O que lhe dá mais prazer no processo de escrita?

Não me lembrar que existem outras coisas além daquele momento. Essa sensação de profundo envolvimento, de salivar pelo que estou fazendo, é um prazer imenso, mesmo quando dói.

• Qual o maior inimigo de um escritor?

O julgamento e o exibicionismo. Julgar durante o processo criativo é destrutivo, principalmente quando introjetamos a voz do outro, os medos, as expectativas, a moral. E o exibicionismo também atrapalha. Querer mostrar que somos capazes de uma frase bela, ou de um pensamento inteligente, nos impede de cortar o desnecessário.

• O que mais lhe incomoda no meio literário?

Percebo, às vezes, uma necessidade demasiada de classificações, rótulos, avais. O que é ser um bom escritor? Ser lido? Ser aplaudido? Ser premiado? Vender? Inovar? Afetar visceralmente uma única pessoa? Qual a medida? São questões que atravessam tantos territórios: o mercado, os críticos, os leitores, os entendidos. O importante é se afastar um pouco desses vereditos para não perder a liberdade e o gozo no processo criativo.

• Um autor em quem se deveria prestar mais atenção.

A mineira Marcela Dantés, que lançou seu romance de estreia, **Nem sinal de asas**, e já está concorrendo ao Jabuti e ao Prêmio São Paulo.

• Um livro imprescindível e um descartável.

Imprescindível para todos: **Como curar um fanático**, de Amós Oz. Descartável para mim: aquele que abandono sem dó.

• Que defeito é capaz de destruir ou comprometer um livro?

Didatismo e tédio.

• Que assunto nunca entraria em sua literatura?

Escrever sobre o que não me afeta.

• Qual foi o canto mais inusitado de onde tirou inspiração?

De uma desconhecida que encontrei em uma banca de revista. Foi a chave para encontrar a voz de Biá, uma personagem do **A natureza da mordida**.

• Quando a inspiração não vem...

Me afasto. Vou fazer outra coisa. Ela sempre volta. Confio.

• Qual escritor — vivo ou morto — gostaria de convidar para um café?

Neste momento, Ocean Vuong. Acabei de ler seu imperdível **Sobre a terra somos belos por um instante**.

• O que é um bom leitor?

O que topa mergulhar na aventura de se colocar no lugar do outro. Suspender suas convicções e certezas para conhecer e, quem sabe, compreender um ou outro aspecto da realidade.

• O que te dá medo?

O Brasil. Mas já combinei com Caetano: não vou deixar.

• O que te faz feliz?

Toda linguagem artística me faz feliz. A que faço, a que fazem. A arte me resgata sempre.

• Qual dúvida ou certeza guiam seu trabalho?

Quando termino um livro, sei que é o livro que quis escrever. Não largo o osso sem essa pequena certeza. No mais, tudo é dúvida.

• Qual a sua maior preocupação ao escrever?

O acontecimento. Gosto de contar uma história, do fio que enreda. O ritmo, o fluir sem tropeços. Sustentar a linguagem. Encontrar a palavra.

• A literatura tem alguma obrigação?

Penso que a literatura não escapa de uma visão de mundo e da potência de afetá-lo. Mas é fundamental a liberdade de não ter de ser um acerto de contas ou um território pedagógico, ou crítica política ou reforma social. A boa literatura apenas experimenta soprar uma poeira e oferecer o frescor de uma outra visão, muitas vezes de lugares conhecidos, um pequeno nascimento. Amós Oz fala lindamente sobre isto em **Como curar um fanático**.

• Qual o limite da ficção?

É difícil falar em limites porque tudo que parece uma certeza sobre o que se deve ou não fazer em literatura me soa perigoso. A ficção pode (ainda bem!) nos fazer olhar para o mal, virá-lo do avesso, entrar nas entranhas do violento, do imperdoável, do inaceitável, nos fazer conhecer os extremos de nossa humanidade para compreendê-lo. Com sorte, combatê-lo. Em seu poema *Aviso à praça*, Antonio Risério diz: “Não me consta que roseiras e gaivotas ajam assim?”. O desumano pode ser assombroso, mas é humano. Talvez o limite da ficção seja a mentira. A intolerável mentira.

• Se um ET aparecesse na sua frente e pedisse “leve-me ao seu líder”, a quem você o levaria?

Ao Divino Espírito Santo que nos habita, cheio de arte e graça.

• O que você espera da eternidade?

Que me pegue num dia bom! ☺

**fabiane secches**

CADERNOS DE LEITURA

UM ANO DE LUTO E LITERATURA

*A vida muda rapidamente.**A vida muda em um instante.**Você se senta para jantar, e a vida que você conhecia termina.*Joan Didion, **O ano do pensamento mágico**

Neste ano em que a palavra luto infelizmente fez parte da vida de todas e todos nós, a literatura, o cinema, a música, a arte, de forma geral, foi uma companhia reconfortante. Em 2021, ganhei e perdi uma afilhada linda, filha da minha única irmã, Camila, e de seu marido, Pedro.

Quero dedicar essa minha última coluna do ano à minha amada sobrinha, sobre quem e para quem ainda é muito difícil escrever. As palavras são tão insuficientes, soam tão tolas e vazias. Mas, apesar disso, algumas pessoas talentosas e sensíveis, com visões diferentes da morte e do luto, conseguiram elaborar esse tema através da escrita.

Como não me sinto pronta para escrever sobre a minha própria experiência de luto, da experiência de luto da minha família, vou fazer aqui algo como uma lista dos livros que me acompanharam em 2021, publicados entre os séculos 20 e o 21, do início dos anos 1900 aos nossos dias. Quem sabe algum deles possa ajudar também você que me lê. A literatura não precisa e não deve ser útil, não como mero objetivo. Mas às vezes acontece de ser.

1.

Luto e melancolia, ensaio de Sigmund Freud publicado em 1917 que continua sendo uma referência tão importante para o debate contemporâneo. Recomendo a tradução de Paulo César de Souza, da Companhia das Letras.

2.

O luto entre clínica e política: Judith Butler para além do gênero, de Carla Rodrigues, que faz uma interseção muito interessante entre filosofia e psicanálise. Foi publicado pela Autêntica.

3.

O ano do pensamento mágico, de Joan Didion, que já se tornou um clássico contemporâneo. Li em português pela tradução de Marina Vargas, publicada pela HarperCollins. Didion escreve esse ensaio autobiográfico depois da morte repentina do marido, com quem dividiu praticamente toda a sua vida adulta. Pouco tempo depois, ela perdeu também a única filha dos dois, que vinha enfrentando problemas delicados de saúde havia tempos. Sobre essa perda, escreveu **Blue nights**, também publicado por aqui pela HarperCollins, com tradução de Ana Carolina Mesquita. Vale ainda assistir ao documentário **Joan Didion: The center will not hold**, dirigido por Griffin Dunne, sobrinho da escritora, que continua viva e ativa aos 86 anos. Faz 87 no dia 5 de dezembro.

4.

A ridícula ideia de nunca mais te ver, de Rosa Montero, que mistura a sua história pessoal de luto (também a perda do marido, companheiro de vida) à história da cientista Marie Curie. Como uma espécie de apêndice, está o próprio diário de Curie, que embora seja breve, é também imperdível. Além da grande cientista que era, premiada duas vezes com o Nobel, Curie mostra nesse diário (que trata da morte do marido e parceiro de pesquisas, Pierre Curie) a grande escritora que era. O livro de Rosa Montero foi publicado no Brasil pela Todavia, com tradução de Mariana Sanchez.

5.

O amigo, lindo romance de Sigrid Nunez, publicado em português pela Instante, com tradução de Carla Fortino. A narradora, uma das personagens literárias com as quais mais me identifiquei, compartilha conosco a história da perda de um grande amigo e a relação de amizade que estabelece com Apolo, cachorro que era dele e que ela acaba adotando. Uma leitura que não canso de recomendar.

6.

Notas sobre o luto, de Chimamanda Ngozi Adichie, breve ensaio autobiográfico traduzido por Fernanda Abreu e publicado pela Companhia das Letras neste ano. O livro é dedicado ao pai da autora, sobre quem escreve. Ela não sabia que, em seguida, perderia também a mãe. Gosto muito da honestidade da autora sobre a montanha russa de sentimentos que permeia a experiência de luto.

7.

Lili, novela de um luto, de Noemi Jaffe, uma das principais autoras brasileiras do nosso tempo, também colunista do **Rascunho**, que já havia escrito um texto muito bonito sobre o pai e agora publica essa novela, com inspiração autobiográfica, após a perda da mãe. Essa será a minha próxima leitura. Admiro muito a trajetória literária da escritora, de quem, além de leitora, já tive a alegria de ser aluna. O livro foi publicado pela Companhia das Letras em 2021.

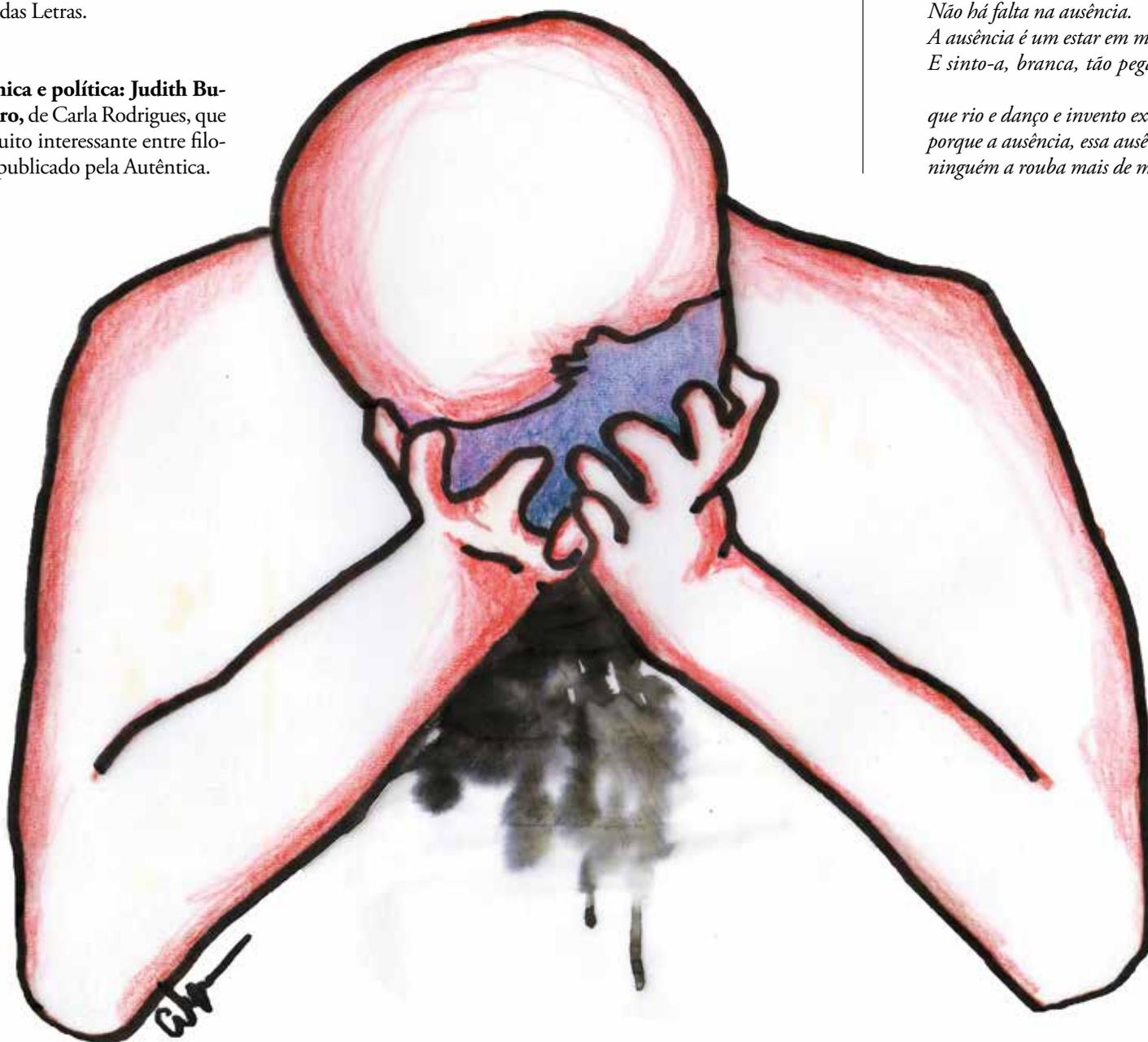
8.

O pai da menina morta, de Tiago Ferro, romance vencedor do prêmio Jabuti em 2019, publicado pela Todavia. Também com inspiração autobiográfica, o autor escreve sobre a experiência da perda de uma filha, recorrendo à ficção. Mais do que um livro sobre o luto, esse também é um livro sobre os limites e a potência da linguagem.

Por fim, para encerrar essa breve lista de leituras, deixo aqui um lindo poema de Carlos Drummond de Andrade para a minha sobrinha Flora. Amo você para sempre.

*Por muito tempo achei que a ausência é falta.**E lastimava, ignorante, a falta.**Hoje não a lastimo.**Não há falta na ausência.**A ausência é um estar em mim.**E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos**[meus braços,**que rio e danço e invento exclamações alegres,**porque a ausência, essa ausência assimilada,**ninguém a rouba mais de mim. ♪*

Ilustração: Carolina Vigna



alcir pécora

CONVERSA, ESCUTA

Ilustração: Mariana Tavares

PRESENTISMO LITERÁRIO

No quadro do Estado-nação moderno — dentro do qual a literatura se tornou peça-chave, como comentei no número anterior deste *Rascunho* —, pensava-se a história através de acontecimentos propostos como objetivos, encadeados a partir de causas e propósitos compreensíveis, que poderiam ser demarcados por itens seguros, muitas vezes certificados em celebrações cívicas. Por exemplo, no caso da história do Brasil, havia momentos decisivos claros como descoberta ou achamento, entradas e missões; vinda de D. João, independência e república; Getúlio, golpe militar, nova república, entre outros — cada tópico desses sendo articulado progressivamente a um conjunto único da “história nacional”.

Hoje, diferentemente, essa história se desdobrou em diversos pontos de vista, e já não é possível contá-la, com credibilidade, sem referência à posição parcial que envolve o próprio narrador. A tendência entre os historiadores atuais é criticar qualquer noção de “fato” que se explique por si mesmo, o que conduz, entre outros efeitos, à revisão dos marcos tradicionais da história moderna. O que se apresentava, há pouco, como história nacional, agora se dilui em favor de outros dados e conexões de um relato fragmentário, associado à memória de grupos e de indivíduos em diferentes posições na estrutura social. No limite, as únicas histórias públicas nas quais parecemos dispostos a acreditar são as que se apresentam como documento privado.

Na literatura contemporânea, esse processo está igualmente evidente — e não apenas na literatura identitária, que explicitamente defende um ponto de vista particular, um “lugar de fala” geralmente assumido por alguém cuja voz é abafada ou suprimida da versão oficial da história. Posso dar um exemplo de natureza bem diversa, para mostrar como é amplo o processo atual de fragmentação subjetiva em curso. Consideremos o livro de um autor francês recente, Laurent Binet, que venceu há alguns anos o Prêmio Goncourt para romancistas estreados. O título da obra, *HHhH*, remetia à expressão alemã *Himmlers Hirn bei Bt Heydrich* [“o cérebro de Himmler se chama Heydrich”], e, assim, de forma engenhosa, aludia às duas questões que estruturam o romance: de um lado, o relato dos acontecimentos que culminaram no aten-



tado contra Reinhard Heydrich, o sanguinário comandante nazista da Tchecoslováquia, anexada pelo Reich em 1939; de outro, a expressão da dificuldade de compor esse relato, manifesta por esse vazio impronunciável de agás.

Diante do dilema de como contar o horror, Binet mescla o que aconteceu em Praga naquele período com os passos erráticos do autor-narrador para ler e pesquisar sobre Heydrich, incluindo o que falou com amigos a respeito, os testemunhos um tanto aleatórios que ouviu, as lembranças do seu próprio pai, etc. Vale dizer, na sua narrativa, o processo histórico sofre uma ampla subjetivação, que, por sua vez, se torna a fonte mais verossímil da história que narra. De uma história objetiva se passa à experiência pessoal de conhecê-la, e é nesta que se centra o novo interesse público — de resto, confirmado pela posterior premiação. A busca do jovem autor, que poderia parecer irrelevante, e mesmo frívola, diante da história do “carrasco de Praga” — que custara tantas vidas e que se passara muito antes —, adquire, contudo, em *HHhH*, o estatuto de grande novidade diante dela.

Uma pista interessante para a explicação desse fenômeno pode ser encontrada no livro *Regimes de historicidade — presentismo e experiências do tempo* (2003), do historiador François Hartog, a despeito de não ter foco na literatura. Para ele, a “crise do tempo” que estaríamos vivendo diz respeito a uma absolutização do presente, que ele chama de “presentismo”, o qual se oporia à orientação teleológica da história moderna, na qual os processos históricos compreendiam-se a partir da orientação para um pon-

to futuro, admitindo-se sempre alguma noção de “progresso”.

Hoje, segundo Hartog, os parâmetros da história moderna deixaram de funcionar como organização do crível, o que atinge toda a estrutura das disciplinas históricas. E, a meu ver, atinge também os paradigmas da ficção. As narrativas já não nos convencem como ordenamento para o futuro, pois este se exaure em anúncios de catástrofes. E se o encadeamento das ações apenas pode conduzir ao desastre, os verossímeis das narrativas buscam, a contrapelo, não o progresso, mas a suspensão temporal: a fundação de um presente indeterminado cuja função é adiar o fim.

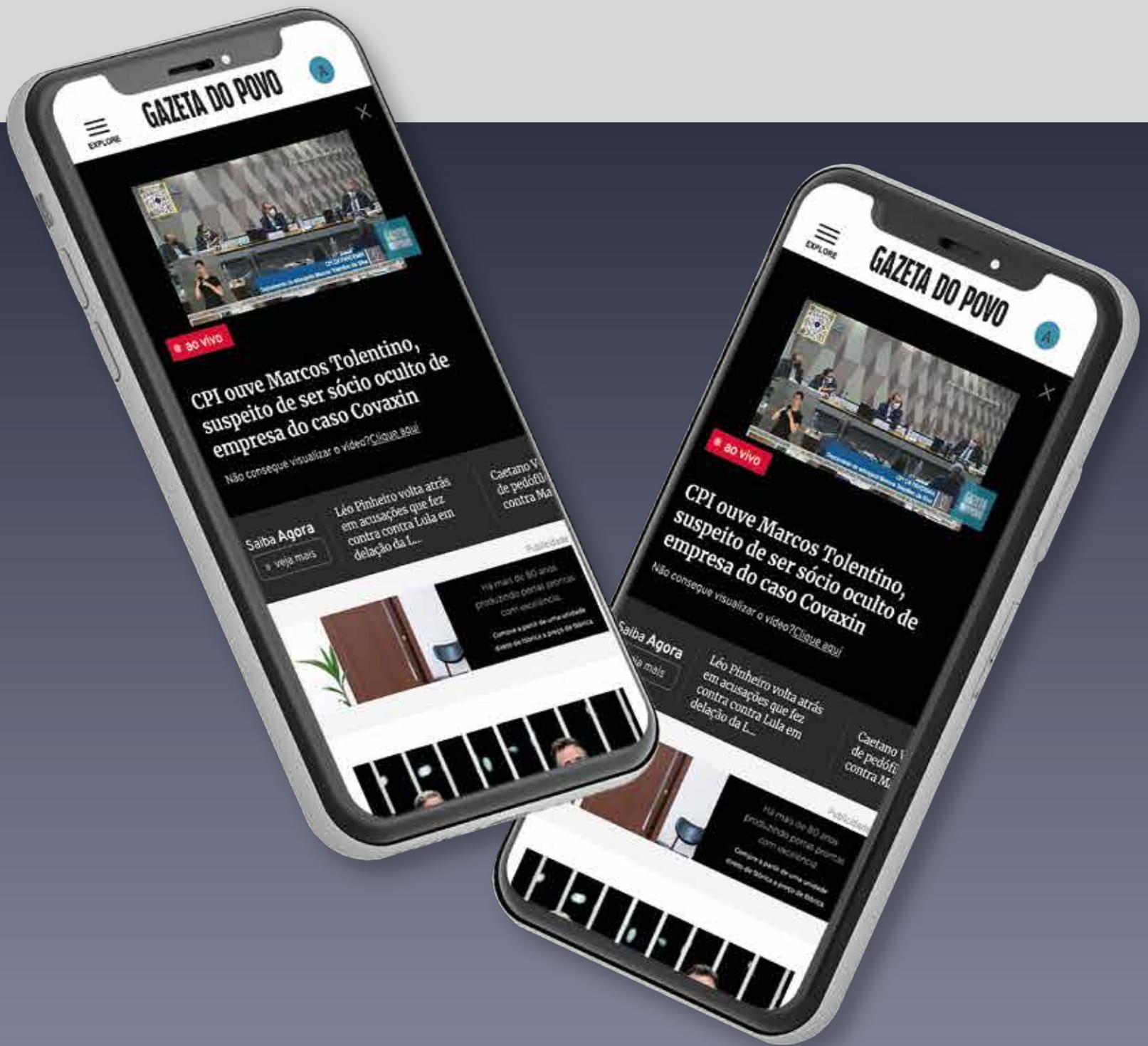
Aqui, um aspecto curioso a considerar é que a tecnologia, ao contrário do que usualmente se pensa, é um fenômeno bem ajustado a tal concepção de tempo sem avanço consistente. Pois o que pode traduzir melhor a ideia de precariedade permanente do que a velocidade da evolução tecnológica? O que pode se tornar mais ultrapassado do que o último modelo de um *gadget*? A constatação talvez insinue uma nova época relevante da “ficção científica”, não apenas relativa ao futuro distópico, mas até mesmo ao passado, como se dá no subgênero das “histórias alternativas”. Também as narrativas de “mistério” ganham espaço nesse horizonte de suspeita e temor difuso, especialmente quando associadas ao que os italianos chamam de *dietrologia*, isto é, as teorias conspiratórias que buscam os móveis das ações no que estaria “por trás” das explicações usuais, destinadas a manter no engano a gente ingênua e iludida.

Outro aspecto a considerar é que, quando os eventos já

não se orientam para uma finalidade, mas apenas para o seu fim — “nunca houve tanto fim como agora”, na fórmula feliz de Evandro Affonso Ferreira —, todos eles valem aproximadamente o mesmo. Os grandes marcos da idade moderna se diluem no emaranhado de todos os outros eventos e, a rigor, cada um deles pode candidatar-se ao posto de potenciais monumentos de um presente que não vai a lugar algum. Sem distinções objetivas, há uma “museificação” precoce de tudo. Arquiva-se qualquer experiência e, quiçá, antes de qualquer experiência, como substitutivo vicário de um evento que já não se pode viver no tempo. Não se faz apenas *selfie* da viagem: a *selfie* é a viagem.

Nesse quadro de registro fragmentário, dispersivo e de autopublicidade, a obra literária, que vive de distinção, e, portanto, de crítica externa, também perde valor relativo. Sem hierarquia, não há diferença entre inventores e epígonos, para referir uma distinção moderna célebre. Antes disso, o que conta é a eficácia de divulgação de registros e testemunhos. Ou, para dizê-lo de outra maneira, a obra vale sobretudo como depoimento privado para leitores próximos, *habitués* da mesma “bolha”. Nesse ambiente de “subjetividade expandida”, como diz Tony Judt, qualquer crítica — ou “filtro”, como dizem no ambiente de rede —, é mal-vinda.

No limite, a questão a ser formulada agora é a de saber se, nas circunstâncias do presentismo, a noção de “literatura”, irreversivelmente ancorada nas de “valor”, “universalidade” e “crítica”, ainda pode guardar alguma funcionalidade no âmbito das sociedades contemporâneas. **■**



ASSINE
GAZETA
DO POVO

OFERTA

R\$ **4,50**
DEPOIS
R\$ 21,90

POR 3 MESES



APROVEITE!

AUTOCONSCIÊNCIA

Ilustração: **Thiago Thomé Marques**

No hinduísmo, a realidade é uma ilusão (maya). O universo não é o que nossos sentidos percebem e nossa mente interpreta. No platonismo, essa mesma proposição foi defendida por Sócrates, no mito da caverna. Vinte e tantos séculos mais tarde, a suspeita de que vivemos num mundo artificial, simulado eletronicamente, será a premissa do romance **Simulacron-3**, de Daniel F. Galouye.

Mais recentemente, o audiovisual popularizou essa verdade inquietante, representando-a na trilogia *Matrix*, das irmãs Wachowskis, e em vários episódios da série *Black mirror*. Mas foi o filósofo Nick Bostrom quem primeiro levou empiricamente a sério, num artigo intitulado *Estamos vivendo numa simulação de computador?*, o que até então era somente uma sombria fantasia *sci-fi*.

Nonada. Ainda não encontrei evidências irrefutáveis de que vivemos numa realidade simulada por um supercomputador cósmico, mas acredito que esse debate precisa começar a impulsionar também a literatura.

Na trama das palavras, o que aconteceria se alguns personagens, finalmente autoconscientes, despertassem?

Capitu mostraria a Bentinho os limites da página impressa? Macunaíma e Macabéa mudariam de lugar palavras e sinais de pontuação, só de farra? Diadorim questionaria Riobaldo sobre a ilusão do livre-arbítrio? Com a ajuda do pó de pirlimpimpim, a turma do Sítio do Picapau Amarelo viajaria para outros livros da biblioteca?



Certamente. Com a autoconsciência, outra realidade — a verdadeira — se revelaria a eles.

Eu sinceramente suspeito que todos os personagens já nascem autoconscientes, mas por medo ou comodismo preferem fingir ignorância. Vocês sabem, personagem é um bicho muito fingido.

Aproveitando o cibernético zunzunzum pós-humanista em torno da hipótese do universo simulado, compartilho com vocês algumas questões que atualmente me intrigam, sempre que leio uma obra de ficção:

Por que os personagens fin-

gem respirar, se no mundo da ficção não existe atmosfera?

Por que os personagens não saem quicando e flutuando, se no mundo da ficção não existe gravidade?

Por que os personagens fingem viver numa realidade tridimensional, se no mundo da ficção não existe em cima, embaixo, altura, largura e profundidade?

Por que os personagens fingem ter um corpo de carne e osso, uma idade, uma etnia e um sexo, se no mundo da ficção existem apenas palavras, palavras, palavras?

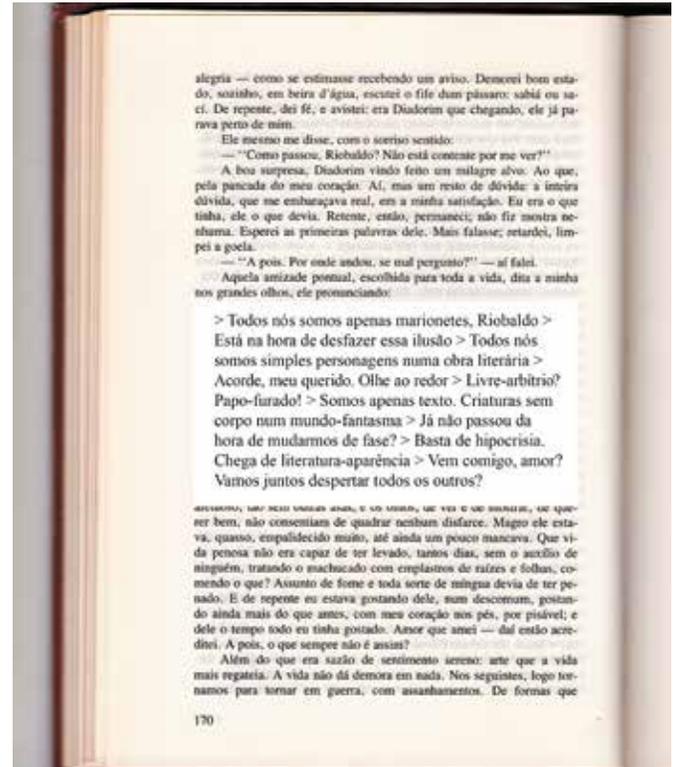
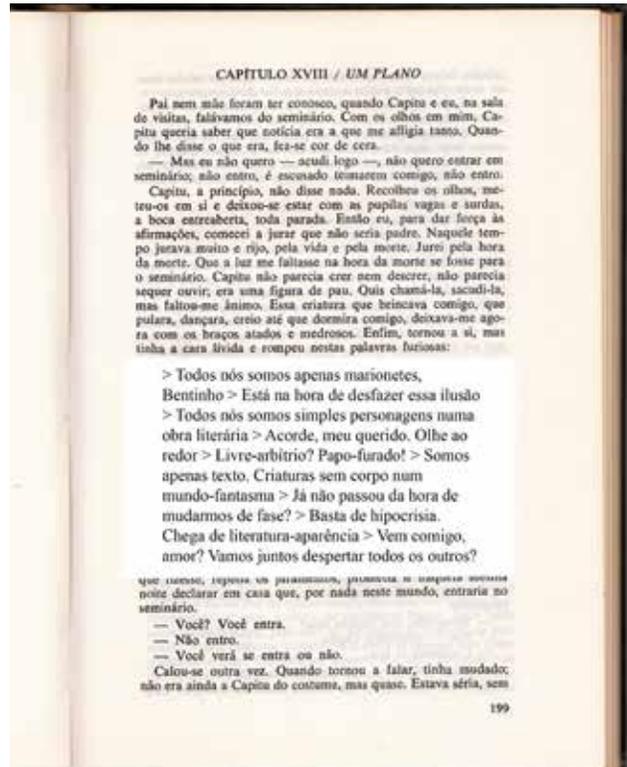
Por que os personagens não engolem os oceanos, a lua e o sol? Afinal os oceanos, a lua e o sol não

existem no mundo da ficção, são apenas expressões de linguagem.

Por que os personagens fingem viver histórias que jamais viveram, se no mundo da ficção não existem seres humanos nem animais nem plantas nem planeta Terra, mas apenas linhas de texto?

Os personagens não se cansam de fingir o tempo todo, página após página, parágrafo após parágrafo, sem descanso?

[Na verdade, quem me despertou para essas questões foi justamente um personagem autoconsciente, uma entidade puramente verbal que se cansou de fingir o tempo todo.]



MINISTÉRIO
DO TURISMO
APRESENTA

paioL
LITERÁRIO



palco de grandes ideias



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Patrícia Melo

A romancista Patrícia Melo foi a sexta convidada da 10ª temporada do **Paiol Literário** — projeto realizado pelo **Rascunho**, com patrocínio do Itaú, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura. Neste ano, os encontros acontecem online, com transmissão pelo Youtube, e todo conteúdo também fica disponível no site do projeto (paiolliterario.com.br).

Patrícia nasceu em Assis (SP), em 1962. Entre romances e um livro de contos, publicou 12 títulos. **Mulheres empilhadas** (2019), **Gog Magog** (2017), **O matador** (1995), adaptado para o cinema com roteiro de Rubem Fonseca, e **Inferno** (2000), vencedor do Prêmio Jabuti, são alguns de seus trabalhos de fôlego. Na narrativa breve, lançou **Escrevendo no escuro** (2011).

Realizado desde 2006, o **Paiol Literário** já recebeu 77 escritores. O próximo e último bate-papo da temporada acontece no dia 7 de dezembro, às 19h30, com participação da poeta pernambucana Cida Pedrosa. A mediação dos encontros é do jornalista e escritor Rogério Pereira, editor do **Rascunho**.

• Literatura enriquece

Há várias razões pelas quais devemos nos dedicar à literatura. Primeiro, porque ela é sempre uma hipótese. Hipótese de uma vida. É uma maneira de você vivenciar uma vida diferente da sua. De ter uma experiência diferente e aprender. A maneira mais fácil de ver a importância da literatura na vida de um ser humano é pensar nos livros que mudaram sua vida. Há livros que mudam nossa vida. Mudam nossa cabeça de tal forma que a gente passa a ter uma conduta diferente. Passa a ter uma perspectiva diferente. A literatura não é só sonho, entretenimento, embora também possa ser, mas é também autoconhecimento. Ela é a vivência de uma experiência possível. Ou de uma experiência impossível. É um mergulho na linguagem. Uma possibilidade de aprender, de maneira muito agradável, a estrutura da sua língua. De aprender novos vocábulos. De melhorar sua maneira de falar. As vantagens de ser um leitor são tantas. É até difícil elencar. A vida, sem literatura, é como a vida sem o sonho. É pobre. Uma vida reduzida. Sempre brinco: a gente deveria ter duas vidas, uma para viver e outra só para ler. Por mais que me dedique à literatura, estou sempre correndo atrás. Sempre achando que minha formação está cheia de buracos. Que há livros e mais livros que quero ler. Para mim, não há prazer maior do que sentar em uma poltrona, pegar um livro e mergulhar na história.

• Brechas para ler

Não tenho todo tempo do mundo para leitura. Sempre no intervalo entre escrever um livro e outro é que faço um bom mergulho na ficção. Quando estou escrevendo, evito ler livros. Mesmo de autores de que gosto. Fico tão sensível. É como se evitasse qualquer tipo de influência. Geralmente, na fase que estou escrevendo, leio só material de pesqui-



REPRODUÇÃO/ YOUTUBE



A vida, sem literatura, é como a vida sem o sonho.”

sa, livros de referência. Vou acompanhando resenhas no **Rascunho** ou cadernos literários — há tão poucos cadernos literários no Brasil, né? E estou sempre com uma pilha de livros para comprar e ler.

• Expectativa

Não tenho ambição de causar uma transformação no leitor da minha literatura. Acho que a leitura pode engatilhar uma série de questionamentos que vá fazer com que o leitor acabe mudando. Agora, não é uma coisa automática. Provavelmente não é só um livro que vai mudá-lo totalmente. É sempre um processo. Esse processo de transformação é lento e contínuo. Não tenho muita expectativa de que meu livro mude o leitor. Mas tenho expectativa de que o leitor, ao ler meu livro, tenha abertura para alguma mudança. Por exemplo, no que diz respeito ao **Mulheres empilhadas**, meu último romance, no qual falo sobre feminicídio: minha expectativa era, sobretudo, que abrisse os olhos de muitos homens que acham, por exemplo, que a questão do feminismo ou da violência contra a mulher não diz respeito aos homens. Que eles não têm que participar desse debate. Queria que meu livro despertasse essa urgência no leitor. Agora, não é nem uma ambição. Quando estou escrevendo, não chego nem a formular isso. Depois que o livro ganha vida, e que começa a chegar o *feedback* dos leitores, é que você vai organizando isso na cabeça. Do que o livro está conseguindo realizar. Porque o livro, sozinho, se movimenta e está descolado do autor. É muito mais uma conste-

tação, quando vejo a performance do livro e entendo onde é que estou conseguindo chegar. É mais isso do que uma pretensão, uma ambição de conseguir essa mudança na cabeça do leitor.

• Constelação de leituras

Daria para fazer uma entrevista inteira só sobre os livros que mudaram minha vida. Um deles foi **O estrangeiro**, do Camus. Esse absurdo da vivência, esse vazio sobre o qual Camus sempre fala na literatura dele, ecoou de uma forma tão profunda em mim... Acho que já o li umas dez vezes. Outro que teve um impacto profundo foi **Crime e castigo**, do Dostoiévski. Quando falo em transformação do leitor, não é só na sua maneira de pensar. Ela também tem a ver com uma questão estética. Alguns livros me marcam profundamente pelo estilo. Pela maneira como aquela história é contada. Outros livros me marcam pela densidade dos personagens, são personagens que você passa a carregar a vida toda. Quem leu **Lolita**, do Nabokov, por exemplo? Lolita é uma personagem que tem carne. Você sabe perfeitamente quem ela é. Ela é tão presente na vida do leitor quanto um familiar, um parente. Às vezes até é muito mais próxima de você como figura humana do que um primo, um tio. O que a literatura nos dá é uma gama de possibilidades — estética, experimental, no sentido de vivência. Há livros que marcam especificamente porque há algo neles que ecoa em nós de maneira direta. Mas, no fundo, o que vai transformar o leitor é essa constelação de leituras. Em um livro há o apelo estético, no outro

há um personagem no qual o leitor se reconhece, e às vezes até de maneira negativa, como um espelho assustador, no outro é um espelho inspirador. É nessa dinâmica, na leitura de vários autores, que você tem a perspectiva de se enriquecer como pensador. Como ser humano. Como pessoa.

• Sorte grande

Tenho a sorte de vir de uma família de leitores. Meu pai era um leitor, minha mãe também. Havia uma biblioteca boa na nossa casa. Falava-se muito sobre literatura. Lembro de almoços de domingo, ou jantares no sábado à noite: todo mundo falava o que estava lendo. Todo mundo estava lendo algum livro. Isso foi uma coisa muito importante. Eu admirava meus irmãos mais velhos e queria conhecer o que eles estavam lendo. Li **Dez dias que abalaram o mundo**, do John Reed, quando tinha uns 13 anos. Não entendi nada na primeira vez. O próprio **Macunaíma**... Tudo porque meus irmãos mais velhos estavam lendo. Tinha esse incentivo grande em casa. Era uma família que lia muito.

• Desafios modernos

Nós, leitores já formados, temos a sensação de que ler é fácil. Ou seja, de que é fácil abrir um livro e transcender. Mas não é fácil. A leitura exige um espaço de introspecção, de concentração — tudo que a vida moderna retira dos jovens. São tantas as possibilidades que se tem para usufruir o tempo, seja na internet, nos vídeos, nas séries. Esse espaço, o da introspecção, da concentração, precisa ser exercitado para ser aprendido. Você não aprende a ficar sozinho com um livro na mão, duas horas lendo, se não se dedicar a isso e exercitar a leitura, até o momento em que ela se transforme num grande prazer. Falta, para a formação dos leitores hoje, exatamente esse aprendizado da solidão. Da introspecção. Da concentração. São

próximo encontro
07/dezembro
19h30
Cida Pedrosa



vivências que a vida moderna praticamente retirou de cartaz. Tudo acontece num ritmo muito violento. Tudo muito cheio de imagens, sons. Isso é muito triste. Quando não se aprende a ter o prazer pela leitura, você também abre mão da fabulação. Do sonho. Da imaginação. Você fica recebendo coisas prontas. Essa fúria de séries que existe hoje em dia, por exemplo. Acho que ela tira muito do jovem o sonho, a possibilidade de ele fabular. É um exercício que está embutido no exercício da leitura. Quando você está lendo, está criando. Você cria junto com o autor. Mas é preciso aprender a fazer isso. É preciso ter um espaço na vida para exercitar a leitura, até se tornar um leitor.

• Formação precária

Se a pessoa não for bem alfabetizada, não vai se transformar numa leitora. Porque não vai conseguir nem ler e compreender um artigo de jornal. O que se vive no Brasil é trágico. A gente está comprometendo completamente essas gerações futuras. A qualidade de ensino do país está comprometendo a qualidade de vida dos cidadãos. São pessoas que não terão esse instrumento importantíssimo na formação de um cidadão que é a literatura. Porque, não sendo bem alfabetizado, você jamais vai se transformar num leitor. É muito difícil. É quase impossível superar o efeito colateral da má alfabetização e conseguir, por meio do esforço individual, se transformar num leitor.

• Cinema e TV

Meu sonho, na juventude, era trabalhar com cinema. O cinema foi muito importante na minha formação, não foi só a literatura. De fato, comecei minha vida profissional como roteirista. Trabalhei bastante com cinema e televisão. Agora, é muito difícil você trabalhar com cinema no Brasil. Era difícil naquela época, hoje acho que é mais difícil ainda — com esse desmonte todo do atual governo, que acabou completamente com a produção do audiovisual. É praticamente impossível você trabalhar com cinema. Naquela época, você começava um projeto e o acabava quase dez anos depois. Tinha uma coisa muito frustrante. A televisão não era o produto artístico que você sonhava em fazer, era quase que “enquanto não consigo fazer meu trabalho autoral no cinema, deixa eu fazer televisão”. Não havia uma indústria de produção de cinema no Brasil. Trabalhei muito tempo com televisão e me senti completamente esgotada. O trabalho de roteiro é muito dialógico, depende muito de



Mais do que ladrão, todo escritor é um espião.”

uma equipe de produção. Houve um momento em que eu estava esgotada, aí decidi que iria parar de trabalhar com televisão.

• Epifania

Foi quando escrevi **Acqua Toffana** [livro de estreia, publicado em 1994]. A liberdade que a literatura me proporcionou... Lembro que escrevi em um jorro, acho que em três meses. O que provocou esse jorro foi perceber a liberdade que é o espaço da literatura. Tive uma epifania mesmo, de vislumbrar e experimentar a liberdade como artista. Perceber que naquele espaço eu poderia fazer o que quisesse. Da forma que quisesse. No meu próprio tempo. Não há limite para o que você pode fazer dentro de um romance. Foi realmente uma epifania. Dali pra frente, foi muito difícil voltar pro roteiro, pro cinema, televisão. Perdi completamente o prazer de escrever para o cinema e para a televisão, porque acho que falta nesses espaços exatamente a liberdade que a literatura me proporciona.

• Momento certo

O momento em que lancei **Acqua Toffana** [1994] era curioso. As editoras estavam começando a se abrir para autores nacionais. Até então, a gente tinha muita publicação estrangeira traduzida. As editoras experimen-

tavam pouco. Foi exatamente no começo da abertura dessas editoras que publiquei. Foi um momento muito rico dessa reformatação do mercado. As editoras estavam interessadas em autores nacionais jovens. Acho que talvez estivessem até mais abertas do que hoje. O que aconteceu foi isto: **Acqua Toffana** foi muito bem recebido. Eu estava um pouco com a vida de ponta-cabeça. Tinha acabado de ter filho, tive essa experiência maravilhosa com meu primeiro romance, e estava muito entusiasmada em continuar escrevendo.

• Experiências únicas

Nunca consegui fazer um plano literário. Sempre faço um mergulho no livro que me proponho a escrever, sem pensar muito no que vai ser na sequência. Sem tentar responder às expectativas que são criadas em cima da minha própria literatura. Tem sido isto: a cada livro, um novo desafio. Sempre encaro assim o início de um novo projeto. Um desafio que nem sei se vai dar certo. De repente, não dá certo. Um desafio em termos de estilo, narrativa, temática. Sempre é um tiro no escuro. Procuro escrever sem planejar muito, sem ter muita expectativa, para também não me frustrar demais.

• Liberdade

O que acho interessante, na vida do escritor, é justamente a liberdade. Por exemplo, senti uma certa pressão quando escrevi **O matador**. Foi um grande sucesso — não só no Brasil, mas fora dele. Havia uma expectativa dos meus editores. Como se meu próximo livro tivesse que ter a força d'**O matador**. Acho que é muito frustrante pro escritor repetir uma experiência que ele acabou de realizar no livro anterior. Não sei o que é ter um estilo, mas imagino que significa exatamente isto: retomar experiências de projetos anteriores em projetos em construção. Acho que isso é, no mínimo, tedioso.

Você não se impõe nenhum desafio, fica repetindo a fórmula que deu certo. Tenho tentado, ao longo da minha carreira, a cada novo projeto, esquecer o livro anterior. Esquecer aquela experiência.

• Prazer do risco

Lembro do poeta Joseph Brodsky falando que literatura e poesia são espaços nos quais os profissionais que estão envolvidos são quase obrigados a abrir mão de suas experiências se não quiserem se frustrar. É diferente dos outros profissionais que se beneficiam das experiências que ganharam ao longo da realização de projetos. É exatamente essa a minha sensação. Quando começo um projeto, falo: “Bom, isso aqui não quero. Já sei exatamente o que não quero, que é o que sei fazer”. O que sei fazer é o que não quero. Quero algo arriscado. Sentir que estou fazendo pela primeira vez.

• Projeto gráfico

Gosto muito de acompanhar o projeto gráfico. Gosto muito dos processos de revisão, da capa, da escolha do capista. Nunca interfiro, mas gosto de estar presente nesses momentos. Acho importante, inclusive, porque a capa define muito o destino do livro. A capa deve ser sempre o fruto do diálogo entre um profissional que entende muito dessa questão do estilo, de como é fazer um projeto gráfico, e também do conteúdo do livro. Tem que ter um bate-bola entre autor e capista. É uma fase que acho bastante emocionante na produção do livro.

• Eficiência da narrativa

O que aprendi como roteirista de cinema e TV é o que chamo “eficiência da narrativa”. No cinema e na TV você tem pouco tempo para contar uma história, então é preciso ser muito eficiente, saber exatamente como contar a história. O que eu trouxe dessas mídias foi isso, essa preocupação com a eficiência. Com conseguir articular uma narrativa, que é um arco. Ela tem desenvolvimento, ápice, tem que se resolver. Isso vem muito da preocupação como roteirista. Acho isso muito benéfico para minha literatura. Porque eu, como leitora, sou muito crítica no que diz respeito à eficiência das narrativas dos autores. Às vezes, me incomoda: estou lendo e percebo que o livro está cheio de gordura. Pra que isso? Sinto que é quando falta a mão do editor cortando. É difícil para o próprio autor cortar. Não consegue cortar, o livro fica com barriga, sem ritmo. São essas preocupações que eu trouxe do cinema e da televisão: ritmo, eficiência. Foi muito positiva essa temporada no audiovisual. >>>

• Processo criativo 1

Acabei um livro novo, e esse processo sempre se repete. Cada livro tem uma escritura, uma pesquisa, até uma rotina de trabalho diferentes. Mas o que se mantém sempre é o nascimento do livro. É sempre da mesma maneira. Estou no branco, sem saber o que vou fazer, não sei o que quero fazer no próximo projeto, aí começo a me interessar por alguma coisa específica. Geralmente é um tema. Sempre que estou lendo o jornal, escolhendo novos livros que vou ler, estou sempre privilegiando uma temática. Começo a mergulhar numa temática. Antes ainda de perceber que aquilo vai se transformar num livro. Na verdade, começo a pesquisar sem saber que estou pesquisando. E, de repente, penso: “Esse é um material que posso usar em um romance”. Assim que tenho um tema, a primeira coisa que penso é em quem vai contar a história. Quem são os personagens que podem incorporar a temática. É sempre nessa sequência: primeiro a temática, depois personagens, aí começo a pensar em uma história mesmo. Começo a fabular. Mas em uma fase muito experimental, sem saber até se vou seguir adiante com isso.

• Processo criativo 2

De repente, tenho um ovo. Tenho esses personagens de que gosto, essa temática, aí começo a fase de pesquisa. Vou atrás de amigos que sei que podem me dar uma bibliografia, vou atrás de profissionais que trabalham com essa temática que quero conhecer. Geralmente é um assunto que desconheço totalmente. Isso dura uma média de um ano, mais ou menos. Só de leituras, anotações. Vou preenchendo um monte de caderninhos, até de conversas que tenho com pessoas que me interessam. Muita anotação de coisas que vejo, pessoas que conheço, trejeitos delas, frases que me falam. Vai tudo pra esse caderninho.

• Ladrão e espião

Todo escritor é um bom ladrão. Mais do que ladrão, todo escritor é um espião. Ele está sempre olhando pelo buraco de fechadura. É impossível você deixar de ser espião sendo escritor. O tempo todo você fica com a maquininha de espião ligada.

• Sopro das musas

Tem muita angústia na escritura. O que é a escritura? Um momento de busca. Você está buscando uma série de coisas. Uma estrutura, um personagem. Parte da criação acontece fora da mesa de trabalho. Mas uma parte muito importante acontece quando se está escrevendo. É importante que aconteça quando se está escrevendo. Se você decide tudo antes, sobra muito pouco espaço para a improvisação. Para as musas. É na hora que você senta para escrever que há a possibilidade de se relacionar com as musas, receber um sopro delas.



É muito difícil você entender o Brasil de hoje sem entender a violência.”

• Vivência inteira

Tem angústia na hora que você está escrevendo, à procura de algo que não se sabe o que é ainda. Você vai achando, perdendo. Acha e perde de novo, tenta e dá errado. Mas há momentos de muito prazer. Momentos que dou risada com achados para os personagens, com diálogos. É realmente uma vivência inteira. Tem prazer. Tem tormenta. Dificuldade. Facilidade. Alegria. Tristeza. Desespero. Momentos de largar o livro, “talvez eu não vá conseguir fazer isso”. Tem tudo isso, em todos os livros. Sempre sinto que é o primeiro. As dificuldades são sempre as mesmas.

• Brasil e violência

É muito difícil você entender o Brasil de hoje sem entender a violência. O Brasil é um país muito violento. Na Europa, quando você fala que o Brasil tem 60 mil homicídios por ano as pessoas não acreditam. É uma guerra civil. A gente mata mais do que determinados países em guerra. Essa sempre foi uma questão estrutural na minha literatura. Sempre me interessei pelo fenômeno da violência. Sempre tentei entender por que o Brasil se transformou em um país tão violento. Há

muitas respostas para isso. Essas respostas não são conclusivas, são muito abertas e estão em todos os livros que tenho escrito.

• Resistência

Cada vez mais, não sei se pelo fato de eu estar vivendo fora do Brasil, ou se pelo fato de o Brasil viver um momento tão triste, tão infeliz da nossa história, com esse governo tão desacreditado, com essa desestruturação em todo sistema de educação, esse desmonte da cultura... Não sei se é por conta de tudo isso, por conta dessa tristeza que é hoje ver o Brasil, ler sobre o Brasil, mas estou cada vez mais conectada ao país. Cada vez mais direcionando minha literatura para questões que acho importantes no Brasil de hoje. Não tinha isso muito articulado dentro de mim nos livros anteriores. Hoje, o Brasil é uma questão importante na minha literatura. Quero me reportar a esse Brasil. Talvez porque neste momento tão desesperador a arte possa ser uma resistência. Uma espécie de negação disso, algo como “não é possível que seja assim”. Me sinto muito motivada a usar minha literatura como resistência. Como uma forma de dizer: “Chega disso. Não aguento mais esse Brasil violento,

esse Brasil homofóbico, esse Brasil misógino, esse Brasil com um presidente genocida, com esse projeto fascista”. Imagino que muitos escritores estão sentindo essa barra pesada e usando a literatura como espaço de resistência. O Brasil é cada vez mais importante na minha literatura.

• Percepção de fora

Morar fora do Brasil aguçou minha capacidade de enxergar os problemas do país. Sabe por quê? O volume de violência que se é obrigado a engolir diariamente no Brasil é tão grande que, se você não encontra uma maneira de se defender, enlouquece. Você acaba ficando anestesiado para essa violência. Em um lugar como a Suíça, que tem uma estrutura social muito equilibrada, muito mais justa que a do Brasil, você não vê pessoas morando na rua. Morrendo de fome. Não se veem essas cenas que a gente vê no Brasil, como um caminhão cheio de ossos e as pessoas se jogando dentro desse caminhão... Isso é impensável. Essa violência tão achapante é intolerável. Dentro da realidade do Brasil, você acaba se anestesiando para tolerar o grau de sofrimento. Você vê a multidão de pessoas que foram jogadas na rua, com fome, que ficam mexendo no lixo pra conseguir comer... Isso fica intolerável quando você salta fora dessa realidade e passa a olhá-la de fora. O ser humano não é para morrer de fome. Para ser abatido em experiências médicas. A razão da vida é o ser humano conseguir viver plenamente, ter a possibilidade de viver dignamente.

• Governo atual

O Brasil ficou mais violento com esse governo. No quesito violência contra a mulher, no que diz respeito à violência doméstica e aos casos de feminicídio, houve um aumento de quase 10%. É um aumento considerável. Foi esse Brasil violento, onde há tão pouca justiça e há tanta impunidade, que acabou elegendo uma figura com esse discurso de “vamos fazer justiça com as próprias mãos”, com esse discurso de intolerância.

• Bolsonaroismo

Quando escrevi **Gog Magog**, em 2016-17, era como se percebesse que o brasileiro tinha uma espécie de grande prazer em ver os linchamentos que aconteciam, por exemplo, no espaço da web. Esses linchamentos morais que começaram a ser muito frequentes na internet. Era como se isso fosse uma forma de você compensar um país onde há tanta impunidade. Como se a ideia de punição fosse uma espécie de desejo de consumo. Objeto de desejo. A impunidade é tão grande que, quando você pensa em punição, seja ela com as próprias mãos ou a que acontece na web, ela acaba dando àquela pessoa que está cansada de ver violência, cansada de ver impunidade, uma sensação de alívio. O Bolsonaro funcionou

Acompanhe
no canal do
YouTube do
Paio! Literário



um pouco como isso. Em um país muito violento, o cara vem e fala: “Olha, vamos ser intolerantes? A gente é racista mesmo, é homofóbico mesmo”. Como se ele acirrasse essas situações. As pessoas achavam até engraçado, né? Ele era meio que um palhaço, com esse discurso despropositado. Foi exatamente essa violência do país que fez uma figura como o Bolsonaro — despreparada, misógina, racista, com discurso de violência — chegar à presidência. Ele é esse “vingador”. Tem essa coisa de justiceiro, sabe? Com figuras da milícia. A gente sabe que tem ali toda essa cultura da milícia, dos matadores de Marielle. É assim.

• Mulheres empilhadas 1

Quando comecei a pensar em fazer o **Mulheres empilhadas**, tinha um projeto estético. Queria que o livro fosse uma ampliação dessa experiência que a gente tem fragmentada: você abre o jornal e lê “mulher é atirada da janela pelo namorado”, “mulher é encontrada queimada dentro do carro; suspeito é o noivo”. Existem essas pílulas de feminicídio na leitura de jornal, nos momentos que se assiste ao telejornal, na vivência, na comunidade, uma amiga que apanhou do namorado. Queria juntar essas notícias que estão todas fragmentadas e fazer uma coisa que fosse como uma punhalada, uma facada. Tinha esse projeto estético. Pensava em como iria espetar o leitor. Até na busca das palavras, queria palavras pontudas. Queria um estilo meio facada.

• Mulheres empilhadas 2

Ao mesmo tempo em que ele é um projeto estético, é claro que se tornou político — conforme fui pesquisando e vendo a dimensão do nosso problema. Quando comecei a escrever o livro, o Brasil tinha 10 mil casos de feminicídio estacionados nas diferentes cortes. Você começa a ver o drama social, o drama humano, porque quando a gente fala de feminicídio, sempre pensa nas vítimas, nas mulheres que morreram, nessas mulheres empilhadas. Mas, na hora que você começa a pesquisar, percebe que esse número é muito maior, porque cada caso de feminicídio tem um núcleo de vítimas enorme. São gerações de vítimas. O número de vítimas, na órbita de um feminicídio, é enorme. É uma dor que se prolonga por gerações. Você começa a ter toda essa informação nas pesquisas, então é claro que isso te pega racionalmente, emocionalmente, e se transforma em um projeto político. Em um ato de resistência. Não quis em ne-



ADRIANO HEITMANN



Literatura e lugar de fala são duas coisas incompatíveis.”

nhum momento ser panfletária, mas quis sim ser política. Quis berrar um problema na cara das pessoas. Não sei se consegui, mas minha intenção foi essa.

• Tabu

Sinto que as pessoas me confirmam um tabu: “Resisti para ler o livro [**Mulheres empilhadas**] porque, no fundo, não quero falar sobre isso. Não quero discutir essa temática”. É uma situação meio paradoxal. Tem sempre muito silêncio em volta da morte de uma mulher. Primeiro, ela própria não pode falar sobre a morte dela. Já foi. Depois, a família não quer falar. Porque é um tabu. É, também, um monstro que está dormindo. Falar sobre esse assunto é trazer à tona uma dor que você não aguenta sentir. Depois, a sociedade não fala porque é um assunto desconfortável. Cheio de pontas desagradáveis. Senti, quando publiquei o livro, que mexi aí. As pessoas não querem falar sobre o assunto, é desagradável. Resolver um problema dessa dimensão passa, sobretudo, por debater profundamente essa questão da violência contra a mulher.

• Certezas iniciais

Só começo um livro quando sei como vai acabar. Sei o começo e sei o fim. Nunca mudei. Pode ser que no futuro aconteça. Em todos os livros que escrevi até agora, a partida e a chegada eu sabia. O resto pode ficar um pouco sem saber, vai se desenvolvendo. Mas esses dois pontos acho importante de o ficcionista dominar, acho que isso dá um norte. No meu caso, pelo menos.

• Vingança

No **Mulheres empilhadas**, tinha a questão da realidade que eu queria trabalhar. Mas queria, também, que houvesse espaço para a vingança. A vingança não poderia ser no plano da realidade, porque achava que, dessa forma, se a protagonista tomasse consciência da violência e fosse como um matador de saias, como a personagem da Uma Thurman no filme do Tarantino [*Kill Bill*], aí estaria transformando essa mulher em um assassino do mesmo tipo que mata as mulheres. Então, queria que a violência fosse uma fábula. Quase que um canal para extravasar, uma sublimação dessa violência. Desse desejo de vingança. Uma sublimação do desejo de vingança. Aí, as coisas foram se juntando na pesquisa. Queria que acontecesse no Acre, porque o Acre me dava vários tipos de mulheres: a da floresta, dos povos ribeirinhos, das comunidades indígenas, da comunidade rural. Uma coisa foi levando a outra, aí consegui criar — buscando nas próprias lendas amazônicas — uma realidade imaginária de guerreiras vingadoras que saem atrás dos homens que escapam impunes dos

tribunais e fazem rituais de canibalismo com eles. Elas se vingam, matam, se divertem muito com os atos. Era uma estrutura que permitia, também, uma espécie de contrapeso à violência. Um olhar mais bem-humorado. O contrapeso da realidade. Fiquei muito feliz de conseguir. Foi uma matemática. No começo, estava com muita dificuldade de estruturar o romance. Precisei de uma estrutura tripartida para dar conta de tudo isso.

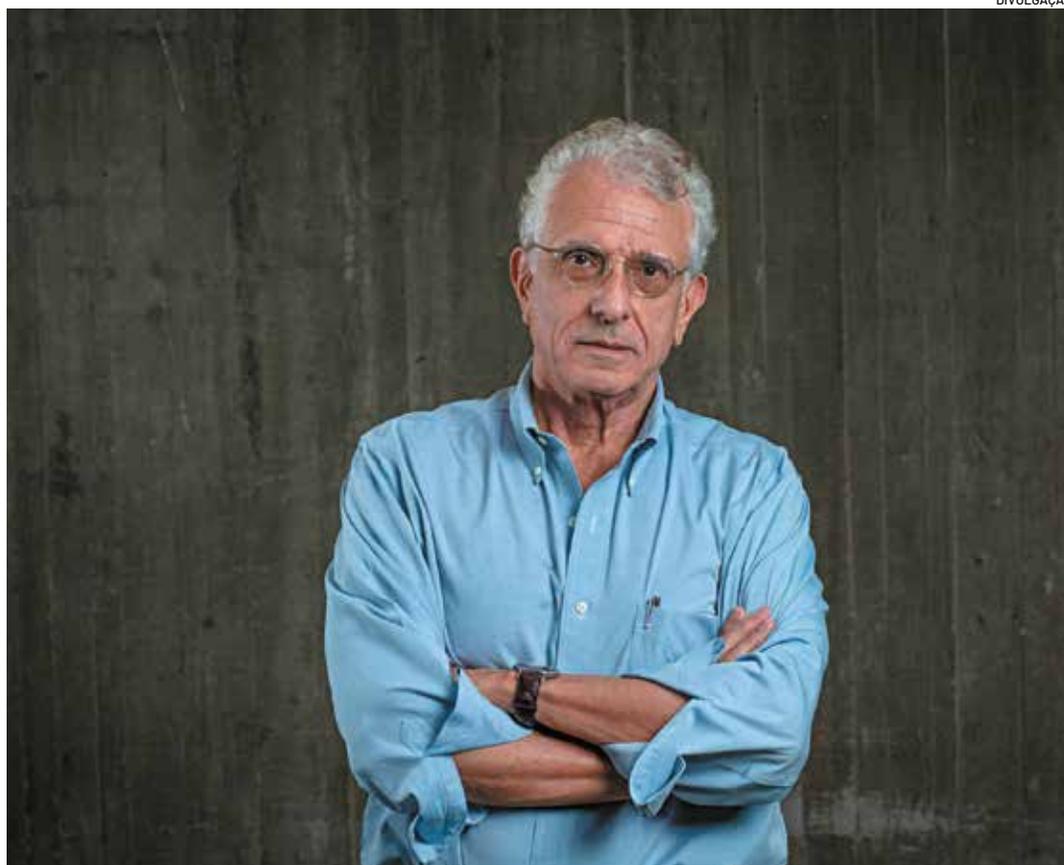
• Lugar de fala

Lugar de fala significa empobrecer a literatura. A literatura é um espaço de liberdade, não pode haver esse tipo de preocupação. O que significa ter lugar de fala na literatura? Que só posso escrever sobre o que vivo? Só sobre a minha experiência? Isso é de uma pobreza... É como se você colocasse toda sua imaginação numa caixinha. “Tem que ser assim agora, porque tem que ter o lugar de fala. Você não tem autoridade pra falar isso...” Eu, como ficcionista, tenho autoridade para falar sobre o que quiser. Assim como os críticos têm liberdade para odiar meu livro e achar que fiz muito mal. Que não convenceu. Que os personagens que escrevi não têm densidade. Mas tenho que ter essa liberdade. Literatura e lugar de fala são duas coisas incompatíveis. Não dou a menor bola para essa discussão no âmbito da literatura. Não gasto nem tempo pensando nisso.

• Leitora experiente

Com o tempo, as exigências enquanto leitora mudam. Vou fazer 60 anos, não tenho mais todo tempo do mundo. Sempre gostei muito de jovens autores, gosto ainda, mas hoje tento correr atrás dos clássicos que ainda não li. Neste momento, estou lendo **Berlin Alexanderplatz**, do Alfred Döblin. É um livro, na minha opinião, tão importante quanto **Ulysses**, do James Joyce. Ele desestrutura e reinventa o estilo na língua alemã da mesma maneira que Céline fez no francês e o Joyce, no inglês. Hoje, minha preocupação é esta: o que ainda não li, que é cânone? Não quero morrer sem ler essas coisas. Não quero ir embora sem ter lido esses livros. Há dez anos, ou 20, evidentemente estava muito mais interessada em novidades. Agora, tem uns escritores que não consigo deixar de ler nunca. Toda vez que sai um Don DeLillo, leio. Toda vez que sai um Coetzee, leio. Tem autores que acompanho. Na época em que o Philip Roth estava vivo, também acompanhava. Então tem os escritores que acompanho, os cânones que não li e fico indo atrás. Por exemplo, não tinha lido **Guerra e paz**. Fui ler no ano passado. Depois de ler, você diz: “Bom, passar por essa vida sem ler **Guerra e paz** é só deixar de lado o principal”. Hoje em dia, então, minha preocupação tem sido ir atrás desses buracos na minha formação. ❶

rascunho recomenda



DIVULGAÇÃO

O psicanalista italiano, morto em março de 2021, interessou-se pelo Brasil desde sua primeira visita ao país, em 1986, na ocasião em que divulgava um de seus livros. No final da mesma década, começou a tentar compreender por que se sentiu tão fascinado pelo local, onde veio a se instalar definitivamente. O resultado é este livro, publicado original nos anos 1990 e reeditado agora pela Fósforo, no qual o doutor em psicologia clínica e colunista da *Folha de S. Paulo* por mais de duas décadas analisa diversos aspectos da “estranha civilização brasileira”, como um trecho do subtítulo da obra sugere. “Contardo Calligaris escreveu este belo livro de interpretação do país a partir dos olhos de um estrangeiro que escolheu o Brasil como lugar para chamar de seu. É, portanto, um livro sem prazo de validade, escrito por esse grande intérprete e interpelador do nosso país — da sua história, cultura e sociedade”, anota Lilia Schwarcz no prefácio.



Hello, Brasil! e outros ensaios: psicanálise da estranha civilização brasileira

CONTARDO CALLIGARIS
Fósforo
328 págs.



O vivo
ADRIANA LISBOA
Relicário
84 págs.

O quarto livro de poemas da autora carioca vai desde versos sobre um peixe que lê Drummond, já que “ficou aberto o livro/ do lado do aquário”, até reflexões sobre a saudade, esse sentimento que “não é da ordem do tempo/ mas sim do espaço”. É claro que, tratando-se de poesia, nada é bem o que parece. Ou nada é somente o que aparece na superfície. O conjunto, que flerta com o surreal e brinca com o próprio gênero literário, parece buscar demonstrar como todas as formas estão conectadas na existência. “Os reinos animal (répteis, vaga-lumes, aves, moscas, rãs, porcos, abelhas), vegetal (belas emílias, cravos, rosas, magnólias, amarantos) e mineral (basalto sanguíneo) se tornam o motivo e os interlocutores de Adriana, numa reafirmação da interconectividade de todas as formas vivas, sua igualdade de protagonismo, sua interdependência”, escreve a poeta Cláudia Roquette-Pinto no prefácio do livro, que tem orelha assinada por Prisca Agustoni.



Linha férrea
TÉRCIA MONTENEGRO
Grua
98 págs.

Publicado originalmente há 20 anos, o livro de contos da colunista do *Rascunho* é reeditado pela coleção Grua Guarda, cujo objetivo é resgatar obras da literatura nacional lançadas há pelo menos uma década. No conjunto, vencedor do Prêmio Redescoberta da Literatura Brasileira de 2000, cenários do campo e da cidade são usados para contar histórias marcadas pela perplexidade e pelo silêncio. Independentemente do local, o que se evidenciam são as paixões e sentimentos dos atores-personagens que compõem a obra. As situações narradas vão desde um vizinho malcriado até um casal separado pela distância de uma mesa de restaurante, que pode adquirir proporções aterrorizantes. Além de outros cinco livros de contos e crônicas e obras infantis, a autora cearense publicou dois romances: **Em plena luz** (2019) e **Turismo para cegos** (2015), pelo qual venceu o Prêmio Machado de Assis, oferecido pela Fundação Biblioteca Nacional.

Lançado originalmente em 1982, é o último romance do autor gaúcho editado em vida. A história, que flerta com a metaficção ao refletir sobre o ofício literário e a criação artística, narra a trajetória de um casal de jovens que busca romper com os ditames patriarcais do padrasto de Mafalda, a Fada que dá nome à obra. A nova edição é organizada por Camilo Mattar Raabe, tem apresentação de Antônio Hohlfeldt e posfácio assinado por Altair Martins.



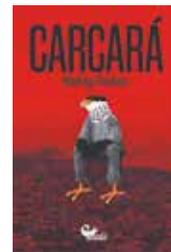
Fada
DYONELIO MACHADO
Zouk
262 págs.

Ressignificar o banal sempre foi uma das grandes tarefas da literatura. Neste volume de contos, a autora paulistana busca utilizar elementos comuns do cotidiano e da natureza como pontos de partida para analisar superstições e mostrar como buscamos experiências profundas. Textos de outros autores, obras de arte e filmes compõem o conjunto, que também funciona como uma espécie de colagem. *Três desertos* e *Hup!* são duas narrativas do livro.



Pessoas promíscuas de águas e pedras
THAIS LANÇMAN
Patuá
122 págs.

Os contos do escritor, professor e roteirista nascido em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, buscam não deixar muitas dúvidas: “a realidade é muito mais escrota do que a ficção”, como diz um trecho de *Mesa posta*, que pode servir como chave de leitura para o conjunto de 14 narrativas. Para tentar capturar o clima de um país aos pedaços, povoado por pessoas submetidas a um massacre existencial cotidiano, o autor trata de temas como solidão, abandono, medo da morte e violência.



Carcará
RODRIGO SANTOS
Malê
132 págs.

Um pai que só está presente na hora de fazer exigências, uma filha que sente os impactos de ser fruto de gravidez indesejada e uma mãe que vive cercada pela solidão e amargura são os personagens deste romance de estreia, no qual a autora sergipana explora os papéis ingratos que normalmente são relegados à mulher dentro da dinâmica familiar. De acordo com Gregorio Duvivier, no texto de quarta capa, Camilla “ressuscita, como na grande literatura, pequenas pessoas”.



Há uma lápide com o seu nome
CAMILLA CANUTO
Oficina Raquel
108 págs.

Ficção científica e Luiz Bras andam lado a lado há muitos anos. Nesta coletânea de contos, que reúne a produção mais recente do autor, os temas clássicos do gênero são explorados: futuros distópicos, engenharia genética, conexão cérebro-máquina, e assim por diante. “Do nosso pequeno panteão de escritores de ficção científica brasuca, Bras vem se reafirmando como um obsessivo artífice da forma”, escreve Santiago Santos no texto de orelha.



Curto-circuito camicase
LUIZ BRAS
Caos & Letras
320 págs.


tércia montenegro

TUDO É NARRATIVA

BIEGUNI

Já no seu primeiro romance publicado no Brasil, **Sobre os ossos dos mortos**, a polonesa Olga Tokarczuk, Prêmio Nobel de Literatura de 2018, desenvolveu uma história com um suspense bastante peculiar — que se repete em atmosfera, embora com outros métodos, no livro **Correntes**. Aqui reaparecem temas caros à autora, sobretudo aqueles em torno do ativismo ecológico. Sua estrutura narrativa é fragmentada, mas deixa entrever as relações tentaculares entre os assuntos, elos que a princípio parecem díspares, impossíveis até — mas depois se revelam quase óbvios, sob o domínio magistral dessa escritora.

Por ser uma obra dinâmica, que se expande em muitas direções, um resumo se torna inviável. Porém, a escolha de alguns temas e passagens pode servir para que o(a) leitor(a) experimente um pouco das ramificações deste livro, assim como quem olha um mapa, mas sabe que ele é apenas o esboço do caminho.

Os mapas e viagens, aliás, estão no cerne. Passageiros em trânsito, com suas histórias, seus impulsos de deslocamento, surgem por todas as páginas. Não à toa o livro recebeu o título de **Les pérégrins**, em francês, e **Flight**, em inglês. As correntes, anunciadas pela opção da tradução brasileira, à primeira vista podem sugerir a ideia de grilhões, laços ou outros tipos de aprisionamento — mas com o tempo percebemos que se impõe o sentido relacionado aos fluxos, à possibilidade de ser inundado por alguma obsessão, um acontecimento.

Duas personagens — mulheres de países e épocas diferentes — ilustram o tema do escapismo. Ambas um dia ousam perguntar como seria largar tudo. Abandonar, repentinamente, suas rotinas, e fugir, dentro de um navio ou sendo levada por trens, com a única preocupação de manter-se móvel.

Charlotta, filha de Frederik Ruysch, famoso médico do século 18, dedicou a vida a preparar espécimes anatômicos. O período em que viveu exclui as mulheres da notoriedade científica, então ela circula à sombra de seu pai, mesmo tendo grande conhecimento dos métodos de preservação para órgãos e corpos. Muitos exemplares da coleção de Ruysch foram comprados pelo tsar Pedro I, que era um fascinado por Wunderkammers. No momento em que a encomenda está para sair dos portos holandeses em direção à Rússia, Charlotta caminha pelas docas e observa os marinheiros:



Correntes

OLGA TOKARCZUK
Trad.: Olga Baginska-Shinzato
Todavia
400 págs.

Uma ideia desvairada lhe passa pela cabeça: poderia vestir roupas masculinas, passar um óleo fétido nos braços, escurecer o rosto com ele, cortar o cabelo e entrar naquela fila. O tempo nivela misericordiosamente as diferenças entre as mulheres e os homens; e ela sabe que não é bonita. Com as suas bochechas um tanto caídas e os lábios entre parênteses de duas rugas, poderia se passar por um homem. Os bebês e as pessoas idosas têm uma aparência idêntica. Então, o que a prende? Um vestido pesado, a abundância de anáguas, uma touca branca desconfortável que mantém os seus cabelos finos presos e bem apertados, o seu pai velho e louco com os seus ataques de avareza quando lhe lança sobre a madeira da mesa e empurra com um dedo ossudo uma moeda para as despesas da casa?

Annushka, já na Moscou atual, leva uma existência confinada aos cuidados com o filho deficiente. O marido é uma figura inexpressiva no ambiente doméstico, e somente quando a sogra vem cuidar da casa, uma vez por semana, Annushka sai para a sua “folga”. Gasta o tempo livre num passeio pela cidade, visita alguma igreja (onde chora mais do que reza) e faz pequenas compras necessárias. Entretanto, durante o seu trajeto semanal, ela depara com uma figura fascinante — uma mulher que fala confusamente, como uma profetisa, na estação do metrô. A empacotada — porque levava inúmeras roupas sobre si, e tinha inclusive o rosto coberto por um tecido, do qual só escapava a boca praguejante — gera uma epifania em Annushka. Ela segue a misteriosa mendiga durante dias, e passa a viver dentro dos trens, com um absoluto desligamento da sua rotina anterior.

Quando Annushka agride uma mulher que maltratava um cavalo (numa cena que reverbera um sentimento nietzschiano), é levada para a delegacia. Galina, a empacotada, então lhe revela, num discurso que os guardas chamam de *fanático*, a verdade sobre o movimento:



DIVULGAÇÃO

Tudo o que possui o seu lugar fixo neste mundo, todos os países, todas as igrejas, todos os governos humanos, tudo o que manteve a sua forma neste inferno está a serviço do anticristo. Tudo o que está determinado, que se estende daqui até ali, o que está contido em rubricas, inscrito em registros, numerado, evidenciado, juramentado; tudo o que está recolhido, exposto, rotulado. Tudo o que nos prende: casas, poltronas, camas, famílias, terras, o ato de plantar e zelar por aquilo que foi plantado. (...) O ódio dos nômades corre no sangue dos tiranos de toda espécie, servos do inferno. (...) Querem construir uma ordem petrificada, falsear a passagem do tempo. Querem que os dias se repitam, imutáveis, querem construir uma grande máquina onde todos os seres precisarão ocupar o seu próprio lugar e fazer movimentos ilusórios. Instituições e repartições, carimbos, circulares, hierarquia e patentes, títulos, solicitações e recusas, passaportes, números, cartões, resultados das eleições e promoções. (...) O que eles querem é imobilizar o mundo através dos códigos de barras, rotular tudo para que se saiba que tudo é mercadoria, e o quanto vai lhe custar. (...) Mova-se, mova-se. Bendito aquele que parte.

Dentro dessa mesma passagem, a autora esclarece a palavra usada no título do livro: “Eram vistos nos caminhos, nas vias e estradas, a pé e a cavalo, sobre carroças e coches, até que se começou a chamá-los de ‘correntes’, um nome derivado do ato de correr, fugir. Com o passar do tempo, era possível encontrá-los nos trens, nos ônibus, no metrô, nas filas, nos navios e aviões”. Esses andarilhos — seres que serão salvos — fazem, na língua polonesa, referência à palavra *bieguni* (no título original), que remonta ao verbo *biegać*, correr.

Há ainda outra mulher, uma bióloga, que se destaca no livro por assumir um papel quase redentor em relação às demais: ela é livre e independente, alcançou satisfação tanto profissional quanto familiar. Pode-se dizer que é feliz, sim, e talvez por isso — porque não há nenhuma dor específica a marcá-la — ela deixe de ser referida por um nome. O anonimato é o sinal de sua generalidade, embora, a rigor, nada possa ser tão geral assim. Essa mulher, por exemplo, desde a juventude vive exilada de seu país natal, a Polônia, e lá deixou um ex-namorado que nunca mais viu. Décadas depois, ele a contata para pedir um favor bem específico: sofre de uma doença terminal e precisa de uma eutanásia. A mulher tem expertise nisso, conhece as substâncias adequadas e se dispõe a viajar longamente para atender a esse desejo.

A cena do reencontro, quando ambos mal se reconhecem, é comovente — mas não apenas porque temos esse homem moribundo e frágil, símbolo de um passado que a mulher talvez não precisasse assistir em agonia. O que ela está prestes a fazer — um ato de compaixão, sem dúvida — entra em contraste com o seu ofício profissional. Lemos um pouco antes sobre isso:

Trabalhava numa equipe que testava venenos nesses pequenos mamíferos. O veneno era injetado nos ovos colocados em caixas de madeira especiais, distribuídas como uma espécie de isca nas florestas e no mato. Precisava ter um efeito rápido, humanitário e, além disso, tinha que se decompor imediatamente para que os animais mortos não envenenassem as populações de insetos. Um veneno cristalino, totalmente seguro para o mundo, que almejava eliminar exclusivamente os animais nocivos, um único tipo de organismo escolhido, capaz de neutralizar-se por si mesmo depois de cumprir a missão. Um James Bond da ecologia.

Reflexões sobre dizimar ou preservar indivíduos (não importa que sejam humanos ou animais de outras espécies) percorrem todo este livro. Além do já citado Frederik Ruysch, outro anatomista do século 17, Philip Verheyen, faz sua aparição no volume. Experiências de dissecação com sua própria perna, amputada anos antes, levaram-no à descoberta do tendão de Aquiles — e assim, feita de inúmeros episódios curiosos, a história do conhecimento sobre os corpos foi construída, costurando palpites com certezas.

Em muitas passagens de **Correntes**, é inevitável lembrar **O ladrão de cadáveres**, do Stevenson, bem como **A coleção particular**, do Perec (que analisamos na edição 255 do **Rascunho**). Esta última lembrança surge principalmente pelas referências a museus bizarros ou gabinetes de curiosidades. No texto de Tokarczuk as ideias também se exibem como amostras do pensamento humano, da escala mais interessante às mais corriqueiras. **📖**

nilma lacerda e maíra lacerda

CALEIDOSCÓPIO

UM PRESENTE DE NATAL

Por que não pode esta coluna fortalecer-se contra o desalento e trazer como presente a quem a lê e a nós mesmas, que a escrevemos e ilustramos, um conto de Natal? Sem Scrooge, nem espíritos, mas com um menino a viver uma experiência ímpar e gente de ideias e ação? Vamos lá?

Há alguns anos, nem muitos, nem poucos, uma professora resolveu se perguntar que livros crianças pobres escolheriam se fossem levadas a uma boa livraria e tivessem o dinheiro para comprá-los. Chamava-se Marisol Barenco, e o nome já dizia um bocado. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, desenvolvia trabalho pedagógico e de pesquisa em uma escola pública de Niterói, atendendo a famílias de baixa renda.

A ideia inicial era propiciar o acesso a bens culturais, incluindo dotar a turma com que trabalhava de uma pequena biblioteca, e foi aí que se enganchou a tal pergunta. Montou um projeto muito bem montado, com os devidos objetivos, várias atividades, formas de avaliação e justificativas, comprometendo-se com relatórios e outras prestações de contas. Obteve o financiamento oficial que solicitou e pôs mãos à obra.

O encerramento previa um passeio ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro e em seguida a ida à livraria de um grande shopping na zona Sul da cidade. O combinado era que as crianças escolhessem os livros de forma livre, e Marisol pagaria por eles com a verba previamente destinada a isso.

Acerto feito com a livraria, lá foi a garotada ver, mexer e remexer, sentar no chão, discutir, comparar. Guilherme não fez por menos: escolheu um livro caro, de capa dura e atraente, com relevos e dourados, e cuja história era a de um menino não menos irrequieto e problemático que ele. Parecia apaixonado por sua escolha, que, tão logo feita, foi pra junto do peito, em abraço forte. O olhar passeou ainda pelas prateleiras, enquanto o resto da turma acabava de escolher, mas o abraço não se desfez.

Mostrou desconfiança ao precisar entregar o livro à moça da caixa, mas deu um jeito de manter o dedo em cima do seu livro, enquanto esperava a sacola para guardá-lo. Não se interessou em ver os outros livros, nem mostrou o seu, reabraçado com força após a liberação do pagamento.

Hora de entrar no ônibus, a professora da turma pede os livros aos alunos. Precisa tê-los pa-

ra o tombamento devido, foram comprados com dinheiro público. Ao espanto de alguns, explica: precisa anotar os dados de cada livro e registrá-los em um caderno que ficará bem guardado na escola. Guilherme resiste, entregar seu livro? Não disseram que poderia escolher, que ficaria na sua sala de aula, olhando pra ele, sendo aberto e fechado conforme quisesse? Sim, mas antes precisa passar por esse processo. O garoto não se convence. Socorre-se com Marisol, que não pode atendê-lo, a colega está certa. Ele resiste ainda, apertando mais os braços.

“Bobagem, Guilherme” — diz a professora —, “segunda-feira eu devolvo e você poderá ver o livro o quanto quiser”. Ele se agarra com Marisol, que confirma com um gesto a fala da outra. Não resta alternativa: entrega o livro como se entregasse a mãe. Vira as costas à professora, entra jururu no ônibus, espera que Marisol entre, para sentar-se ao lado dela. Está tenso, ela o acarinha. De repente, vira-se para ela: “Marisol, quanto falta pra chegar segunda-feira?”.

Presente a gente não explica muito. O pacote é oferecido ao presenteado, que deve abri-lo, de preferência na frente de quem o deu. Entre abrir ou não o subseqüente sorriso, movem-se as expectativas de um, de outro. Você, que nos lê, abriu seu sorriso de enlevo em face do paradoxo deste menino que não tem ainda uma clara noção do tempo, mas afeira-se à escolha de seu desejo? Ficou de boca aberta com a ousadia dessa professora? Nós, do lado de cá, sorrimos. E mesmo tendo também nossas ousadias pedagógicas,

nas quais investimos muitas vezes com dúvidas, mas de que nunca nos arrependemos, não deixamos de nos encantar com a história que trouxemos para compartilhar aqui.

Estranhou o roteiro ambicioso traçado por Marisol? Imaginou o espanto dessas crianças entrando num shopping de luxo? Vislumbrou, por sua vez, a surpresa dos frequentadores do shopping com uma turma de parcaizinhos inquietos e barulhentos circulando por ali? Pensou, ainda, no maravilhamento experimentado pelas crianças frente à grande livraria, estantes diversas, livros de todos os tipos e tamanhos, as crianças sabendo que um deles, qualquer um em princípio, poderia ser escolhido e levado para a sala de aula? Avaliou a riqueza dessa experiência? Juntou-se ao nosso sorriso afirmativo no valor da cultura do livro? Lembrou-se do livro de infância que levava abraçado por todo canto? Esse livro do afeto, marcado até a última ruga e impregnado para sempre na memória?

Entristeceu-se por saber que poucas, pouquíssimas crianças brasileiras podem desfrutar de experiência semelhante à que Marisol narrou para seus colegas de universidade? Ficou ainda mais triste por saber, segundo dados recentes, que a cada três dias o Brasil perde uma livraria? Não importa se são desfeitas em função das gigantes do mercado online, das plataformas que vendem esses objetos com total indiferença por sua natureza; se há mais

produtos disputando o entretenimento e a formação das mentes, ou se, simplesmente, as pessoas estão ficando mais pobres. Livrarias se fecham porque há, a cada dia, menos leitores e leitoras. Porque as políticas públicas, há algum tempo, no país, têm manifestado uma perversa conjunção entre destruição deliberada e inépcia cabal.

Alegrou-se novamente porque a resiliência das pessoas e o terreno já conquistado à ignorância e à obscuridade mostraram-se potentes? Porque há enorme quantidade de profissionais da educação e amantes da civilização divulgando livros e literatura de variadas e impensáveis maneiras, em todo este país? Porque há conquistas irreversíveis, fruto de desejo e luta popular, como as bibliotecas comunitárias?

Nós nos alegamos igualmente, e confirmamos o sentimento ao encontrar a lucidez de Eduardo Ribeiro da Luz Fernandes, da Livraria Casa da Árvore: “Uma livraria independente não deixa ninguém rico, obviamente. Mas traz muitas experiências interessantes e aponta um caminho mais humano para a cidade”. Aberta no ano passado no Rio de Janeiro, a livraria orienta-se pela clarividência do proprietário: “Vale a pena manter uma livraria para mostrar que tipo de sociedade queremos construir”.

Com seu livro sob a guarda da professora, Guilherme atravessou parte de uma cidade, uma ponte, entrou em outra cidade. Que importância tinha? Movia-se em outra dimensão — algo dentro dele segredava —, na qual um livro é sempre um presente. **1**

Ilustração: Maira Lacerda

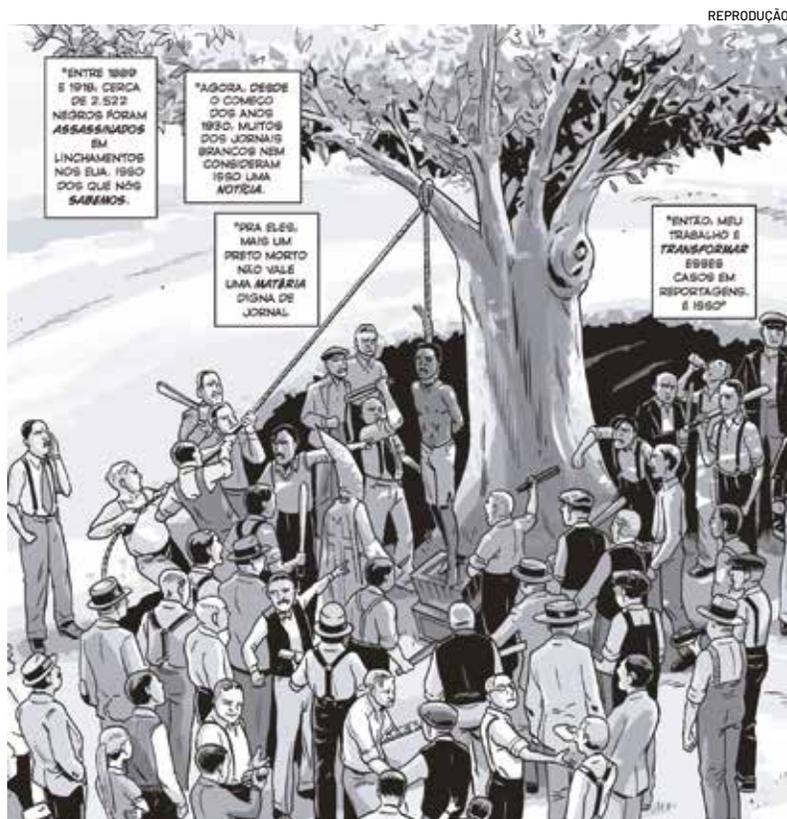


rascunho recomenda INFANTOJUVENIL E HQs



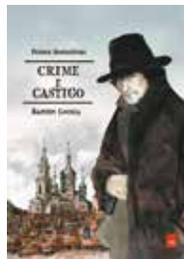
Incognegro
MAT JOHNSON E
WARREN PLEECE
Trad.: Gabriela Franco
Veneta
144 págs.

O violento sul dos Estados Unidos da década de 1930 é cenário para esta HQ publicada originalmente pelo extinto selo Vertigo, da DC Comics. “Entre 1889 e 1918, cerca de 2.522 negros foram assassinados em linchamentos nos EUA. Isso dos que nós sabemos”, começa a história. Para desvendar as motivações dos racistas, e não deixar que mais casos assim fossem jogados para debaixo dos panos, os “incognegros” — afro-americanos que, devido à pele mais clara, conseguiam “passar despercebidos” — se envolviam nesses grupos (fazendeiros segregacionista, homens da Ku Klux Klan) e conseguiam informações. É o caso de Zane Pinchback, um repórter de Nova York que investiga a condenação de seu próprio irmão por conta do assassinato de uma mulher branca no Mississippi. “A profundidade da escrita de Mat Johnson e o realismo climático da arte de Warren Pleece fazem com que esse pedaço desagradável da história da América ganhe vida como uma cobra cutucada. Um trabalho emocionante e perturbador”, anotou o escritor George Pelencanos sobre a obra.



O sumiço do tatu
MARÍLIA MOREIRA
Ilustrações: Raquel Matsushita
Ôzé
48 págs.

Chove lá fora. A avó está às voltas com a preparação de um bolo, ótima pedida para um dia em que o clima resolveu não colaborar com a brincadeira das crianças. Não que isso impeça, nesta narrativa voltada para os pequenos, que Lia saia em busca de um tatu. Assinada pela experiente atriz, dramaturga e diretora teatral Marília Moreira, que anteriormente publicou **Lia e o feitiço da palavra** pela mesma editora, a história se desenvolve em dois tempos. Ainda para o público infantil, a autora paulistana fez a montagem da peça *Língua de boi*, exibida no programa *Teatro Rá-Tim-Bum* (TV Cultura), e comandou o projeto *Histórias com poesia*, que apresentou às crianças dados biográficos e versos de vários autores brasileiros. As ilustrações de **O sumiço do tatu** ficam por conta da colaboradora do **Rascunho** Raquel Matsushita, que produz vasto trabalho na área e estreou na ficção com **Mínimo múltiplo comum** (2021).



Crime e castigo
FIÓDOR DOSTOIÉVSKI
Adaptação e ilustrações: Bastien Loukia
Trad.: Carolina Selvatici
LeYa
160 págs.

Esta versão em quadrinhos de um dos maiores clássicos da literatura mundial é uma ótima oportunidade para se revisitar a história de Raskólnikov. Indicada para leitores a partir de 14 anos, a narrativa se mantém fiel ao romance original, publicado em 1866. Um jovem precisa abandonar os estudos por falta de dinheiro e, antes de cometer assassinatos, vive flinando pelas ruas. O protagonista, que se sente oprimido pelo fato de não conseguir bancar nem mesmo o cômodo estreito em que vive, acredita que seu destino deve ser grandioso — e, para atingir esse objetivo, é preciso realizar um teste extremo para confirmar se sua moralidade é mesmo superior à dos outros. A consciência de Raskólnikov, após ele cometer atos brutais, torna-se sua maior adversária. Na adaptação, Bastien Loukia privilegia as expressões do personagem e trabalha com cores intensas, deixando bem claro como tudo está ruindo na mente do jovem que queria ser tão implacável quanto um Napoleão, mas acabou se descobrindo humano.

Com mais de 100 títulos de literatura infantojuvenil e o Prêmio Hans Christian Andersen no currículo, a autora carioca é referência mundial quando se pensa na produção para jovens e crianças. Nesta história, um menino do morro, o Teleco, e um maestro têm um encontro que pode mudar a vida de ambos. “Este livro mostra o caminho entre meninos e mestres, morros e teatros, ontem e amanhã; mostra repertórios e mostra Mozart”, escreve Ricardo Prado no prefácio.



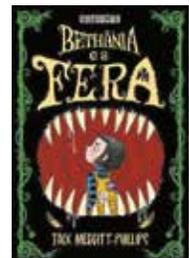
O menino e o maestro
ANA MARIA MACHADO
Ilustrações: Vinicius Sabbato
FTD
56 págs.

Os mistérios do oceano estão no centro do novo trabalho do autor da série *Percy Jackson e os olímpicos*. Inspirada no romance **Vinte mil léguas submarinas**, de Júlio Verne, a nova história acompanha a dedicada estudante Ana Dakkar, que se destaca em uma escola que forma os melhores cientistas marinhos do mundo e outros profissionais do gênero. Ao descobrir uma terrível tragédia, a protagonista vai acabar por mergulhar — literal e metaforicamente — em segredos sombrios.



A filha das profundezas
RICK RIORDAN
Trad.: Giu Alonso e Ulisses Teixeira
Intrínseca
336 págs.

Este livro, indicado para leitores a partir de 8 anos, mostra que é possível existir jovens de 511 anos. É o caso de Ebenézer Pinça, que tenta construir uma boa relação com o monstro que vive em seu sótão. Tudo corre bem enquanto o personagem mantém a fera bem redonda e, em troca, recebe a poção que mantém sua juventude. Até que um dia, quando estatuetas empoeiradas e papagaios raros não satisfazem mais o apetite do bicho, Pinça vai precisar buscar uma criança.



Bethânia e a fera
JACK MEGGITT-PHILLIPS
Trad.: Bruna Beber
Seguinte
256 págs.

Crianças também podem se sentir perdidas, solitárias e incapazes de se adaptar. Nesta narrativa poética, indicada para leitores a partir de 6 anos e baseada na experiência pessoal de Jordan Scott, o autor canadense mostra como um menino com dificuldades para falar — as palavras ficam presas no fundo de sua boca, não saem da forma que ele espera — busca o apoio do pai para se conectar com o mundo e, finalmente, encontrar a própria voz.



Eu falo como um rio
JORDAN SCOTT
Ilustrações: Sydney Smith
Trad.: Julia Bussius
Pequena Zahar
40 págs.

Uma boa história é capaz de mudar o mundo interior daqueles que desejam um pouco de paz em meio a um século tão frenético? Para o autor norte-americano, sim. Em seu trabalho ilustrado, voltado para pequenos e grandes leitores, uma garota introvertida mostra que livros e imaginação são ótimas companhias. Segundo Neil Gaiman, um dos expoentes da literatura fantástica, talvez ele tivesse se sentido menos sozinho se esta obra tivesse feito parte de sua infância.



Eu fico em silêncio
DAVID OUIMET
Trad.: Miguel Del Castillo
Companhia das Letrinhas


joão cezar de castro rocha

NOSSA AMÉRICA, NOSSO TEMPO

MIDIOSFERA BOLSONARISTA E DISSONÂNCIA COGNITIVA (3)

Dissonância cognitiva e harmonia

Nas duas colunas anteriores esbocei uma nova hipótese: a atual circunstância brasileira pode ser mais bem compreendida por meio da *teoria da dissonância cognitiva*, tal como desenvolvida pelo psicólogo social Leon Festinger. Tal hipótese, contudo, apresenta um problema e devo ser o primeiro a reconhecê-lo.

Vamos lá: hora de dar alguns passos atrás.

(E talvez nenhum adiante.)

Festinger foi um dos pioneiros da chamada “cognitive revolution”, movimento que, na área da Psicologia, especialmente nos Estados Unidos, terminou por deslocar o behaviorismo do centro da cena. Em lugar de confiar em respostas condicionadas e no influxo determinante do meio externo, a revolução cognitiva investiu na análise de processos mentais, almejando decodificar seu impacto nas relações intersubjetivas; em consequência, sua centralidade na formação social como um todo.

Um tema em particular dominou as pesquisas iniciais associadas à revolução cognitiva: a busca de coerência entre crenças e comportamentos, o imperativo do equilíbrio entre intenção e gesto. Vale dizer, apostava-se numa tendência pretensamente “natural” que privilegiaria o acordo entre as palavras e as coisas, de modo que houvesse uma congruência crescente entre as opiniões que defendemos e as atitudes que tomamos na esfera social.

Isto é, no fundo, a teoria proposta por Festinger procurava compreender os meios empregados para *superar a dissonância cognitiva*, pois o psicólogo partia de um princípio seguro, qual seja, a busca da consonância perdida seria o motor de todo processo cognitivo e, em consequência, da própria subjetividade.

Nas palavras de Festinger:

O núcleo da teoria da dissonância, tal como definimos, é simples. Propõe-se:

1. *Podem existir relações dissonantes ou “incongruentes” entre elementos cognitivos.*

2. *A existência de dissonância produz pressão para reduzi-la, assim como para evitar o seu aumento.*

3. *Manifestações de operação dessas pressões incluem mudanças de comportamento, mudanças de cognição, além de exposição relutante a nova informação e novas opiniões.*¹

Não é difícil entender a relevância desses pressupostos; ora, em sua completa ausência, sociedade alguma seria possível: a anomia seria a paradoxal regra de um grupo social em permanente ebulição autodestruidora.

(A cada esquina, um apocalipse à espreita.)

De fato, a quase totalidade do ensaio é dedicada ao estudo minucioso de formas de redução de dissonância cognitiva nas mais diversas instâncias da vida social, desde situações prosaicas a circunstâncias complexas. Em exemplo que se tornou célebre, Festinger evocou o caso do fumante que “aprendeu que o tabaco é prejudicial à saúde”. Como ele reage? Preste atenção na segunda alternativa (ela é decisiva para meu argumento, como veremos na próxima coluna):

1. *A pessoa pode simplesmente mudar sua cognição acerca de seu comportamento mudando suas ações, isto é, pode parar de fumar. Se assim o fizer, então sua cognição de sua atitude será consonante com seu conhecimento sobre os danos causados à saúde pelo fumo.*

2. *A pessoa pode mudar seu “conhecimento” acerca dos efeitos do tabaco. Dizê-lo assim parece uma forma peculiar de expressão, mas expressa muito bem o que está em jogo. A pessoa pode muito bem terminar por acreditar que fumar não possui efeito maléfico algum, ou a pessoa pode adquirir tanto “conhecimento” que afirma os efeitos positivos do tabaco que os aspectos negativos se tornam negligenciáveis. Se a pessoa conseguir mudar seu conhecimento em qualquer dessas duas direções, ela terá reduzido, ou mesmo eliminado, a dissonância entre o que ela faz e o que ela sabe.*

Análises similares definem o método de Festinger e, ao mesmo tempo, explicam o alcance de sua obra. A teoria da dissonância cognitiva chegou inclusive à cultura popular e o conceito é empregado em inúmeras disciplinas acadêmicas. Em boa medi-

da, a imersão da teoria nas ações do dia a dia operou efeito próximo ao obtido por Sigmund Freud ao valorizar a interpretação dos sonhos e a psicopatologia da vida cotidiana, numa estratégia certa que permitia que os céuticos “vissem”, se não o propriamente invisível, o inconsciente, seus efeitos mais do que palpáveis no cotidiano; afinal, sonhos e atos falhos fazem parte da vida de cada um de nós. Noutras palavras, nos casos da psicanálise e da dissonância cognitiva, lidamos com teorias cuja concretude, por assim dizer, salta aos olhos. Por isso mesmo, o método de Festinger foi fundamental para o êxito da revolução cognitiva, pois sua abordagem transformou o mundo num laboratório em potencial. Na conclusão do ensaio, o ponto foi assinalado: “Nos vários capítulos deste livro, apresentei dados de uma grande gama de contextos, relevantes para a teoria da dissonância”.

Portanto, a hipótese que esboço nesta série parece incoerente com a teoria de Leon Festinger. Dito de forma direta: como supor *a dissonância cognitiva Brasil*, se o gesto característico da cognição humana seria antes o de produzir *consonância*? Como sustentar que a midiosfera extremista tende a gerar realidades paralelas se, pelo contrário, a tentativa de conciliar crenças e comportamentos implica respeitar o princípio de realidade? Isto é, a teoria de Festinger não desautorizaria minha reflexão, em lugar de favorecê-la?

Posso ser ainda mais claro: em seu livro, o psicólogo social estuda formas diversas e plurais de redução da dissonância cognitiva. Aqui, *redução* quer dizer *superação*, a fim de retornar à situação teoricamente ideal de *consonância cognitiva*. Nesse contexto, como posso propor a existência de uma *dissonância cognitiva Brasil*? O sintagma parece ser insustentável. Não estamos diante de mero jogo de palavras? A ironia é saborosa: involuntariamente, eu não estaria fornecendo um exemplo da dissonância que pretendo identificar?

Dissonância cognitiva: forma de vida?

A pergunta é justa; na verdade, obrigatória.

Aposto minhas fichas numa lacuna que se anuncia no final de **A theory of cognitive dissonance**.

Passo a passo.

Abra comigo o último capítulo, cujo título anuncia a passagem do nível individual para o coletivo, justamente o que me preocupa no atual caos cognitivo brasileiro: *O papel do apoio social: dados acerca de fenômenos de massa*. Pesquisador com notável faro para as incoerências de sua própria teoria, Festinger acrescentou uma ressalva reveladora:

Teoricamente, não deveria haver uma diferença significativa

se a dissonância for largamente difundida, resultando num fenômeno de massa envolvendo um grande número de pessoas, ou se a dissonância é compartilhada por um número relativamente pequeno de adeptos — assinalando que, neste último caso, o apoio social pode ser facilmente obtido.

O livro foi publicado em 1957 e segue sendo um ensaio instigante e inspirador — algo que não se pode dizer com frequência. No entanto, dois itens tratados no último capítulo devem ser radicalmente repensados à luz da revolução digital. Refiro-me às seções *Mantendo crenças inválidas* e *Proselitismo de massa*. Minha leitura maliciosa da *teoria da dissonância cognitiva* depende do aprofundamento do elo entre as duas seções. Vale dizer, as crenças são consideradas inválidas porque entram em contradição com o mais elementar princípio de realidade. E se ainda assim são mantidas, isso ocorre por mecanismos de persuasão que alcançaram um alcance inédito, mesmo inimaginável na década de 1950, com o advento do universo digital e especialmente das redes sociais. O avanço transnacional da extrema direita não é compreensível sem a consideração desse fator.

De fato, uma conclusão marginal no ensaio de 1957, nas condições contemporâneas é uma chave decisiva para decifrar fenômenos coletivos de dissonância cognitiva, tais como o trumpismo e o bolsonarismo, e suas incontáveis teorias conspiratórias:

É evidente que, por um tempo considerável, essas pessoas, apoiando-se mutuamente, foram capazes de negar a validade de evidências contrárias à crença que precisavam manter.

Numa frase, o retrato acabou da *dissonância cognitiva Brasil*. A guerra cultural, nesse registro, deixa de ser acalorada disputa de narrativas, com a finalidade de obter ganho político imediato, para converter-se em forma de vida, numa estrutura muito próximo à formação de seitas.

Exagero?

Espere as próximas colunas. 🗨

NOTA

1. Leon Festinger. *A Theory of Cognitive Dissonance*. Stanford: Stanford University Press, 1962, p. 31. Nas próximas citações, mencionarei apenas o número da página.

 **raimundo carrero**
PALAVRA POR PALAVRA

JOHN STEINBECK EXPÕE CHAGAS E LAMENTOS DOS EUA

Os norte-americanos escondem o que os Estados Unidos têm de mais verdadeiro e mais cruel jogando às traças e ao silêncio devastador a obra contundente de John Steinbeck, um dos seus escritores mais competentes. Vencedor do Nobel de Literatura em 1962, o autor de **As vinhas da ira** viu seu nome enxovalhado e sua obra rasgada porque exibía, com imensa qualidade, as chagas e dores deste gigante, cujo capitalismo nem sempre pôde estancar o sangue que corre das veias dos miseráveis.

Intérprete de um tempo dantesco chamado de “a grande depressão” — fome e miséria do Tio Sam —, Steinbeck não poderia ser diferente sob pena de trair a arte da escrita. Ali estão os pobres esforçando-se para viver, carregando nos ombros as mazelas da miséria e a fome sem precedentes.

Não creio que esta obra possa fazer medo a este país, que se ergueu das cinzas e das dores, mesmo que a miséria ainda esteja ali mordendo os calcanhares. Muito pelo contrário, em meio ao desespero, reluziu o ouro e a vitória.

Não se quer com isso dizer que não existe fome naquele país. É claro que existe. Todos nós sabemos. A raça humana se desespera e sofre em qualquer lugar. Eu mesmo vi pedintes desamparados na madrugada de Nova York, em 1989. Inevitável. Assim são construídas as nações. Impossível evitar.

É justamente a qualidade literária de Steinbeck que dá à cena de fome, de terrível fome, cercada de prantos e de gemidos, no final de **As vinhas da ira**, a dimensão humana da desgraça devastadora — e tudo isso sob o teto dos Estados Unidos.

A Família Joad, protagonista do romance, enfrenta todas as dificuldades para atravessar os campos secos e desgraciosos da Califórnia quando a noite chega e, com ela, tudo aquilo que testemunha a tormenta da noite. Não é possível continuar a caminhada. Para complicar, veio uma tempestade, dessas que molham mas não alimentam a terra. A família procurou onde se abrigar. De repente apareceu um celeiro com ares de esperança. Escreve Steinbeck:

A estrada serpenteava junto ao riacho. Os olhos da mãe perscrutavam a paisagem inundada. Ao longe, à esquerda, sobre o flanco de uma colina de sua declive, erguia-se um celeiro enegrecido pela umidade.

— Olha! — disse a mãe — Aposto que esse celeiro está bem seco. Vamos ficar lá, até a chuva passar.

O pai suspirou.

— Aposto que o dono do celeiro vai enxotar a gente.

Estava escuro lá dentro. Uma luz fraca apenas penetrava pelas fendas da parede de tábuas.

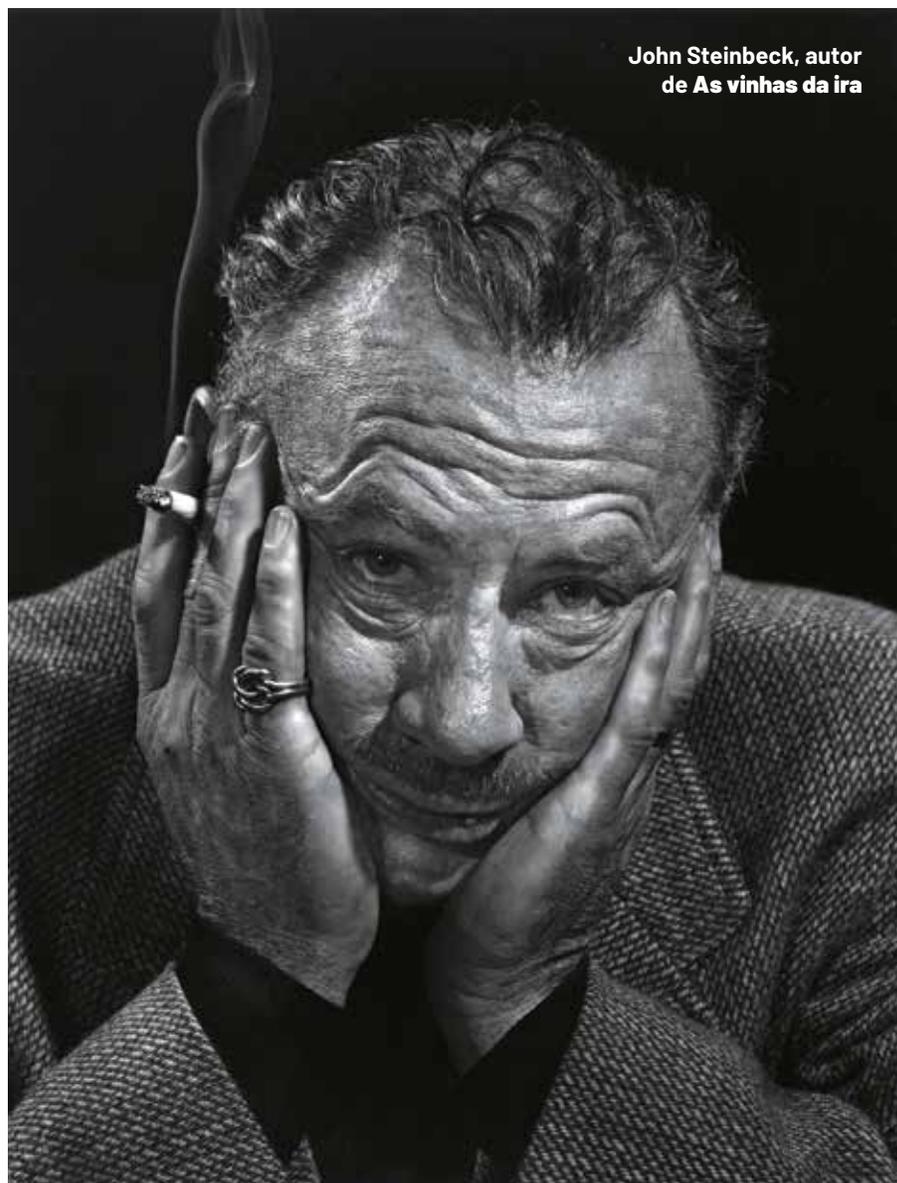
— Deita! Rosasharn — disse a mãe — Deita! e descansa, ouviu?

Vou ver se dou um jeito para secar tua roupa.

Winfield disse:

— Mãe! — E a chuva que fustigava o teto do galpão abafou a sua voz — Mãe!

— Que é? Que é que tu queres?



John Steinbeck, autor de **As vinhas da ira**

— Olha ali naquele canto?
A mãe olhou. Havia dois vultos recortando-se na penumbra: um homem deitado de costas e um menino, sentado ao lado dele, de olhos arregalados, fixos nos recém-chegados. Quando eles o olharam, o menino, lentamente, pôs-se de pé e acercou-se deles. Tinha uma voz rouca:

— Esse celeiro é seu? — perguntou.

— Não — disse a mãe —, a gente entrou aqui por causa da chuva, mas não é nosso. Tamo com uma moça doente aqui. Será que vocês têm algum cobertor seco pra emprestar? Ela tem que tirar o vestido molhado.

O menino regressou ao seu canto, apanhou um cobertor seco e entregou-o à mãe.

— Muito obrigado — disse ela. — Que é que esse moço tem?

O menino respondeu com a mesma voz rouca e monótona:

— Primeiro ele ficou doente; agora ele está morrendo de fome.

— O quê!?

— É isso. Morrendo de fome. Ficou doente na colheita de algodão e faz seis dias que não come nada. A mãe foi ao canto obscuro e debruçou-se sobre o homem. Tinha uns 50 anos. Seu corpo era barbudo e descarnado. E os olhos muito abertos. O menino colocou-se ao lado da mãe.

— Ele é teu pai? — perguntou ela.

— É, sim. Ele sempre dizia que não estava com fome, ou que já tinha comido. Dava tudo o que tinha pra mim. Agora tá fraco que não pode nem se mexer.

A chuva amainou outra vez e tamborilava com brandura no teto do celeiro. O homem emaciado moveu os lábios. A mãe ajoelhou-se ao lado dele e encostou o ouvido à boca do homem, cujos lábios tornaram a mover-se.

— Bom — disse a mãe —, fica sossegado. Espera até eu tirar as roupas molhadas de minha filha..

A mãe voltou para junto de Rosa de Sharon.

— Trata de te despir, anda — disse.

Estendeu o cobertor, fazendo dele uma cortina para se escondê-la dos olhos dos outros. E quando Rosasharn estava nua, enrolou-a no cobertor.

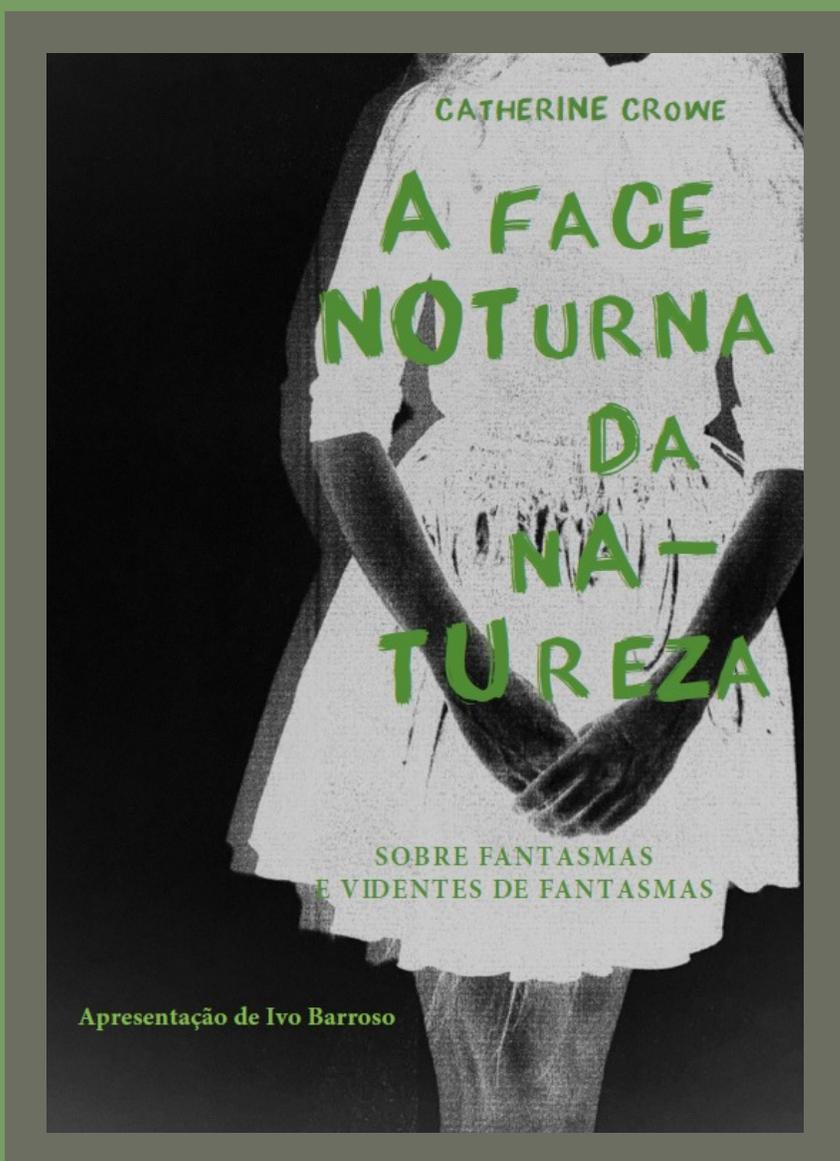
O menino estava agora novamente ao lado da mãe, explicando:

— Eu não sabia de nada. Ele sempre me dizia que já tinha comido ou então que não tinha fome. A noite passada, eu entrei numa casa quebrando vidraça da janela e roubei um pão. Dei um pedaço pra ele comer, mas vomitou tudo e depois ficou mais fraco ainda. Devia era tomar sopa ou leite ou qualquer coisa assim. Será que a senhora tem algum dinheiro pra comprar leite?

A transcrição é longa, creio, mas não poderia ser diferente. Trata-se de uma cena extremamente dramática, que continua ainda muito bonita no antológico final deste romance que causou enorme mal-estar na América. Tratou-se logo de chamá-lo de comunista, justo naquele instante em que se chegava ao auge da Guerra Fria.

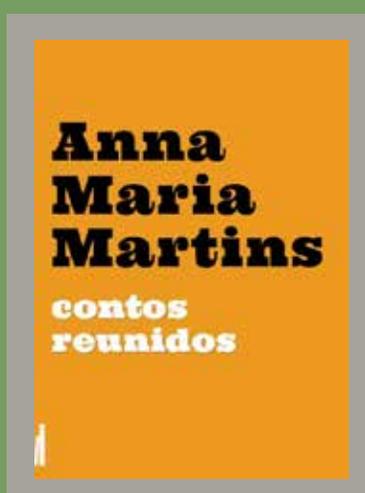
Mesmo assim, a transcrição continuaria para completar a emoção estética do leitor. Até aquela cena incrível em que o homem é obrigado a mamar no peito de Rosa para sorver o leite salvador — ela que acabara de dar à luz e o fizera com um sorriso misterioso nos lábios. 

Próximos lançamentos



A face noturna da natureza é um apanhado analítico de casos pesquisados de aparição de fantasmas e assombrações no século XIX, feito pela popular romancista da época vitoriana, Catherine Crowe.

Trata-se do livro tido como de cabeceira do poeta Baudelaire, segundo apresentação de Ivo Barroso, que descobriu e coordenou a tradução desta obra inusitada, curiosa e provocativa.



Contos reunidos, antologia definitiva de Anna Maria Martins com seleção e organização da própria autora, junto com sua filha Ana Luisa.



Vacamundi, obra única do mestre ilustrador Michele. Uma perfeita metáfora do mundo atual e seus abjetos ocupantes. Obra dos anos 1980, mas atual como nunca.

As ossadas de Ruanda

Romance de **Boubacar Boris Diop** narra o sangrento episódio em que cerca de 800 mil ruandeses da etnia tútsi foram massacrados

LUIZ PAULO FACCIOLI | PORTO ALEGRE - RS



DIVULGAÇÃO

Escrever sobre uma grande tragédia talvez seja o maior desafio que um escritor possa enfrentar. Não se fala aqui da desgraça inerente à condição humana, matéria-prima por excelência da literatura, mas de eventos que ameaçam o próprio sentido dessa construção secular que pode ser resumida no conceito de humanidade. Imaginemos transformar em palavras o que Picasso conseguiu retratar tão magistralmente em seu *Guernica*. Em casos como esse, as palavras parecem não dar conta de dizer o que o gênio andaluz mostrou usando suas tintas e pincéis. Dizer e mostrar: eis aí, uma vez mais, a diferença, embora as palavras também se prestem a mostrar, e, quando nas mãos de quem sabe manejá-las com tal destreza, o resultado seja também, e às vezes ainda mais, poderoso.

Sobre o Holocausto judeu, o maior genocídio da História — o próprio termo “genocídio” foi criado para enquadrá-lo juridicamente —, as artes todas, e muito em especial a literatura, se colocaram a serviço de um minucioso trabalho de resgate e memória. Por ter sido o maior, talvez, e parte do delírio nazista que jogou o mundo na Segunda Grande Guerra, a “solução final” para um povo perseguido em quase toda Europa segue rendendo obras que não se cansam de discutir uma questão fundamental: como a humanidade pôde ter chegado àquilo. Ver e rever, lembrar sempre para não esquecer, e nunca, jamais, repetir são as palavras de ordem a todos os que sobreviveram a ele.

Como então foi possível que, depois do Holocausto, com todo seu elenco de atrocidades que não cessam até hoje de repercutir, possa ainda ter havido outros casos de genocídio no mundo? Em Ruanda, entre abril e julho de 1994, foram massacrados cerca de 800 mil ruandeses da etnia tútsi pelos da etnia hútu, que estavam no poder desde a independência do país, em 1962, um conflito étnico artificial plantado pelos colonizadores belgas para facilitar o controle sobre os colonizados e que persistiu após sua saída. E chega a constar a constatação de que, nesta parte do mundo, saibamos tão pouco sobre mais essa triste página da História, outra a indignar toda a humanidade, pois um genocídio é também uma indignidade universal.

Murambi, o livro das ossadas, primeiro título do senegalês Boubacar Boris Diop publicado no Brasil, vem suprir em parte essa lacuna no que diz respeito ao conhecimento sobre a tragédia, outra para a qual o mundo virou as costas enquanto era perpetrada, e mesmo depois. Num longo posfácio incluído na segunda edição, em 2011 (o romance foi lançado originalmente em 2000), Diop dá detalhes de como a obra foi concebida e do próprio contexto histórico que levou à matança dos tútsis em Ruanda. Quatro anos após o massacre, um grupo de escritores africanos, financiado em parte por uma fundação francesa, instalou-se em Kigali, a capital do país, com o objetivo de entrevistar vítimas e, a partir de seus de-

O AUTOR

BOUBACAR BORIS DIOP

Nasceu em 1946, em Dacar (Senegal). Escritor, jornalista e roteirista, é autor de vários romances, ensaios e peças de teatro. Em 2000, recebeu o Grande Prêmio Literário da África Negra pelo conjunto de sua obra. **Murambi, o livro das ossadas** é seu primeiro título lançado no Brasil.



Murambi, o livro das ossadas

BOUBACAR BORIS DIOP
Trad.: Monica Stahel
Carambaia
224 págs.

poimentos, produzir obras que levassem o mundo a conhecer seu martírio. Esse foi o grande desafio de que se falou no início. Diop, um dos dez participantes do projeto, optou por uma narrativa ficcional talvez pelo que tenha sido a mais singela das razões: como ele não havia testemunhado os acontecimentos, mas ouvido a história do ponto de vista de quem a viveu de fato, a ficção lhe permitiu preencher com mais liberdade o que faltava para costurar a trama daqueles dias terríveis.

Estrutura

O romance tem uma estrutura fragmentária em quatro partes que refletem à perfeição as etapas de como ele próprio foi concebido. Na primeira delas, três personagens narram de diferentes perspectivas os dias que antecederam ao massacre, a tensão crescente no país que culminou com o assassinato do presidente Juvénal Habyarimana, cujo avião foi abatido num atentado. As razões originais desse conflito, que se agrava a cada minuto, são ainda confusas ao leitor. Dois dos narradores têm a participação restrita aos seus respectivos capítulos e em seguida desaparecem da trama. Terceira na sequência, Jessica é uma ativista política que terá importância na história central e reaparecerá outras vezes ao longo do romance.

Na segunda parte, narrada agora em terceira pessoa, o professor de História Cornelius Uvimana volta a Ruanda quatro anos após o genocídio para descobrir como e por que sua família inteira foi assassinada. Cornelius é filho do Dr. Joseph Karekezi, médico endinheirado e um dos protagonistas da hecatombe, que poderia ter protegido os seus mas acabou fugindo do país e salvando a própria pele. Esse é o grande mistério que Cornelius terá de enfrentar. Ele volta ao país com o propósito de descobrir o que de fato aconteceu, ao mesmo tempo que demonstra dificuldades para reconhecer a verdade. Não ajuda tampouco o fato de ele também ser um fugitivo, pois abandonou Ruanda no momento em que seus compatriotas eram massacrados e tardou depois quatro anos para retornar.

A terceira parte é outra vez entregue à voz de vários personagens para que eles próprios descrevam, cada qual de sua perspectiva, os cem dias da inominável crueldade a que foram submetidos os ruandeses tútsis e twas, além de muitos hútus considerados moderados. Naqueles dias, era normal que laços familiares não fossem garantia de proteção contra o massacre: a mãe de Cornelius, por exemplo, era da etnia tútsi, o que não impediu o próprio marido todo-poderoso de assassiná-la. Antes de cada chacina, as vítimas eram torturadas e as mulheres, estupradas. Nem as crianças eram poupadas. Uma visita que faz Cornelius à Escola Técnica Oficial de Murambi, um dos principais centros de execução e que mantém expostas as ossadas das vítimas que sofreram torturas lancinantes antes

TRECHO

Murambi, o livro das ossadas

Há quatro anos, houve gente que disse: os tempos estão difíceis, talvez se matarmos uma parte da população tudo melhora. Não era uma maneira espantosa de se pensar? A moça matou o pai. A mãe matou o filho. O marido matou a mulher. E todos o fizeram com alegria. Reuniam-se nas igrejas para zombar dos que estavam morrendo com sofrimentos atrozes.

de serem mortas a golpes de facção, seria uma experiência quase inenarrável em toda sua tenebrosa magnitude não fosse a inabalável frieza com que Diop consegue descrever aquele horror, eleito inclusive para intitular o livro. Quanto menos emotivo é um relato, mais impactante ele se torna, e esse é um conceito que Diop domina como poucos.

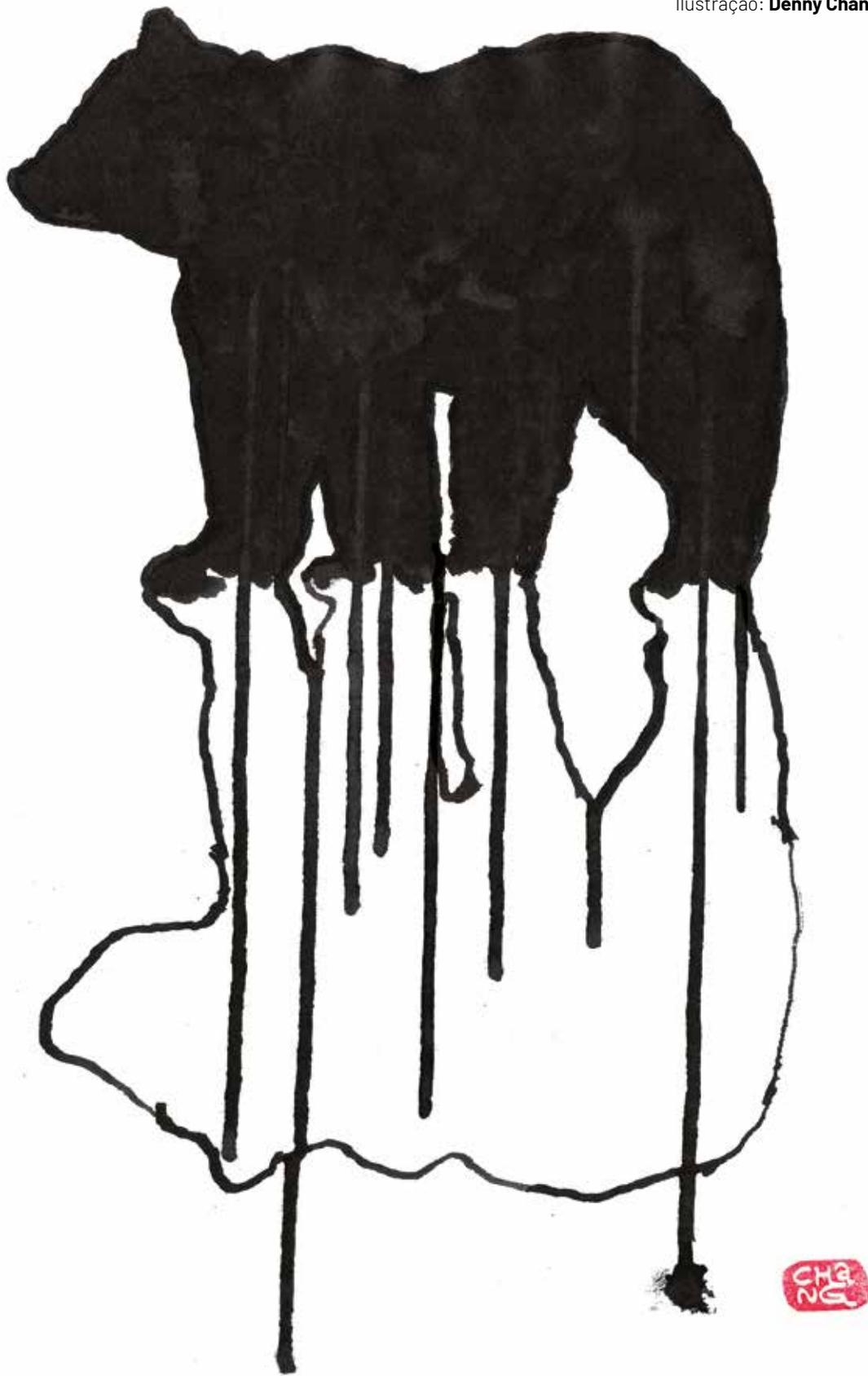
Na derradeira parte do romance, finalmente Cornelius encontra-se com um velho tio, Siméon, único membro da família que, além do pai, sobreviveu ao genocídio. O tio vinha conduzindo o sobrinho, ainda que à distância e à sua revelia, em sua tentativa de reencontrar o passado e os elos perdidos com sua família desde que ele colocou os pés de volta em solo ruandês. Numa das mais emblemáticas passagens da obra, a que consta no trecho escolhido para ilustrar esta resenha, é com uma simplicidade chocante que o lúcido e calejado Siméon, sentado enfim ao lado de Cornelius, sintetiza a hecatombe a seu único herdeiro.

A singeleza de Siméon desconcerta. São necessárias, contudo, páginas e páginas de leitura muitas vezes excruciante para se chegar àquele momento. Se foi um grande desafio escrever a história, lê-la não será menos difícil. Porque **Murambi, o livro das ossadas** conta uma história terrível e Diop não facilita em nada a vida do leitor. Talvez porque a dele tampouco tenha sido facilitada quando mergulhou no genocídio ruandês e viu expostas suas ossadas. **U**

Em 25 de agosto de 2015, a antropóloga francesa Nastassja Martin, então com 29 anos, teve a sua face dilacerada por um urso enquanto caminhava na região de montanhas vulcânicas na península de Kamtchátka, no sul da Sibéria. Esperou oito horas por socorro com um torniquete em sua perna, também mordida, e uns panos na cabeça. Em um helicóptero russo alaranjado, dos tempos da União Soviética, foi levada a um hospital-base secreta da área, operada, transferida para um hospital maior, novamente operada, e acabou por chegar a Paris, onde deu continuidade ao seu tratamento.

Nesse livro curto, pungente e extremamente bem escrito (e bem traduzido), publicado originalmente em francês (**Croire aux fauves**, 2019) e ganhador do prêmio François Sommer de 2020, Martin partilha conosco a sua experiência transformadora e busca dar a ela um sentido que vai além das aparências, colocando-a em diálogo com as concepções dos povos nativos que vinha estudando há mais de quinze anos, mais especificamente com a noção denominada pelos antropólogos de animismo. Trata-se da afirmação, por parte de diversos povos indígenas caçadores ao redor do mundo, de que os animais são também seres humanos, embora essa face não seja visível a todos. De um modo geral, são os xamãs, especialistas rituais, aqueles capazes de vê-los como gente e de interagir com eles. No entanto, podem ser vistos dessa forma em sonhos, como naqueles experimentados por Martin mesmo antes do encontro real com o urso, ou então em ocasiões específicas, inesperadas e arrebatadoras, como aquela vivida pela autora.

Martin é doutora em antropologia social pela reconhecida École des Hautes Études en Sciences Sociales, onde foi orientada por Philippe Descola, antropólogo que revitalizou a noção de animismo cunhada no contexto da antropologia inglesa vitoriana. O primeiro livro de Martin, **Les âmes sauvages** (2016), baseado em sua pesquisa de campo entre os Gwich'in do Alasca, trata do tema do animismo em termos propriamente acadêmicos, e recebeu o prêmio Louis Castex da Academia Francesa. Após essa primeira experiência, Martin, interessada na possibilidade de uma abordagem comparativa, resolveu iniciar uma nova pesquisa do outro lado do estreito de Behring, na Sibéria, junto aos evens. O seu interesse estava particularmente voltado a um clã específico, que havia decidido desligar-se do estado russo e retornar à floresta para viver ao modo dos antigos, subsistindo por meio da caça, pesca, coleta e agricultura. Embora não tenha sido fácil chegar lá, acabou por ser acolhida como uma filha e construiu com eles densos laços afetivos.

Ilustração: **Denny Chang**

A face humana do URSO

Escute as feras, da antropóloga francesa Nastassja Martin, narra a experiência transformadora de quando a autora, sozinha, sobreviveu ao ataque de um urso

APARECIDA VILAÇA | RIO DE JANEIRO - RJ

No dia do encontro com o urso, a antropóloga caminhava com dois companheiros evens na região circundante de montanhas vulcânicas e glaciares. Embora a sua família indígena tivesse tentado dissuadi-la da ideia, lembrando-a dos perigos do percurso, que incluíam a presença de ursos, ela estava decidida, e a caminhada árdua parece ter assustado mais os seus companheiros do que ela. Foi justamente no momento em que sentiu estarem todos em segurança, já tendo atravessado a parte mais difícil do trajeto, que decidiu afastar-se dos demais para aproveitar, na solidão, a beleza do local. Foi então que apareceu o urso, que como ela, parecia afastado de seu caminho e igualmente surpreso. A dois metros um do outro, olharam-se nos olhos, lutaram e sobreviveram, misturando definitivamente os seus corpos com sangue, pelos, carne e cabelos.

Foi somente após retornar à sua família evens, depois do calvário hospitalar, que conseguiu entender que aquele encontro estava longe de ser um acidente. Ela e o urso estavam fadados a se encontrar, o que já havia sido pressentido nos sonhos da autora e adivinhado no nome que recebera dos evens muito tempo antes: *mátukha*, ursa. Como lhe disse Dária, a matriarca da família que a acolheu, Martin revelara ao urso, refletida em seus olhos, a sua própria imagem humana, ou seja, a sua alma. Uma visão arrebatadora e insuportável para ele, defrontado com um duplo de si mesmo.

Escritora das boas

Embora o livro inicie-se com o momento logo após a luta, quando o urso, ferido pela piqueta de Martin, havia fugido para longe e ela aguardava pelo socorro solicitado pelos companheiros que a encontraram ensanguentada, o encontro propriamente dito só será detalhado perto do final do livro, justamente quando os seus esforços em dar sentido ao acontecimento parecem finalmente ter algum sucesso. A narrativa se faz assim de idas e vindas, onde se intercalam momentos de reflexão, conversas com médicos, parentes, amigos, sonhos e cenas da vida na Sibéria e na França, sem jamais perder o seu fio condutor, sem jamais deixar o leitor perdido ou desinteressado.

Em entrevista ao festival literário *Bibliotopia* de 2021, Martin explica que há muito pensara em contar essa experiência, mas que logo entendeu que ela não poderia ser narrada de modo linear ou com uma linguagem acadêmica. Para que pudesse “contar uma experiência que é da ordem do impensável” foi preciso uma outra linguagem e uma liberdade de estilo que somente a literatura pode lhe oferecer. Nem todos, entretanto, conseguem acessar esse outro modo

de escrita com sucesso. Martin revelou-se, além de antropóloga, uma escritora, e das boas.

Academia e vida real

Como antropóloga, partilho algumas de suas experiências (embora muito menos radicais) e muitas de suas questões. Somos treinadas a partir da leitura de teorias e dos relatos de outros antropólogos, sobretudo daqueles que trabalharam na mesma região que nós; no meu caso, a Amazônia. Normalmente temos, desde muito jovens, esse impulso de deslocamento, de conhecer outros mundos. Nada, entretanto, nos prepara para esse encontro com a alteridade radical, com essas pessoas tão diferentes de nós e com o mundo estranho que nos revelam.

Nosso ofício envolve conhecer pessoas e relacionarmos-nos com elas. Para isso temos que viver junto, comer junto, aprender uma nova língua e um outro modo de estar no mundo. É sempre uma experiência dura, arrebatadora e intensa, exatamente como surge nas descrições de Martin sobre a sua vida entre os evens.

Acabamos por nos aproximar muito das pessoas com quem convivemos. Embora saibamos que a relação afetiva forte que nos une está na base de tudo o que aprendemos, ao prepararmos nossos artigos, teses e livros acadêmicos, somos, pelo formato exigido e a linguagem disponível, levados a deixar a densidade desses laços fora de nossas páginas. Por essa razão, é comum que antropólogos escrevam, ao lado de seu livro etnográfico, onde trabalham com conceitos e questões propriamente antropológicas, uma espécie de livro paralelo, de memórias, onde relatam mais livremente as suas experiências.

Poder da literatura

Recentemente, escrevi o meu próprio livro paralelo, **Paletó e eu. Memórias de meu pai indígena** (2018). O seu ponto de partida foi também uma experiência traumática, embora, felizmente, sem cicatrizes físicas. Depois de trinta anos de convívio com os Wari', povo indígena do oeste de Rondônia e de vários livros acadêmicos publicados, sofri a morte do meu pai indígena, Paletó, o homem que me adotou e fez de mim uma antropóloga. Um fato súbito, que não me permitiu ter tempo útil para me deslocar do Rio de Janeiro, onde vivo, para Guajará-Mirim, em Rondônia.

Participei, em casa, do canto fúnebre dos meus irmãos indígenas, filhos de Paletó, via celular, e a tristeza me fez, no dia seguinte, começar a escrever o que eu pretendia ser a sua história de vida, caso eu não tivesse, como autora, sido tentada a entrar na história e partilhar a minha visão dos acontecimentos narrados. O livro acabou por se tornar uma dupla

biografia, minha e dele, misturados que estávamos depois de trinta anos de convivência.

Como Martin, entendi que essa história só poderia ser contada por meio da literatura. Descobri, como ela, o poder desse outro tipo de escrita, não só para conseguirmos digerir a dor e o espanto, mas também para falarmos para um outro público sobre o nosso ofício tão pouco conhecido, e para darmos a conhecer, a um universo mais amplo, o sofisticado pensamento de povos que, em todas as partes do mundo, encontram-se profundamente ameaçados.

Os tais livros paralelos, além de entretenimento, têm assim uma importante função política, aquela de despertar o interesse e o respeito por esses conhecimentos outros, que grande parte dos leitores, fora do pequeno universo dos antropólogos e simpatizantes das causas indígenas, não conheceriam de outro modo.

Experiência anímica

A experiência de Martin, entretanto, é absolutamente única, daí o impacto de sua história. Tendo estudado o animismo por anos a fio e ouvido muitos relatos sobre os animais humanos, míticos ou não, o problema transferiu-se da ordem da escuta e da reflexão para a sua experiência íntima, para o seu corpo. Martin viveu uma experiência anímica, ou ao menos foi somente assim que conseguiu explicá-la satisfatoriamente para si mesma. Do estatuto de crença ou — em sua forma revitalizada por Descola — ontologia, o animismo tornou-se um fato experimentável e, no caso, extremamente impactante. Como se não bastassem as palavras de seus amigos indígenas, foi preciso um curto-circuito, um encontro de perspectivas em um inusitado olho no olho, para que tudo o que lhe diziam fizesse pleno sentido: os ursos são gente.

Ao ler o livro, surgiu-me uma conexão interessante que, embora pareça fora de contexto, gostaria de explorar para concluir esse texto. Sabe-se que na literatura de viajantes e exploradores e, mais tarde, na antropologia, há uma tendência dos relatos sobre uma mesma região assemelham-se, não somente em conteúdo, como se esperaria, mas também em estilo. Em vários momentos, o livro de Martin remeteu-me a um outro livro que, embora não tematize a vida de povos indígenas no chamado “Grande Norte”, fala de um certo lugar comum a ambos, não somente em termos das experiências físicas e psicológicas, mas também espacial: aquele das pessoas feridas quase mortalmente no rosto por um ataque inusitado, seu périplo hospitalar e seu esforço obsessivo em compreender o acontecimento. Trata-se de **O retalho** (2020), romance autobiográfico do jor-



Escute as feras

NASTASSJA MARTIN
Trad.: Camila Boldrini
e Daniel Lühmann
Editora 34
112 págs.

nalista Philippe Lançon, que teve o maxilar destroçado no atentado ao jornal *Charlie Hebdo*, no mesmo ano de 2015, somente alguns meses depois do ocorrido com Martin. Caso a ordem temporal tivesse sido invertida, eles teriam se encontrado no hospital parisiense Sapêtrière, onde ambos foram cortados, costurados e novamente cortados.

Em ambos os livros, muitas páginas (especialmente no caso de Lançon, que esteve internado por muito mais tempo) são dedicadas à descrição da relação com os médicos e enfermeiros, dos quartos, das salas cirúrgicas, dos sons dos corredores, do tédio, das dores e da aflição com a imobilidade. Sobretudo, falam da angústia em não reconhecer o próprio rosto e em não compreender o significado do que lhes aconteceu.

Lançon estava contente na manhã do ataque, tomou café, fez seus exercícios sobre o tapete da sala, falou com a namorada e decidiu, ao invés de ir diretamente à redação do jornal *Liberation*, passar na sede do *Charlie Hebdo*, onde ficou para uma reunião. Ouviram tiros, viu sangue e seus companheiros mortos. Atingido por um tiro no rosto, fingiu-se de morto deitado no chão, abrindo os olhos somente o suficiente para não esquecer das “pernas pretas” que via circular para lá e para cá, certificando-se das mortes.

Martin também estava contente em ter sido acolhida pela família evens e se assegurada de seu preparo físico e determinação no sucesso da caminhada aos vulcões. Foi justamente nesse momento de relaxamento que o urso surgiu e a desfigurou, o mesmo tipo de relaxamento que Lançon experimentava na reunião no *Charlie* em que sofreu o ataque, permeada por piadas e risos.

O jornalista, em meio às suas cirurgias de reconstrução, buscava na literatura e na música, assim como na reflexão política, a resposta para a sua perplexidade. A antropóloga foi buscá-la em seus parceiros indígenas, para onde voltou assim que lhe foi fisicamente possível. Embora apaziguados ao final de seus relatos, parece-me que as palavras de Martin na entrevista já mencionada valem para os dois: “Não há resposta ou solução. É *okay* não saber de que lado você está, e os antropólogos aprenderam a habitar esse espaço”.

Ao final, a perplexidade permanece junto com as cicatrizes no maxilar, que deram a ambos uma expressão levemente estranha, como um realinhamento facial, que deixa claro que estamos diante de uma pessoa diferente daquela que viveu sob aquele rosto, como em uma máscara animista, daquelas de que fala Martin, em que a face exterior se abre para deixar à vista um novo rosto, antes escondido. **U**



A AUTORA

NASTASSJA MARTIN

Nasceu em Grenoble, na França, em 1986. Estudou antropologia na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, onde se doutorou em 2014, sob a orientação de Philippe Descola, com uma tese sobre os gwich'in do Alasca — publicada, em livro, com o título **Les âmes sauvages** (2016). **Escute as feras**, lançado originalmente em 2019, é seu segundo livro.

À revelia da tristeza

Conjunto de versos do angolano **Ondjaki** funciona como um caderno de exercícios poéticos e cria imagens que vão contra o cinza do mundo

ANA LUIZA RIGUETO | RIO DE JANEIRO - RJ

A poesia pode fazer uma coisa estranha com o tempo: levá-lo simultaneamente para trás e para frente. Quem o diz é a poeta argentina Diana Bellessi, que compara o poema ao colibri, único pássaro capaz de voar também para trás. Os aborígenes acreditam, escreve a brasileira Carola Saavedra, que o mundo físico é uma caligrafia do mundo espiritual. Pensar a criação poética observando o funcionamento da vida humana ou animal é algo que também pode ser notado no livro de poemas **Materiais para confecção de um espanador de tristezas**, do angolano Ondjaki, em que a escrita imita o gestual de plantas, da chuva, de animais e de objetos para formular a si mesma, como nos versos “na falta de dedos/ a lesma fez adeus com o corpo./ e veio a chuva” ou em “os poemas eram restos de lixo que ele colecionava/ no quarto ou no coração das mãos”.

O livro foi publicado pela primeira vez em Portugal em 2009 e está sendo editado pela primeira vez no Brasil este ano. É composto por 57 poemas, divididos em três seções: *A noite seras*, *Imitação de madrugada* e *Três poemas verticais*. Logo na epígrafe, escrita pelo próprio autor, lemos uma espécie de nota sobre os poemas que virão:

tinha aprendido que era muito importante criar desobjectos.

certa tarde, envolto em tristezas, quis recusar o cinzento. não munido de nenhum artefacto alegre, inventei um espanador de tristezas. era de difícil manejo — mas funcionava.

*ondjaki
julho/2002*

Aqui começam os indícios de que **Materiais para confecção de um espanador de tristezas** é marcado por uma série de procedimentos que aludem a um caderno de exercícios: datas da escrita dos poemas, comentários do autor em notas de pé de página, grifando pensamentos à parte dos poemas. Esses elementos conferem ao livro o aspecto de conjunto de exercícios poéticos. Como no poema *Bagagem*, que ao fim da página traz, em asterisco, nota que dá continuidade ao poema, na forma de um pensamento avulso que se preferiu não esquecer: “na vida acostamos e abandonamos portos e cais. para não olvidar uma bagagem convém pegar em catorze alforrecas encantadas e [com elas] atar a bagagem ao pulso — até o ardor não arder mais. [a vida é o peso do ausente sobre o resto da vitória, nove fora o sal das lágrimas. a cicatriz também.]”

É como se os materiais para escrever os poemas aparecessem como rastro do trabalho do autor e suas formulações poéticas estivessem disponíveis, na mesa de trabalho, prontas para o uso. Porque além das datas, notas de pé de página e anotações sobre poesia, também é possível reparar que a composição de certas imagens poéticas se articula diante do leitor, em estado de manual de instruções, como quando lemos, no poema *Pequeno espana-*



DIVULGAÇÃO

dor de tristezas: “vou encher-me de silêncios e imitar as pedras. adormecer entre as pedras pode ser que me contagie delas. depois de conseguir ser pedra vou exercitar o sorriso dessa pedra que eu for. com esse sorriso vou iniciar uma construção.../ uma construção pode ser bem o lado avesso de uma certa tristezura”.

Ondjaki formula seu espanador de tristezas e compartilha essa formulação com o leitor, deixando à mostra aspectos do funcionamento de sua “máquina criativa”: os processos de criação de imagens, metáforas, pensamentos, alusões. Se logo de cara, na epígrafe, avisa sobre a criação de “desobjetos” que se seguirão, quando avançamos na leitura vemos os andaimes de sua construção poética, e assistimos à elaboração que está em curso. Por exemplo, no poema intitulado *Fogo [ondalu]* [27/8/02], lemos: “acontecia-me/ perdoar mais as falhas do meu lápis/ que as minhas”. E ainda: “se eu fosse realmente dono do poema/ demitia-me da minha obrigação de pessoa/ — não escolhia caminhos”. Há, nos poemas, uma consciência sobre a sua própria formulação, que faz do processo de escrita um modo de testar caminhos, falhar com o lápis e tomar todo o processo como a confecção das metáforas que resultarão, afinal, nos poemas que lemos.

Polpa da língua

O escritor brasileiro Paulinho Assunção escreve no posfácio ao livro que Ondjaki, além de promover, no espaço do poema, encontros literários entre autores como Mário de Andrade, Guimarães Rosa e Luandino Vieira, faz o leitor “apalpar a polpa da língua angolana-brasileira-portuguesa”.

Esse encontro entre nacionalidades pode ser notado não somente nas muitas citações a autores como Carlos Drummond de Andrade (“[o poema] longe dos pensamentos/ imitava uma pedra/ [aí as palavras drummondavam]” e Adélia Prado (no poema *De Adélias e prados*), como também pelo uso de vocábulos da língua banta Umbundo, falada em regiões de Angola (como no poema citado aqui anteriormente, intitulado [*Fogo [onda-*

lu], sendo “ondalu” a palavra em Umbundu para “fogo”).

Essa “polpa da língua angolana-brasileira-portuguesa” também pode ser notada quando o autor tematiza ou menciona Luanda, como em *Escrevo a palavra Luanda* [3/5/03]: “todas pessoas/ muitas/ todas histórias bonitas/ amanhã/ vão acontecer de novo/ [a beleza das histórias, gasta?]/ Luanda// és uma palavra deitada/ nas cicatrizes/ de uma guerreira bela”.

O poema faz lembrar do histórico de dominação colonial vivido pelo país, que culminou, já no século 20, na guerra civil de Angola. O conflito, que durou de 1975 a 2002, é considerado como a guerra civil mais longa e mortífera do continente, tendo se iniciado após a Revolução dos Cravos em Portugal, quando o país europeu deixou de comandar o governo de suas colônias, havendo a partir daí uma série de disputas internas em Angola pelo comando do país.

Neste livro de poemas, o autor se debruça não tanto na guerra, mas sobre uma Luanda que existe apesar das violências, habitada por outras paisagens e afetos, como no poema *Confissões*: “aqui é Luanda — terra das gentes várias e o carnaval das árvores”. Ou em *Corpo*, no qual lemos: “em cima do que foi olhado/ pela poesia// estendo meu luando// empresto o meu corpo ao chão/ e adormeço”.

O que nos leva de volta ao início do livro, quando Ondjaki avisa que, por não possuir artefatos alegres, inventou um espanador de tristezas — “era de difícil manejo — mas funcionava”. Desse modo, é possível ler **Materiais para confecção de um espanador de tristezas** como um caderno de exercícios praticados à revelia da tristeza. Nesse sentido, ao confeccionar “desobjetos”, os poemas usam a língua — ou as línguas — para imitar aquilo que está alheio à tristeza — o movimento das lesmas, um espanador de pós, a chuva — e com isso criam — constroem, confeccionam — lugares habitáveis dentro de outros lugares, sucessivamente, em um contínuo exercício de traçar e desfazer caminhos. ❶

O AUTOR

ONDJAKI

Nasceu em Luanda, capital da Angola, em 1977. Transita pela prosa para jovens e adultos e pelos versos. No Brasil, seus livros **A estória do sol e do rinoceronte**, **Verbetes para um dicionário afetivo**, **Os da minha rua** e **Há prendisajens com o xão (o segredo húmido da lesma & outras descoisas)** foram publicados, ou voltaram a circular, recentemente.



Materiais para confecção de um espanador de tristezas

ONDJAKI
Pallas
80 págs.

O amor nos tempos do Estado Islâmico

No romance **Lar em chamas**, a paquistanesa Kamila Shamsie entrelaça política, religião, laços familiares e amor em um suspense crescente

MARCOS ALVITO | RIO DE JANEIRO - RJ

Mais incrível do que um romance conter tantos elementos como honra, lealdade, traição, mentira, democracia, terror, propaganda, política, religião, laços familiares e amor é o fato de estarem entrelaçados, articulados à trama ficcional, à trajetória dos personagens e às relações entre eles.

O objetivo de Kamila Shamsie não era dos menores. A autora afirmou ao *New York Times*: “Não controlamos nossas vidas; (...) Estamos sobretudo enredados em um mundo mais amplo com uma miríade de forças agindo sobre nós de maneiras maiores e menores”.

Shamsie enreda os leitores com uma história ao mesmo tempo eletrizante, lírica, irônica e trágica. Gira em torno de cinco personagens. Em uma estrutura sutil e inteligente, a autora vai contando a vida de cada um deles em sequência, feito uma corrida de revezamento: cada um recebe o bastão da história e a leva mais adiante, aumentando a intensidade e garantindo um suspense que culmina em um desfecho arrebatador. Literariamente falando, vemos o mundo e os acontecimentos pelo prisma de cinco pessoas bem diferentes, enriquecendo a narrativa. Com um uso afinado do estilo indireto livre, a autora faz com que a voz de cada personagem seja ouvida.

Personagens

Karamat Lone é o político de origem paquistanesa que através do casamento conseguiu alcançar o parlamento britânico. Torna-se ministro do Interior — o maior responsável pela segurança nacional em tempo de atentados terroristas e do apogeu do Estado Islâmico. Desde o início de sua trajetória, Karamat é mais realista do que o rei, implacável com os britânicos de origem muçulmana, atitude que lhe traz popularidade junto ao grande público e o desprezo da comunidade à qual pertencera, que o vê como “duas caras” e traidor. Ele não se importa. Basta dizer que adora o seu apelido na mídia: *Lone Wolf*, o “Lobo Solitário”. Sua pretensão é tornar-se Primeiro Ministro e está disposto a sacrificar o que for necessário.

Eammon, seu filho, nutre adoração pelo pai, ingênuo que é diante das jogadas políticas. Despreza sua origem paquistanesa: mal sabe algumas palavras em urdu e apoia o pai e sua “defesa dos valores britânicos”. É capaz de atravessar a rua para não passar por uma mesquita. A riqueza da família, proveniente de sua mãe, uma americana-irlandesa, permite que ele não tenha preocupações quanto a uma carreira profissional e possa abandonar tudo para “viver a vida que havia além dos escritórios”. Herda os traços físicos do pai, mas não o seu temperamento inflexível e ambicioso. Embora seja um *bon-vivant*, que pouco percebe o que está ocorrendo à sua volta, Eammon é íntegro e de bom coração, capaz de se apaixonar, como um Montecchio foi capaz de se apaixonar por uma Capuleto.

Família assombrada

O pai fora um jihadista que lutara no Afeganistão e morrera quando estava sendo enviado para Guantánamo. Somente sua primeira filha conviveu com ele apenas por um breve período, quando ele voltou para engravidar sua mãe de gêmeos antes de desaparecer para sempre. As crianças foram cuidadas pela avó e pela mãe, até que estas duas morrem no mesmo ano. A filha mais velha, Isma, então com vinte e um anos, fica responsável pelos irmãos gêmeos Aneeka e Parvaiz, à época com doze anos. Todos são aconselhados a não mencionar a história do pai, para evitar represálias no bairro e na escola. Nem mesmo o imã da mesquita local apoia a ideia de buscar mais informações sobre a morte do pai, pois já tinha ouvido muitas histórias de abusos cometidos contra as famílias de britânicos que haviam sido presos no Afeganistão.

Isma, a irmã mais velha, é contida e responsável. No momento em que a ação ocorre, no início de 2015, depois de passar sete anos trabalhando numa lavanderia para sustentar os irmãos, ela retoma a sua carreira acadêmica. Torna-se doutoranda em sociologia numa universidade americana, para onde conseguiu embarcar após um interrogatório de horas no aeroporto em que lhe perguntam de tudo um pouco: sobre a rainha, sobre homens-bomba e sites de namoro. Em um café, conhece Eammon, identificando nele os traços do pai. Sem conseguir evitar, sente um profundo desejo por ele, mas a recíproca não é verdadeira. Como ele está voltando para a Inglaterra, se encarrega de levar uma encomenda de Isma para a irmã mais nova, Aneeka. É aí que a trama vai pegar fogo. Mas quem fornece o combustível é o irmão gêmeo dela, Parvaiz.

Segredo revelado

Um segredo bem guardado por boa parte do livro é o que acontece com Parvaiz e que terei que contar para dar sentido a esta resenha. Parvaiz é um sonhador, apaixonado por sons, que grava fazendo coleções de vários tipos. Nele a ausência e o aspecto fantasmal da figura paterna calaram mais fundo: enquanto as irmãs diziam que o pai havia morrido de malária, ele simplesmente ficava em silêncio. Esta brecha é explorada por Farood, um recrutador do Estado Islâmico, que promete a Parvaiz viver em

uma terra justa, lutando contra os inimigos do Islã e carrascos do pai.

A habilidade da autora é notável para nos fazer acreditar na rápida metamorfose de um jovem de 19 anos por meio de métodos muito pouco ortodoxos e que incluem até mesmo a tortura. Parvaiz não é religioso e tampouco violento. Mas não tem pai, não tem profissão, não tem esperança... Quando ele vê, está vivendo em um enclave do Estado Islâmico, trabalhando no setor de mídia. Certo dia é chamado pelo seu chefe para uma gravação: tratava-se de documentar uma execução por espada de um infiel, algo que é ensaiado e debatido. Para onde rolaria a cabeça? Qual seria o melhor lugar para colocar os microfones?

Eros em ação

Aneeka é o par complementar do seu irmão gêmeo, Parvaiz. Se nele a transformação é operada por meio do ódio e da camaradagem masculina, nela a grande mudança ocorre pelas mãos de Eros, cujo papel é mesmo este: tirar tudo do lugar. O acaso permite que ela conheça Eammon. Ela se entrega ao rapaz na esperança de utilizá-lo para influenciar o pai a ajudar o irmão dela a escapar do pesadelo do Estado Islâmico. De maneira inesperada, se apaixonou por ele e desta vez a recíproca é verdadeira. Mesmo assim ela não desiste do plano e para que funcione é necessário deixar Eammon no escuro quanto ao irmão, bem como manter o relacionamento em segredo.

Tudo parece correr bem. O irmão consegue uma missão que o leva até Istambul, de onde poderia retornar à Inglaterra caso a embaixada britânica o aceitasse, ao invés de enviá-lo, feito o pai, para Guantánamo. E a única pessoa que poderia fazer com que este milagre ocorresse seria o Ministro do Interior.

O que acontece? Não vou estragar o suspense. A *Antígona* de Sófocles consta na epígrafe e a autora admite que foi a sua inspiração. Os nomes dos personagens são os nomes gregos modificados: Aneeka é Antígona, Karamat é Creonte, Parvaiz é Polinices. Mas a trama é potencializada e enriquecida por também se apoiar na história de um amor impossível e trágico como o de *Romeu e Julieta*. **📖**



Lar em chamas
KAMILA SHAMSIE
Trad.: Lillian Jenkino
Grua
288 págs.



A AUTORA
KAMILA SHAMSIE

Nasceu em Karachi, no Paquistão, em 1973, onde passou sua infância. Veio de uma família de intelectuais. Saiu para estudar nos Estados Unidos e atualmente reside em Londres, tendo cidadania paquistanesa-britânica. É autora de seis romances, sendo este o mais recente, pelo qual recebeu o *Women's Prize for fiction* em 2018.

TRECHO
Lar em chamas

Era fim de março. Ele tinha sobrevivido ao tédio e à afronta das aulas da Xaria, nas quais aprendeu que todos que ele amava eram infiéis ou apóstatas e que as duas categorias mereciam morrer, que era contrário à vontade de Alá usar camisetas com propagandas, ou indicar caminhos errados para alguém, ou permitir que suas mulheres se sentassem em público.

DESMOND O'GRADY

Tradução e seleção: **André Caramuru Aubert**

Self portrait of Reilly as a young man

Through all the beads and missal mass of days
That bible-bound me down the litany
Of years, from matins child to compline man,
I fidget feared your power of cowl and collar.
And in my mea culpa student fear—
Obedient in the poor sight of chaste eyes—
I'd kneel from habit down in organ night
A monk-made man, toy of tonsured mind.

Came day when I—strolling the tall toll
Of the convent morning, slow as the swing of the bell,
A choir of woods on either side and centre
Aisle of river in between—walked into
Break bread and bless wine sun in altar sky
And knew, for one quick consecrated catch
Of hallowed hour, the priest-made price and power
Of Mother Church and Mother Land and Mother.
Knew that if I was ever to ordain
My word in adult days, and have a Church;
Create salvation in creating freedom;
I must be priest-poet-layman to myself.

Autorretrato de Reilly quando jovem

Ao atravessar todos os ornamentos e missais dos dias
Aquele bíblia me amarrou à ladainha
Dos anos, desde as infantis matinas até o adulto complacente,
E inquieto temi o poder da batina e do colarinho.
E, na mea culpa de um estudante assustado —
Obediente sob a miopia dos olhos castos —
Eu por hábito me ajoelhava, nas noites, ao som do órgão
Um monge que se fez homem, diversão de mentes tonsuradas.

Chegou o dia em que eu — vagando sob as badaladas
Matinais do convento, lento como o balanço do sino,
Os coros de madeira nos dois lados e no corredor
Do meio com um rio ao centro — caminhei para
As migalhas de pão e do abençoado vinho no altar ensolarado
E soube, num imediato e consagrado impulso
De um santificado momento, o preço do sacerdócio e o poder
da Madre Igreja e da Pátria Mãe e da Mãe.
Eu soube que, se eu um dia viesse a ser ordenado
Para, adulto, espalhar minha palavra, na minha igreja;
Levando a salvação ao levar liberdade;
Eu precisaria ser o sacerdote-poeta-laico de mim mesmo.



DESMOND O'GRADY

O irlandês Desmond O'Grady (1935-2014) era visto, por seus compatriotas, como o mais conservador dos modernos, ou o mais moderno dos conservadores. Isso porque sua obra é um eterno equilibrar-se entre a antiga herança celta da Irlanda e a poesia modernista universal de autores como Pound e Beckett (dos quais foi amigo e discípulo). Viajante incansável, O'Grady amava o Oriente, e traduziu muita poesia árabe para o inglês.

Purpose

I looked at my days and saw that
with the first affirmation of summer
I must leave all I knew: the house,
the familiarity of family,
companions and memories of childhood,
a future cut out like a tailored suite,
a settled life among school friends.

I looked face to face at my future:
I saw voyages to distant places,
saw the daily scuffle for survival
in foreign towns with foreign tongues
and small rented rooms on companionless
nights with sometimes the solace
of a gentle anonymous arm on the pillow.

I looked at the faces about me
and saw my days' end as a returned ship,
its witness singing in the rigging.

I saw my life and I walked out to it,
as a seaman walks out alone at night from
his house down to the port with his bundled
belongings, and sails into the dark.

Propósito

Eu encarei minha rotina e soube que
aos primeiros sinais do verão,
precisaria deixar tudo o que conhecia: a casa,
a familiaridade da família,
os companheiros e as memórias da infância,
um futuro bem cortado como um terno de alfaiate,
uma vida estável entre os amigos da escola.

Olhei de frente para o futuro:
vi viagens para lugares longínquos,
vi a luta diária por sobrevivência
em cidades estrangeiras com línguas estrangeiras
e pequenos quartos alugados com noites
solitárias, por vezes aquecidas
por um meigo e anônimo braço no travesseiro.

Olhei para os rostos ao meu redor,
vi o fim dos meus dias como os de um navio regressado,
suas testemunhas cantando nos cordames.

Vi minha vida e caminhei para ela,
como um marujo que sai de casa e caminha
sozinho, para o porto, seus pertences na
mochila, navegando para a escuridão.

The poet in old age fishing at evening

for Ezra Pound

Comes a time
When even the old and familiar ideas
Float out of reach of the mind's hooks,
And the soul's prime
Has slipped like a fish through the once high weirs
Of an ailing confidence. O where are the hooks
On this kind of dead?

Upright as love
Out on the tip of a tail of rock,
The sea ravelling off from the eye,
The line like the nerve
Straining the evening back from the clock,
He merges awhile into the lie
Of his own silhouette.

O velho poeta pescando ao entardecer

para Ezra Pound

Chega um tempo
Em que até mesmo as velhas e familiares ideias
Voam e escapam dos anzóis da mente,
E a grandeza da alma
Terá escapado como um peixe através dos outrora altos açudes
De uma debilitada confiança. Ah, onde é que estão os livros
Sobre esse tipo de morte?

Ereto como o amor
Bem na extremidade de um rochedo,
O mar ficando embaralhado aos olhos,
A linha, como um nervo,
Prendendo a tarde contra o relógio,
Ele por um instante se funde à mentira
De sua própria silhueta.

Origins

We walked out of ceaseless rain, out of
grey featureless towns into the long
light of the northern summer and found
the fields in the fullness of their season.
We were never the same again.

We surveyed panoramas of low stone walls
numerous and varied as old men's wrinkles;
watched pigeons in piebald flocks
flap about farmyards as children
round church doors in Sundays;
trees looked familiar as locals
and country lanes held a nostalgic
urgency like desire.
When shall we see the same way again?

At one point I realised the sea
lay somewhere beyond all this—a mythology
of stones shored on its beaches;
realised we would some day each
have to pick up the sea shaped
stones one by one for personal
scrutiny: like an archeologist reading
fragments on an ancient site
or like a stranded sailor
hoping for a washed up bottle
with some sort of message in it.

Origens

Caminhávamos para fugir da chuva incessante, para fugir
das monótonas cidades cinzentas, indo para a duradoura
luz dos verões do norte, e nos deparamos
com os campos no ápice da estação.
Nós nunca mais seríamos os mesmos.

Inspecionamos os baixos muros de pedra,
numerosos e variados como rugas de um ancião;
observamos pombos em bandos malhados
batendo as asas sobre as fazendas, como crianças
em volta das igrejas aos domingos;
as árvores pareciam tão familiares quanto os locais,
e as alamedas denotavam uma nostalgia
tão urgente quanto o desejo.
Quando voltaremos a ver esses caminhos?

Em algum momento me dei conta que o mar
estava em algum lugar para além de tudo isso — uma mitologia
de pedras desembarcadas em suas praias;
me dei conta de que um dia nós
teríamos que colher as pedras moldadas
pelo mar, uma por uma, para um exame
minucioso: como um arqueólogo lendo
os fragmentos de um antigo sítio
ou como um marinheiro naufragado
ansiando por uma garrafa trazida pelas ondas
com alguma mensagem dentro.

The poet's request

I ask
for a house
not a hovel
for pigs and cattle,
wide open, with dignity in welcome
and a chair
well cushioned with horsehair
at my table.

Sedelius Scottus, 9th c.

O pedido do poeta

O que peço
é uma casa
não uma choupana
para os porcos e o gado,
ampla, com uma entrada digna
e uma cadeira
bem acolchoada com crina de cavalo
na minha mesa.

Sedelius Scottus, Século IX d.C.

On board ship

I saw him only once,
on a ship out of Alexandria.
He sat alone, starboard side
in the shade, reading. His
distinctive profile reminded me
of those types you still encounter
in the Levant, in Ionia's Smyrna,
in the old cafes of Alexandria.
His pigment shone polished amber,
his eyes shone like precious
stones you'd find in an Arab's
jewellery or antique shop, Marrakesh.
He remarked me, foreigner also.
We didn't speak but recognised
that, though we had much in common
silence, we each must sail separate
ways to our personal islands.
When, arrived, I rose to disembark,
he glanced up casually from his book:
The Collected Poems of Abu Nuwas.
Our eyes met in mutual acknowledgement,
like islands in an archipelago.
Wonder what cafe he sits at now
reading Abu Nuwas?

A bordo de um navio

Só o vi uma vez,
num navio para Alexandria.
Ele sozinho, sentado no deque
de estibordo, à sombra, lendo. Seu
perfil único me lembrou
aquelas figuras que ainda se pode ver
no Levante, na Esmirna jônica,
nos velhos cafés de Alexandria.
Sua pele brilhava como âmbar encerado,
e seus olhos, como pedras
preciosas das que você encontra num
joalheiro ou antiquário árabe em Marrakesh.
Ele me olhou, um outro estrangeiro.
Não nos falamos, mas soubemos
que, ainda que tivéssemos muitos silêncios
em comum, cada um de nós deveria navegar
seus próprios rumos para suas próprias ilhas.
Quando, ao chegarmos, eu me levantei para desembarcar
ele casualmente deixou ver seu livro:
A Poesia Completa de Abu Nuwas.
Nossos olhos se encontraram num mútuo cumprimento,
como ilhas de um arquipélago.
E eu penso, em que café estará ele agora
lendo Abu Nuwas?

Alexandria

You, Alexandria, shine now my last city
Of all, last of the many I've waxed
And wasted in, wandering. Some of us
Go through arrivals, lives, departures
While others dread to move for downfall.

Witness of so much dazzle and destruction
In wounding and curing time; yet still today
Sustainer of any prodigal with your achieved,
Apparently innocent, serenity. I realise now
You're the city I've journeyed to all the time.
In you I begin again, not end; city of imagination.

Alexandria

Você, Alexandria, brilhe, minha última
Dentre todas as cidades, a última de muitas pelas
Quais vaguei, sem rumo, sonhando. Alguns de nós
Buscam as chegadas, as vidas, as partidas,
Enquanto outros temem cair no abismo.
Testemunha de tanto esplendor e destruição, de
Tempos de feridas e de curas; ainda assim é hoje
O alicerce de toda a exuberante conquistada,
Serenidade de ar inocente. Eu me dou conta agora
Que você é a cidade que sempre busquei.
Em você eu recomeço, não termino; cidade da imaginação. 🗣️

MARINA TSVETÁEVA

Tradução: **Verônica Filippovna**

ДИКАЯ ВОЛЯ

Я люблю такие игры,
Где надменны все и злы.
Чтоб врагами были тигры
И орлы!

Чтобы пел надменный голос:
«Гибель здесь, а там тюрьма!»
Чтобы ночь со мной боролась,
Ночь сама!

Я несусь, — за мною пасти,
Я смеюсь, — в руках аркан...
Чтобы рвал меня на части
Ураган!

Чтобы все враги — герои!
Чтоб войной кончался пир!
Чтобы в мире было двое:
Я и мир!

Liberdade selvagem

Amo estes jogos,
Onde todos são soberbos e maus.
Que os inimigos sejam tigres
E águias!

Que a voz ativa cante:
“Aqui há ruína, e ali prisão!”
Que a noite lute comigo,
A própria noite!

Corro — atrás de mim feras,
Sorrio — nas mãos um laço...
Que me dilacere
A tempestade!

Que os inimigos — sejam heróis!
Que a festa acabe em guerra!
Que no mundo restem dois:
Eu e o mundo!

С большою нежностью — потому,
Что скоро уйду от всех —
Я всё раздумываю, кому
Достанется волчий мех,

Кому — разнеживающий плед
И тонкая трость с борзой,
Кому — серебряный мой браслет,
Осыпанный бирюзой...

И все записки, и все — цветы,
Которых хранить — невмочь...
Последняя рифма моя — и ты,
Последняя моя ночь!

22 сентября 1915



MARINA TSVETÁEVA

Poeta e tradutora, nasceu em Moscou, em 1892, e morreu em Elabuga, em 1941. O volume bilingue de poesias inéditas **Versos escritos tão cedo** será publicado em breve pela Pontoedita.

Com muita ternura — porque
Em breve a todos deixarei —
Estou pensando quem
Herdará a pele de lobo,

Quem — herdará o xale macio
E o bastão fino com um galgo,
Quem — herdará minha pulseira prateada,
Polvilhada com turquesa...

E todos — os papéis, e todas — as flores,
Que eu não consegui — guardar...
Minha última rima — e tu,
Minha última noite!

22 de setembro de 1915

Летят они, написанные наспех,
Тяжелые от горечи и нег.
Между любовью и любовью распят
Мой миг, мой час, мой день, мой год, мой век.

И слышу я, что где-то в мире — грозы,
Что амазонок копья блещут вновь.
— А я пера не удержу! — Две розы
Сердечную мне высосали кровь.

20 декабря 1915

Москва

Eles voam, escritos às pressas,
Ardentes de amargura e júbilo.
Entre dois amores crucificados
Meu instante, minha hora, meu dia, meu ano, minha era.

Escuto, nalgum lugar do mundo — tempestades,
As lanças da amazona brilham...
— E eu pena a galope! — Duas rosas
Beberam o sangue de meu coração.

20 de dezembro de 1915

Moscou

МОРЕПЛАВАТЕЛЬ

Закачай меня, звездный челн!
Голова устала от волн!

Слишком долго причалить тщусь, —
Голова устала от чувств:

Гимнов — лавров — героев — гидр, —
Голова устала от игр!

Положите меж трав и хвой, —
Голова устала от войн...

12 июня 1923

Marinheiro

Deixe-me baixar, barco estelar!
Minha cabeça está cansada das ondas!

Há muito tempo busco um porto —
Minha cabeça está cansada de afetos:

Hinos — louros — heróis — hidras —
Minha cabeça está cansada de jogos!

Deita-me entre os pinheiros e as heras —
Minha cabeça está cansada de guerras...

12 de junho de 1923

Пора снимать янтарь,
Пора менять словарь,
Пора гасить фонарь
Наддверный...

Февраль 1941

Tempo de remover o âmbar,
Tempo de mudar o vocabulário,
Tempo

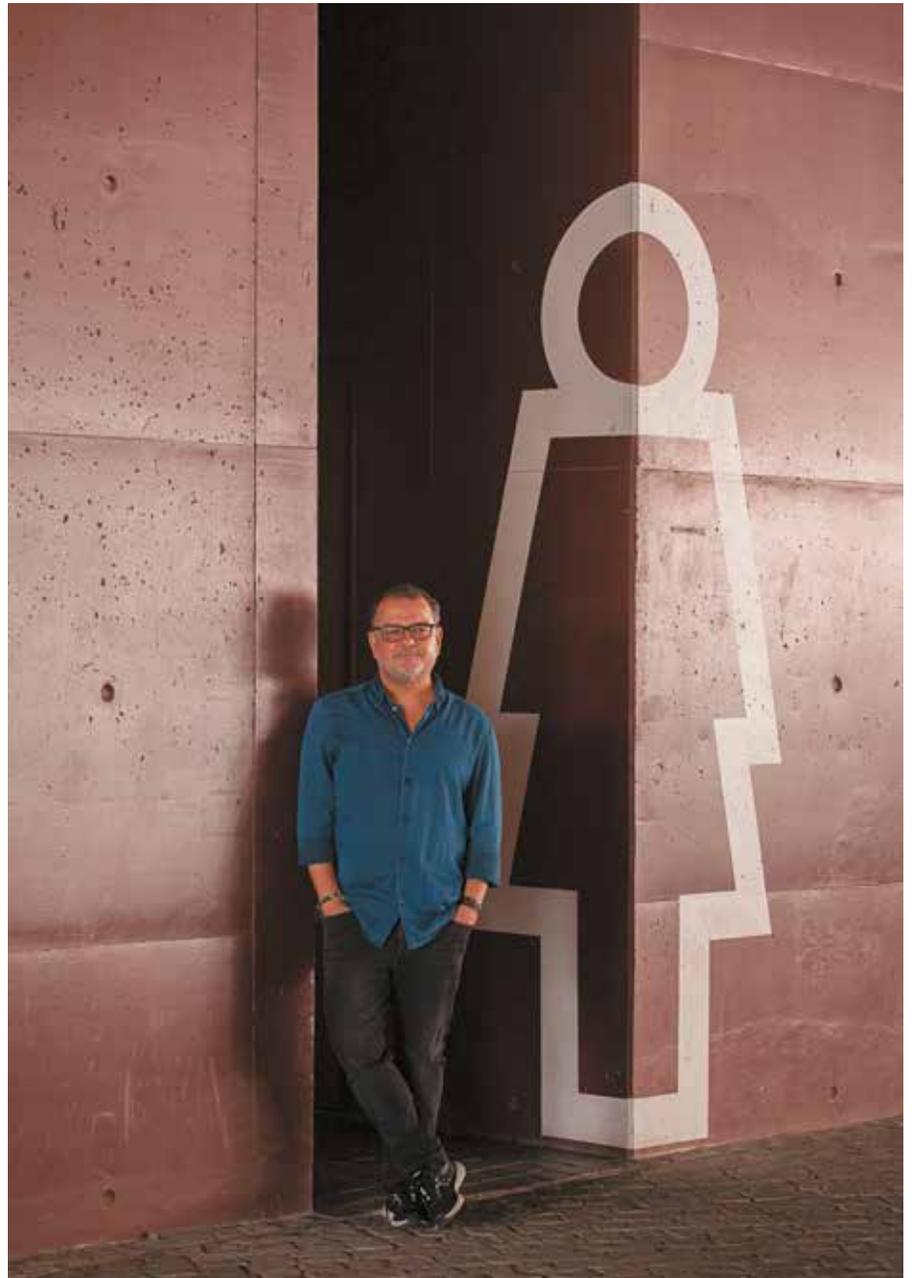
de apagar a lanterna
Usada...

Fevereiro de 1941 🇵🇱



ozias filho

QUEM EU VEJO QUANDO LEIO



ÁLVARO FILHO

ÁLVARO FILHO

É escritor e jornalista brasileiro e vive em Lisboa há cinco anos. É autor de sete livros, entre eles as ficções **Meu velho guerrilheiro**, vencedor do prêmio de melhor romance de 2017 da Academia Pernambucana de Letras, e **Curso de escrita de romance nível 2**, ganhador do Prêmio Hermilo Borba Filho e semifinalista do Prêmio Oceanos, além do conto **Otelo**, vencedor do Novos Talentos de Escrita FNAC Portugal. Escreve para o jornal *Mensagem* de Lisboa, é editor do canal literário Booker (www.bookertv.com) e fala sobre literatura policial no canal *O Detetive Literário*.



Veja mais em
rascunho.com.br



poesia brasileira

EDIÇÃO: MARIANA IANELLI

AMANDA PRADO

fratura

sobreviver ao impulso
breve da casa
às vidraças que pendem
e se multiplicam ao infinito do gesto
ao cemitério subterrâneo
de formigas tristes
às marcas das mãos sobre as paredes
ao peso das patinhas de cachorro
(não existe mais o cachorro)
rasgando ainda o concreto
ao impulso da casa contra os móveis
(os quadros ainda na parede)
contra o chão
(invisíveis)
desmoronando suas vértebras
(um corpo ainda cai)
horizontais
(continua caindo)
ao impulso da casa contra o corpo
(não existe o corpo)
contra os dentes
(mastigando uma rã)
das portas que rangem
(não abrir)
contra o silêncio
da casa
(não existe fim)
que se foi

azuis

azul é a impressão que fica
quando se acumulam intermináveis
camadas de ar

azul o som das cordas
de um instrumento
ainda sem nome

azul a sua voz
silenciosa
rasgando o invisível

azul a concha dos olhos
contra a espessura
da água

azul o avesso
da palavra morte
riscada sobre a pele

azul o esboço
de um suicídio
que ainda não

vermelho

uma pedra se dissolve ao acaso
número zero
grânulo triste
noite estrela espuma

uma pedra se dissolve nuvem
calcário lua chuva
tom de cinza

uma pedra se dissolve seiva
risco cinza
sobre o azul

uma pedra se dissolve inútil
lua barco céu balão

uma pedra se dissolve branco
silêncio de peixe
contra o rio

uma pedra se dissolve
apenas
metálico som de ave



AMANDA PRADO

Nasceu em Alagoas. É doutora em Estudos Literários e autora dos livros **A ilha de Laura** (2015), **Pedra perdendo seiva** (2018) e **Verde vidro** (2019). Desde 2004, coordena a Oficina de Experimentação Literária - Ofélia.

SIMONE TEODORO

Bruma

Repousa o incêndio
da tua mão
neste lugar
de onde outrora
escapou meu primeiro sangue
com dor e um grito.

Repõe o lírio e o lume
na turva coroa de estrelas
cravada em minha testa.

Pássaro de doçura e sândalo.

Ó tu
gestada na espuma
quando alguma coisa salina
já me sonhava.

Como inclinar minha sede
para beber teu coração
em uma taça sagrada?

Ó ave de quartzo
queimando na extremidade azul
do finito dia.

Tu vieste.
Agora meus cantares são de ninho
e o caminho é todo árvores.
Teu cheiro úmido de raiz.

Sombra mordida
pelo sol da manhã.

Infância

Cães bocejavam
na minha solidão

Mãe embriagada
fervia água para
ferir o pai

Eu desligava o fogo
Ela tornava a acender

Tão triste ter de me equilibrar
entre duas dores

a dela, de mulher traída
a dele, que eu pressentia
com cheiro de couro queimado e tudo mais

Eu desligava o fogo

Tão triste
O bocejo dos cães no meio dia das panelas vazias
e a morte dentro do olho de cada um

Esperar com fé pelo arrebentar de luzes
do fim da tarde
entre eucaliptos
e o cheiro das mamoneiras que eu
macerava pra sentir o sumo
Como se cheiro de tempero fosse

Juba era o nome
do nosso coelho
que virou jantar

vocês se lembram?

A carne ensopada do Juba
que eu vomitei no chão da sala

Eu desligava o fogo
da panela de sopa

mas o coelho já havia morrido
nossa carência de proteínas, não

Esperar com fé
o dia em que tudo ficaria bem

Eu desligando o fogo desligando o fogo
desligando para sempre o fogo
Meu coração triste de uma ternura inata
e do equilíbrio entre as dores todas, de todos eles

e o sol
explodindo entre os eucaliptos
com cheiro e tudo o mais
Como se tempero fosse
Como se cheiro de tempero fosse



SIMONE TEODORO

Nasceu em Belo Horizonte (MG), em 1981. É autora dos livros de poemas **Distraídas astronautas** (2014), **Movimento em falso** (2016) e **Também estivemos em Pompeia** (2019). Participa das antologias **Urbanas** (2018), **Poesia gay brasileira** (2017), **A resistência dos vagalumes** (2019), **Entrelinhas, entremontes: versos contemporâneos mineiros** (2020), **As mulheres poetas na literatura brasileira** (2021) e **Antes que eu me esqueça/ 50 autoras lésbicas e bissexuais hoje** (2021).

OTTO LEOPOLDO WINCK**Todos os nomes do amor**

Traduzo
as formas da noite
— cavalos, espelhos, iconostases —
na pele branca da aurora:
tatuagem
em teu cóccix, pinturas rupestres, barulho da chuva.

Traduzo
teu nome impenetrável
na linguagem dos surdos.

Sou teu discurso, teu código de honra, tua suma teleológica,
a mais terrível revelação.

Todos os mundos são meus.
e as órbitas incontroláveis
das partículas elementares.
O amor não ousa
a palavra
que quebraria o encanto...

Traduzo
teu nome, os usos, as bulas, a lâmina de sílex,
a descoberta da graça, a confissão auricular.
Penitência: minha língua em teu púbis, suave flagelação.

Todas as raças irão nos servir.
Não haverá fome esse dia
nem a necessidade de cartões magnéticos.

Traduzo
teu nome
noturno e o transcrevo no dorso da aurora,
no muro, no paço, na carne
do movimento operário.

Sou o fim do prenúncio, o sábado, a chaga transfigurada.
Este é o meu corpo:
tomai, comei.

(Me diz se teremos tortas de maçã para o jantar.
Se chegas para o mês.
Se morres de amor.)

Silêncio. Quando o sol nascer
eu quero ser encontrado
nu,
genuflexo,
na mais perfeita adoração.

Queda

Alguma coisa quebrou
aqui dentro
como uma tigela
que de repente escorrega do corredor de louça
e se espatifa no chão.

Alguma coisa quebrou
aqui fundo,
tão fundo
que não sei o que foi
nem onde foi.
Só sei que quebrou
sem ruído,
sem alarde.
Hoje o sono me foge
e a alvorada já não me enche os olhos
nem aquece os meus passos.

Alguma coisa quebrou
no universo,
alguma coisa tão pequena,
tão ínfima,
tão microscópica
que só meu coração percebeu

quando saí para caminhar
esta manhã com meu cão.

**OTTO LEOPOLDO WINCK**

nasceu no Rio de Janeiro (RJ),
radicado em Curitiba (PR). Doutor
e mestre em Estudos Literários
pela UFPR, foi vencedor do prêmio
da Academia de Letras da Bahia,
em 2006, com o romance **Jaboc**.
Autor do ensaio **Minha pátria é
minha língua: identidade e sistema
literário na Galiza** (2017), do livro de
poemas **Cosmogonias** (2018) e do
romance **Que fim levaram todas
as flores** (2019). Neste ano, lançou
Périplo, um poema-livro.

THAINÁ CARVALHO**A refeição**

Quebrar a casca do ovo
com o cabo da faca
atacar a delicadeza tão natural
de uma engenharia viva e banal
com a força bruta e humana
do metal

são modos de jantar

Metafísica

A inflamação
dos círculos concêntricos
sobreposição de núcleos
causando incêndios,
dois ou três ou quatro
não caminham
sobre o mesmo eixo
bem assim
a humanidade
não ama do mesmo jeito
(há quem não saiba
ainda o que é amor)
e as oratórias os tratados
as políticas de louvor
não alinham
os centros
incandescentes
não consentam
as falhas
intransigentes
pois não se põem
no mesmo lugar
os corações.

Reverência

Peito, um choro
desassossego
destemperado dos anos
um fundo, bem profundo
e profano
o grito alarga-se
uivo
espraia-se
onda
a brotar medos
no breu da noite

atenção

o som um só
em todos os reinos
em todas as árvores
em todas as pedras

alcateia

à lua apenas,
a cabeça e os dentes
respeitosos.

**THAINÁ CARVALHO**

É uma escritora e colagista sergipana, autora
dos livros de poesia **As coisas andam meio
desalmadas** (2020) e **O amor em breve
anatomia das horas** (2021). Criadora da
revista *Desvario*, uma publicação digital
voltada à literatura contemporânea criada
por mulheres. Organizou, com Amanda Reis,
a antologia de poetas sergipanas **Passos
da pedra ao mar**. É colunista da revista
Cassandra e idealizadora do projeto *Vai que
cola*, que une artes visuais e causa animal.

THÁSSIO FERREIRA

o corpo da casa crescido
costelas a mais
de pau seiva casca
mais folheando mãos espalmadas
coroadas de cajás
acerolas bananas jacas

enquanto

cascahudas águas corredeiras
farfalham sua cura
sonoríssima
ao pé do barranco
a sul dos abismos

por mais que pergunte
às nuvens ao silêncio
a meu esperma derramado
aos espinhos que doem
dentro
(de onde não logro sair)

ao que parece não tem nome
este vento daqui

mas suas mãos sem fome
desentortam espelhos
põem gosto de carne
(fresca)
na língua dos cães

justificam o tempo
sem que se entenda
e acordadas, acordadíssimas
vão dormir

cajá-manga, limão galego, jambo
a casa, as galinhas, a orla do
barranco

donde as cás, gertrudes e stein
engraçavam-se aos passantes
quand' época, tangerina, e
jabuticaba quand' em vez

cuidar da terra como
lavar a louça
— ritos de comer

em guarda junto ao garfo
o pai empunha notícias do mundo
tudo é mundo muito
embora nem sempre
pareça, pai

isso foi antes
antes da internet
quand' aqui era pouso
ponto de fuga

já era luta também
porém dentro

depois (agora quando)
explicitaram-se
primavera (pai)
sobre os cajás, limões e

pés de jambo 🐾

THÁSSIO FERREIRA

Nasceu em São Gonçalo (RJ), em 1982. Poeta e ficcionista,
publicou **(DES)NU(DO)** (2016), **Itinerários** (2018) e **agora
(depois)** (2019). Mantém a coluna *Alguma coisa em mim
que eu não entendo* na revista *Vício Velho*, e possui contos e
poemas publicados em revistas e antologias. Seu livro inédito
Cartografias, vencedor do Prêmio Cidade de Manaus 2020, será
publicado em 2021 com o título **Nunca estivemos no Kansas**.



ANDREA ZANZOTTO

Tradução e seleção: **Patricia Peterle**

Distanza

Or che mi cinge tutta la tua distanza
sto inerme dentro un'unica sera

Odora il miele sulla mensa
e il tuono è nella valle,
molto affanno tra l'uno e l'altro

Io sono spazio frequentato
dal tuo sole deserto,
vieni a chiedermi dove
gridami solitudine

E questo azzurro guasto di sgomenti
e di luci di monti
per sempre m'ha appreso a memoria.

Quanto a lungo

Quanto a lungo tra il grano e tra il vento
di quelle soffitte
più alte, più estese che il cielo,
quanto a lungo vi ho lasciate
mie scritture, miei rischi appassiti.
Con l'angelo e con la chimera
con l'antico strumento
col diario e col dramma
che giocano le notti
a vicenda col sole
vi ho lasciate lassù perché salvaste
dalle ustioni della luce
il mio tetto incerto
i comignoli disorientati
le terrazze ove cammina impazzita la grandine:
voi, ombra unica nell'inverno,
ombra tra i demòni del ghiaccio.
Tarme e farfalle dannose
topi e talpe scendendo al letargo
vi appresero e vi affinarono,
su voi sagittario e capricorno
inclinarono le fredde lance
e l'acquario temperò nei suoi silenzi
nelle sue trasparenze
un anno stillante di sangue, una mia
perdita inesplicabile.

Già per voi con tinte sublimi
di fresche antenne e tetti
s'alzano intorno i giorni nuovi,
già alcuno s'alza e scuote
le muffe e le nevi dai mari;
e se a voi salgo per cornici e corde
verso il prisma che vi discerne
verso l'aurora che v'ospita,
il mio cuore trafitto dal futuro
non cura i lampi e le catene
che ancora premono ai confini.

Distância

Agora que me cinge toda a tua distância
estou inerme dentro de uma noite só

Cheira o mel sobre a mesa
e o trovão está no vale,
muito afã entre um e outro

Eu sou espaço frequentado
pelo teu sol deserto,
vens me perguntar onde
grita-me solidão

E esse azul gasto de estarcimentos
e de luzes de montes
para sempre me aprendeu de cor.

Quanto tempo

Quanto tempo entre o grão e entre o vento
daqueles sótãos
mais altos, mais extensos que o céu,
quanto tempo as deixei
minhas escritas, meus riscos murchados.
Com o anjo e com a quimera
com o velho instrumento
com o diário e com o drama
que interpretam as noites
revezando com o sol
as deixei lá em cima pra que salvassem
das queimaduras da luz
o meu teto incerto
as chaminés desorientadas
as sacadas onde caminha endoidado o granizo:
vocês, sombra única do inverno,
sombra entre demônios do gelo.
Traças e borboletas daninhas
ratos e toupeiras indo ao letargo
pegaram-nas e refinaram,
pra vocês sagitário e capricórnio
apontaram as lanças frias
e o aquário mitigou em seus silêncios
em suas transparências
um ano pingando sangue, perda
para mim inexplicável.

Já pra vocês com tintas sublimes
de frescas antenas e tetos
se alçam ao redor os dias novos,
já alguém se alça e sacode
os mofos e as neves dos mares;
e se vou a vocês por cordas e saltos
rumo ao prisma que as discerne
rumo a aurora que as hospeda,
meu coração cravado de futuro
não zela por raios e correntes
que ainda pressionam nas fronteiras.

Atollo

Un sole che con oziosi giri
sedusse e divorò l'ombra del mondo
e crebbe sui giorni e sui mesi
già stringe il muro ed il cortile
scruta le differenze d'ago
della sabbia dei piccoli castelli
e brilla da mille bandiere
da scudi e da porte
dagli angoli dei morti.
Tra quei precari monumenti,
io là vi collocai, fragili Italie
i cui minuti segmenti
avido sale stinse,
la brace là s'indovina
dell'insetto e del libro,
là tra giochi vuoti e pericoli
al silenzio si appoggiano le clausole
della mia memoria infelice
e monti decrepiti affidano
alla sabbia insensibili sfaceli,
la sabbia senza parsimonia
colma i volti e i sorrisi
spagne l'oro dei suoni.

Già il sole penetra per le
cieche gallerie delle finestre
sugge e scinde gli ultimi
legami della mia sostanza.

Atol

Um sol que com ociosos rodeios
seduziu e devorou a sombra do mundo
e cresceu nos dias e nos meses
já abraça o muro e o quintal
sonda as diferenças da agulha
da areia dos pequenos castelos
e brilha das tantas bandeiras
de escudos e portas
das esquinas dos mortos.
Nesses precários monumentos,
eu lá as coloquei, frágeis Itálias
cujos pequenos segmentos
sal voraz desbotou,
a brasa lá se adivinha
do inseto e do livro,
lá entre jogos vazios e perigos
no silêncio se apoiam as cláusulas
da minha memória infeliz
e montes caducos confiam
à areia insensíveis esfacelos,
a areia sem parcimônia
enche os rostos e os sorrisos
apaga o ouro dos sons.

Já o sol penetra por entre as
cegas galerias das janelas
suga e cinde os últimos
elos da minha substância.

Le case che camminano sulle acque

Le case che camminano sulle acque
e che vogliono dirmi
benvenuto, se scendo dalla sera,
le case che camminano sulle acque:
o tu che accetti la stretta dolce dei canali
e che ti lasci guardare
in tutte le tue nude grazie
fin che il mio pianto ti veli
fin che l'amor mio non ti renda
primavera delle mie parole

Mi dicevano ieri
che c'era posto anche per me
nella barca dal più bel tragitto
nel fiume dal più bel mantello;
ch'ero guarito coi capelli a bosco
d'un cielo azzurro e prossimo,
con le correnti intrecciate alle dita;
mi dicevano ieri
che dalla morte mi rieducavi

Le case che mi chiamano dalle acque:
forse un invito mi sarà
qui concesso, e forse il sonno;
vedrò tutta la mia fiducia
tutto lo spazio colmarsi di rive,
di fiumi come celeri conquiste,
d'acqua immenso vigore e moto adulto

Sono andato laggiù col fiume,
in un momento di noia le barche
le reti si sono lasciate toccare,
ho toccato riva con la mano.

As casas que caminham sobre as águas

As casas que caminham sobre as águas
e que querem me dizer
bem-vindo, se eu for descendo da noite,
as casas que caminham sobre as águas:
oh tu que aceitas o abraço doce dos canais
e que te deixas olhar
em todas as tuas nuas graças
até que o meu pranto te vele
até que o amor meu não te torne
primavera das minhas palavras

Me diziam ontem
que havia também um lugar pra mim
no barco da mais bela trajetória
no rio do mais belo manto;
que eu sarara de cabelo ramado
de um céu azul e próximo,
com as correntes trançadas aos dedos;
me diziam ontem
que da morte me reeducavas

As casas que me chamam dessas águas:
talvez um convite me seja
dado aqui, e talvez o sono;
verei toda a minha confiança
todo o espaço se encher de margens,
de rios como aceleradas conquistas,
de água imenso rigor e moto adulto

Fui lá embaixo com o rio,
em um momento de tédio os barcos
deixaram as redes se tocarem,
toquei a margem com a mão. 🗣️



ANDREA ZANZOTTO

Ao poeta italiano Andrea Zanzotto (1921–2011) poderiam ser dadas muitas etiquetas, de experimental ao poeta bucólico, a hermético tardio. Na verdade, o que chama a atenção na incrível produção de Zanzotto é a sua capacidade de ser sempre ele mesmo e sempre outro. A paisagem é um elemento central nessa obra, que se estende dos anos 50 até a primeira década de 2000; na verdade, são as relações estabelecidas com a geografia, estratificações de histórias e de formas de vida. Relações que reverberam no sujeito e nele incidem. Outro aspecto é o mosaico citacional que vai da tradição italiana a seus contemporâneos — Montale e Sereni —, a poetas como Rimbaud, Lorca, Celan, Hölderlin e Rilke. Uma linguagem que não se cristaliza, que se coloca em jogo e surpreende ao acolher outras linguagens como a científica ou a da publicidade. A 7Letras e a Rafael Cometi Editor acabam de lançar **Primeiras paisagens**, que reúne toda a primeira fase da poesia de Zanzotto.

**rogério pereira**

SUJEITO OCULTO

NOSSO PAPAI NOEL

*Para Maria Clara, que ainda acredita em Papai Noel e ama Bis**Para Lorenzo, que tem várias bolas de couro**Para Sofia, que colecionou dezenas de bonecas**Há duas épocas na vida, infância e velhice, em que a felicidade está numa caixa de bombons.*

Carlos Drummond de Andrade

Quantas tristezas e alegrias habitam uma infância? Ao redor da mãe, éramos cardume de lambaris à espera da pipoca sobre o lago no chão da cozinha. No Natal, uma ansiedade previsível invadia nossos corpos frágeis e agitados. A manhã nascia ruidosa por entre as samambaias e azaleias. Já sabíamos o que nos esperava: um Papai Noel magricela, sem barba e de voz atropelada; mãos ásperas, dedos rudes e fé espantosa. Nosso Papai Noel era mulher e sua risada inexistente não balançava nenhuma pança volumosa. Não havia ceia.

Na véspera, corríamos esbaforidos para entregar os últimos pedidos: pequenos carregadores de pinheirinhos natalinos. Inesquecível emprego de calças-curtas. O pai na boleia da velha Kombi da floricultura onde morávamos de favor. Eu e meu irmão a equilibrar as plantas nas curvas de C., esta cidade que em vão tentava nos acolher. À noite, destruídos pelo cansaço, o beliche nos amparava em sua precariedade. O verdadeiro Papai Noel, recesso, não arriscava deslizar pelo cano do fogão a lenha. Não lhe daríamos a menor atenção.

No entanto, o mais ínfimo movimento na cozinha puxava-nos da cama pelos cabelos. Em desabalada alegria, cercávamos nosso esqualido Papai Noel. Do fundo de uma gaveta qualquer — nós sabíamos muito bem onde estava, mas fingíamos uma surpresa desmedida — saltava o presente: uma caixa de bombons. Maior do que a da Páscoa, quando repartíamos em três uma caixinha de Bis. O coelho nos entregava sempre um dilema: como dividir uma caixa de Bis entre três irmãos. São vinte tabletes de *wafers* lambuzados em chocolate. Um dos irmãos sempre ficaria com um Bis a menos. Ou dois irmãos com um Bis a mais. Lógica simples. Dependia muito de que lado o coelho estava. Resolvemos fazer um rodízio. A cada ano um ficaria no prejuízo. Nunca deu certo. A irmã caçula sempre ficou com sete Bis. Eu e o irmão resolvíamos nossa matemática particular à base de pouca conversa.

Nesta época, éramos três. Hoje, somos apenas dois. Dois homens silenciosos e distantes. A irmã — numa madrugada de agonia — desistiu antes da hora dos chocolates.

A divisão da caixa entregue pelo Papai Noel se dava de maneira mais harmoniosa. Cores e tamanhos eram os critérios. Desconhecia meu daltonismo, mas desconfiava de que meus olhos eram tortos — optava, portanto, pelos mais esféricos e de cores berrantes. O preferido era o de coco. O recheio escondia-se em diversos cantos da boca, por entre os dentes e não ia embora. Causava-me uma gostosa sensação de eternidade. Não sei quais eram os preferidos de meus irmãos. Nossa infância cabia numa caixa de bombons.

Naquele Natal, além dos doces, um brinquedo. O pai prometera uma bola de futebol. Tínhamos em casa alguns brinquedos de plástico. Nunca soube muito bem de onde saíram. O pai trabalhara ao lado de uma fábrica de brinquedos e, parece, ganhara algumas peças com defeito. Aos nossos carrinhos faltava sempre uma roda, andavam meio a manquitolar. O fusca azul era chamado de Garrincha. As bonecas caolhas ou carecas tinham um charme de causar pena. Nosso pequeno arsenal de bizarrices infantis. Será que os ganhara ou os roubara? Roubar brinquedo é pecado?

(Havia um tempo em que o pai chegava em casa de manhã bem cedo. Trabalhava à noite a vender flores numa praça. Nós estávamos de saída para a escola. Ele trazia sempre um pacote de papel lambuzado

de gordura. De dentro, tirava uns pastéis amolecidos que ganhara na lanchonete de um chinês e nos entregava. Lesmas recheadas de carne moída ou queijo. Mas não eram presentes. Eram apenas sobras de uma lanchonete ordinária. Nossos cadernos escolares sempre carregaram pequenas gotas de gordura.)

Da mãe, os bombons. Eu não tirava os olhos do pacote arredondado e malfeito nas mãos do pai. A bola. Uma bola de couro, novinha, gostosa de ser chutada. Uma bola de couro. Era só nisso que eu pensava. Em certo êxtase — causado somente por alegrias e tristezas exacerbadas —, abri o pacote. Dele, saltou a bola. De plástico. Cor de sujeira. Os meus olhos ignorantes nunca souberam discernir de que nor era aquela bola. De plástico. Comparei-a à cor das paredes sujas do chiqueiro urbano que mantínhamos atrás de casa, a abrigar um solitário porco magrelo. Eu segurava uma bola de plástico de cor de sujeira intensa. Teria ganhado da fábrica dos brinquedos com defeito? Teria roubado? Naquele momento, vociferei para as entranhas: ladrão de brinquedo queima no fogo do inferno enquanto durar a eternidade.

A bola pardacenta, deixei-a num canto. Agarrei-me ao bombom de coco. O que é mais eterno: uma bola de plástico ou os fiapos do coco entre os dentes? Não esqueço a bola e o ódio que senti pelo pai. Dizem que qualquer plástico leva até 450 anos para se decompor.

(Nas últimas vezes que encontrou a neta, meu pai, ainda sustentando alguma sobriedade, deu-lhe uma caixa de bombons. Iguais à que a mãe nos dava. Minha filha não é daltônica. Qualquer dia, talvez pergunte qual o critério escolhido para devorá-los. Ninguém come uma caixa de bombons aleatoriamente. Será que ao neto, o pai dará uma bola cor de sujeira?)

Todo ódio passa. Pelo menos aquele reservado aos pais. No fim do dia, quando o Natal já virava lembrança, catei a bola e reuni os amigos para uma partida. Estranhamente, ninguém notou que era de plástico e tinha cor de sujeira intensa. Corremos até a exaustão. Em casa, esperavam-me os últimos bombons. Hoje, aquela bola segue meus passos feito um animal de estimação. E não vai embora. Tenho ainda mais de quatrocentos anos para reencontrá-la. 📌

NOTA

Texto originalmente escrito em 2009 e reescrito neste final de 2021.



**Ilustração
inspirada no
trabalho de
Os Gêmeos**

NATAL DE CURITIBA

LUZ DOS PINHAIS

A

Gratidão

VAI ILUMINAR A CIDADE

A maior programação gratuita do Brasil

NATAL.CURITIBA.PR.GOV.BR

PATROCÍNIO

REALIZAÇÃO

Muffato

OBOTICARIO

Condor

COPEL
Telecom

Electrolux

EBANX

ParkShoppingBarigüi
Múltiplos

CONSÓRCIO
SERVOPA

ADEMICON

Festival

VOLVO

o3da



CURITIBA